



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

COMUNIDADE DE FEITICEIRO

História e Cultura nas Memórias e Espaços Locais

Aline Teixeira
(Organizadora)

COMUNIDADE DE FEITICEIRO

História e Cultura nas Memórias e Espaços Locais



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza
2014

Coordenação Editorial
José Ilário Gonçalves Marques

Diagramação
Mario Giffoni

Capa
Aline Teixeira

Revisão
Lúcia Jacó Rocha

Coordenação de impressão
Ernandes do Carmo

Impressão e Acabamento
INESP

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

T266c Teixeira, Aline.
Comunidade de Feiticeiro: história e cultura nas
memórias e espaços locais / Aline Teixeira. – Fortaleza:
INESP, 2014.
191P. : IL.

1. Jaguaribe (CE), História . I. Ceará, Assembleia
Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará. II. Título.

CDD 981.31

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.

INESP

Av. Desembargador Moreira, 2807 – Ed. Senador César
Cals, 1º andar – Dionísio Torres
CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil
Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707
al.ce.gov.br/inesp
inesp@al.ce.gov.br

Aos que ceifaram suas vidas entre, 1932 e 1933, quando viram no entorno do riacho Feiticeiro uma obra que serviria para livrá-los das mortes pela seca, mas não conseguiram.

A todos os que chegaram ao sítio Feiticeiro, em 1932, sobreviventes da fome, da sede, das doenças e de outros sacrifícios.

Eles que acreditaram ser possível construir um novo espaço social para viver e prosseguir com outras gerações.

Aos que participaram do nascimento dessa comunidade, mas que retornaram aos seus lugares de antes da seca.

Aos filhos descendentes desses primogênitos, que devem sempre recordar esse passado para perceber o quão forte foram no passado e o quanto puderam aprender, em cada novo presente, com o que se foi.

Agradecimentos

Ao nosso Rei que permitiu que o sonho desejado em março de 2011, se tornasse realidade.

Aos familiares de toda a nossa equipe pela compreensão e paciência conosco.

Ao professor Pinheiro, historiador e incentivador da cultura cearense. Sem seu apoio esta obra não teria sido publicada .

A Escola Militana Paes a qual estamos ligados e que serviu de suporte institucional ao projeto de pesquisa.

Aos colaboradores que nos receberam, sempre, com respeito e espírito de partilha para com nosso trabalho.

Aos parceiros mais idosos, os que, quando crianças, testemunharam o nascimento dessa comunidade.

Aos profissionais da educação da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação —CREDE/ SEDUC que nos incentivaram.

A todos os nossos irmãos que nos animaram a vivenciarmos o desejo de escrevermos um pouco sobre a nossa história e cultura.

Aos conterrâneos que residem fora e, ainda assim, colaboraram com informações e sugestões.

Apresentação

A comunidade de Feiticeiro, um verdadeiro relato de reminescências do lugarejo situado na região jaguaribana, traz a lume um retrato falado do distrito de Feiticeiro, do jeito de ser de sua gente, de seus hábitos de seu dia a dia. Ao mesmo tempo em que descreve o ambiente físico, faz o leitor conhecer um pouco de seus filhos ilustres e daqueles que vindos de outras glebas contribuíram para o crescimento do local.

Os autores e coautores, visando a manter uma fidelidade em seus relatos, preocuparam-se em ser fiéis às informações que lhes foram repassadas pelos mais antigos moradores da comunidade.

Percebe-se, no decorrer de toda a leitura, as agruras por quais passou aquela gente telúrica que, enfrentando o sol ardente da falta de chuvas e a conseqüente escassez d'água, a fome e as doenças, permaneceu em seu torrão natal.

A maior alegria vivenciada pela comunidade de Feiticeiro foi a construção de um açude, cujo início dos trabalhos data de 1932, tendo sido inaugurado, em setembro de 1933, com o nome de açude Joaquim Távora. A comunidade vivenciou, então, o seu maior sonho, tido como única solução para enfrentar a terrível falta d'água.

Deputado Professor Pinheiro

Sumário

Introdução	13
Capítulo I - Origem do povoado, os momentos no decorrer da obra do açude e a sua inauguração.....	17
1. O difícil começo.....	19
1.1 Sítio Feiticeiro.....	20
1.2 Feiticeiro: de sítio a canteiro de obra da Ifocs.....	21
1.3 A construção do açude.....	24
1.4 As epidemias.....	28
1.5 As condições de higiene de uma verdadeira multidão.....	31
1.6 Os retirantes: uns velam, outros sambam.....	31
1.7 A inauguração do açude Joaquim Távora.....	32
Capítulo II - Os primeiros anos do nascimento e desenvolvimento da comunidade de Feiticeiro.....	35
2 Os anos após a construção do açude.....	37
2.1 Os anos fabulosos.....	37
2.2 Os anos de declínio.....	41
2.3 O renascimento da comunidade.....	43
Capítulo III - Manifestações culturais.....	45
3 Manifestações culturais.....	47
3.1 Manifestações culturais surgidas ou ressignificadas na comunidade.....	47
3.2 Nos ambientes escolares: eventos nas memórias de várias gerações.....	58
Capítulo IV - As religiões na cultura local	67
4 As religiões na cultura local.....	69
4.1 A Igreja Católica.....	69
4.2 A Paróquia de Feiticeiro.....	70
4.3 A Igreja Protestante Assembleia de Deus.....	73
Capítulo V - Um estudo social e antropológico da comunidade.....	77
5 Espaços físicos e culturais.....	79
Capítulo VI - Feiticeiro em poesias.....	151
6 Feiticeiro em poesias.....	153

Capítulo VII - Considerações Finais.....	169
7 Considerações Finais	171
7.1 Datas e fatos nas lembranças observados:.....	172
7.2 Algumas curiosidades:.....	176
7.3 Telefones	177
7.4 Colaboradores do livro:	178
7.5 Colaboradores (fontes):.....	179
7.6 Instituições/Arquivos.....	179
7.7 Informações (fontes primárias ou secundárias):.....	180
7.8 Alunos com participações especiais:	183
7.9 Fontes Oraís:	184
8 Referências Bibliográficas	191
Equipe e Autoria do Livro:	193

Introdução

Este livro é uma obra coletiva e foi sendo construído, no decorrer dos anos de 2011 a 2013, por uma equipe de pesquisadores estudiosos da História da Comunidade de Feiticeiro.

O principal objetivo, ao publicá-lo, é levar às escolas, aos que possuem interesses por história e aos que chegam à comunidade, o acesso a informações obtidas ou construídas a partir de diversas fontes.

O nascimento do agrupamento social denominado “Feiticeiro” surgiu como consequência da construção do açude público Joaquim Távora, em 1932. As informações sobre esse importante momento foram coletadas, a partir de jornais da época, do relatório técnico da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas - Ifocs, e, em especial, das memórias dos últimos sobreviventes desse período.

O primeiro capítulo do livro foi destinado a tratar da *origem do povoado, os momentos no decorrer da obra do açude e a sua inauguração*.

Muitas das informações fornecidas são inéditas e podem representar a possibilidade de que o passado não seja esquecido, e que traga aos descendentes explicações para questões do presente, ou até mesmo, contribuam para a construção de soluções aos problemas atuais.

O uso de técnicas de pesquisa em história foi frequente. As principais maneiras de levantar dados do passado foram as consultas em acervos de documentos escritos, levantamento e interpretação de fotografias, entrevistas e transcrições, jornais com matérias sobre a seca de 1932, e interpretação de dados coletados com colaboradores (pessoas que cederam as informações).

O segundo capítulo está focando os primeiros anos do nascimento e desenvolvimento da comunidade de Feiticeiro. Nele as fontes principais são as memórias dos mais idosos e, mesmo, de pessoas que receberam informações de avós ou pais. Este capítulo está voltada para que o leitor tenha acesso aos contextos espaciais e culturais da comunidade que completa 80 anos em 2013.

No capítulo terceiro, são evidenciadas as manifestações culturais, de acordo com os colaboradores, tendo sido dividido em eventos promovidos na comunidade, em geral, e aqueles que tiveram a organização centrada na atuação das instituições de ensino da comunidade.

As religiões, integrantes do quarto capítulo, representam parte relevante no cotidiano local. Assim, as duas religiões mais antigas tornaram-se alvo da pesquisa e estão abordadas nesse capítulo.

As descrições elaboradas sobre cada trecho de Feiticeiro foram possíveis, a partir do uso da observação direta dos espaços e do contato com muitos moradores, repassando informações das suas impressões a respeito da rua onde residem.

As técnicas da antropologia (ciência de estudo do homem) objeto do quinto capítulo, geralmente, são usadas para pesquisa de pequenas comunidades. As observações diretas e participantes, o uso de anotações e a produção de textos para descrever a rotina são as metodologias desta etapa.

É válido destacar que cada pequena ou grande rua, cada avenida representa um traço do espaço que foi sendo edificado, fisicamente e socialmente, e que os primeiros moradores, insistentemente, nominaram Feiticeiro.

O espaço composto, atualmente, de 21 ruas e avenidas teve surgimento, em 1932, com barracões de lona, zinco ou palhas, moradias improvisadas que serviram para proteger os fortes sertanejos que aqui chegaram do sol escaldante e constante desta parte do Nordeste brasileiro.

Algumas denominações de ruas ajudam a contar a história do lugar, outras representam homenagens aos que passaram e contribuíram, das mais variadas formas, na concretização do nascer e do porvir desta terra.

O capítulo sexto desta obra compreende as participações de cidadãos da comunidade que, poeticamente, contribuem com suas produções para que o leitor possa tomar conhecimento da história local. O aspecto em comum a todos esses colaboradores é o fato de terem consigo o dom da poesia e o amor ao lugar.

Por fim, o capítulo sétimo com duas seções especiais: “Datas e Fatos” e “Algumas Curiosidades” produzidas, a partir da vontade dos muitos colaboradores de que fossem registradas algumas informações não contempladas nos capítulos anteriores.

A pretensão dos pesquisadores e autores desta obra é de que o leitor possa, não apenas, se deleitar com as escritas construídas, coletivamente, e aqui apresentadas, mas sobretudo, que essa História de Feiticeiro seja, somente, uma versão dos fatos e memórias que a contemplam.

Espera-se que o tempo não seja capaz de produzir o esquecimento aos mais experientes, nem a cegueira aos mais jovens, de tudo que se pode tirar de lição do passado que a comunidade de Feiticeiro carrega consigo.

E que este livro, fruto de uma contribuição neste intuito, possa instigar nos seus leitores desejos de registrar, de documentar, de construir nos seus álbuns familiares, nos acervos das instituições e no acesso à fala dos seus filhos mais idosos a busca dos retalhos que, unidos, formam o passado e presente e que, posteriormente, serão “simplesmente”, o novo passado.

Professora Aline Teixeira

Capítulo I

***Origem do povoado, os momentos
no decorrer da obra do açude e a sua
inauguração.***

1. O difícil começo.

Era uma vez...

O começo poderia ser narrado, como uma dessas histórias infantis que nos contam os mais adultos, durante a infância. Uma fábula, pois existem animais e fenômenos da natureza, a serem observados nas conversas dos mais idosos ao dizerem o porquê do nome “Feiticeiro” e ao falarem sobre a época do sítio Feiticeiro.

Outra opção de estilo para se escrever alguma coisa sobre a história dessa comunidade poderia ser um conto daqueles que existem personagens dos quais a nossa imaginação fica confusa a pensar, se são criações do autor do livro ou se poderiam existir.

Os primeiros a chegarem a essa terra à época da obra, em alguns instantes, mais pareciam heróis e heroínas da ficção, do que sertanejos, aqueles sujeitos, normalmente, narrados como fracos e farrapos humanos nos livros sobre secas.

Ao construírem as primeiras páginas reais da vida dessa comunidade, quando aqui vieram para escapar da fome e da sede, na seca de 1932, os homens, mulheres e crianças demonstraram resistência, força de vontade e, acima de tudo, foram obstinados a fazer algo diferente, parte desses permaneceram.

Assim, as páginas da primeira parte deste livro não são como histórias infantis, nem contos fabulosos, mas, sobretudo, representam o esforço de pessoas que estão com verdadeiros tesouros de conhecimentos vividos na infância e adolescência, e que são traços do passado nas suas memórias, ou mesmo, as suas releituras sobre os primeiros dias nesse lugar.

Pessoas essas que chamamos, carinhosamente, de colaboradores, que cederam parte do seu tempo, para gravar, narrar e trazer das suas lembranças os relatos mais detalhados possíveis dos anos de 1932-1933, quando tudo estava começando.

Esse passado, que deve ser observado pelos leitores, para que não tenha sido em vão todo o esforço, todas as vidas perdidas, cada dia e noite de intenso trabalho para construir o maior patrimônio —o açude Joaquim Távora, e, conseqüentemente, dar a todos os descendentes a alegria de viver no território denominado, oficialmente, de distrito de Feiticeiro.

1.1 Sítio Feiticeiro.

O riacho Jatubarana, localizado no município de Jaguaribe, possuía, ao seu redor, uma vegetação que, em épocas de pouca chuva, a localidade era visitada por proprietários de gado na busca de pasto para alimentar seus animais.

Os mais idosos contam que Bento Pereira de Miranda, um pernambucano, durante uma seca, no século XVIII, veio à região e solicitou ao senhor Pedrosa, no sítio Barbalho, próximo ao riacho que lhes deixasse colocar o seu gado ali.

Após a estiagem, o fazendeiro retornou e se surpreendeu com a qualidade do rebanho, deixando a metade com o senhor Pedrosa, como grati-dão.

Outra parte do rebanho desse fazendeiro tinha sido deixada na região onde, atualmente, é Jaguaretama, mas todo esse gado havia morrido quando Bento Pereira retornou para pegá-lo. Impressionado, Bento Pereira disse que a região do riacho Jatubarana só poderia ser enfeitiçada. O gado gordo e forte que sobrevivera à estiagem só poderia ter sido acometido desse feitiço do riacho.

Durante longos anos, o sítio era pouco povoado e existiam apenas três casas:

– *a casa da Glória*, que ficava localizada na proximidade do leito do riacho, no lado norte, abaixo do açude (atualmente).

– *a casa dos Bertos*, que ficava mais afastada do leito do riacho, que era próxima, onde hoje é a telhoça ao lado do açude. Essa casa foi derrubada por um funcionário do DNOCS na década de 90.

– e *a casa do senhor Osmídio*, que serviu de hospital no decorrer da construção do açude, essa era localizada próxima ao acesso da prainha quando se vai por terra.

Outras residências são as da família Pedrosa, no sítio Barbalho e no sítio Juá a residência de Manoel Tomás.

O tempo passou. O outras estiagens como é sempre previsível, também, atingiram os arredores das terras do sítio que já estava conhecido como sítio Feiticeiro.

1.2 Feiticeiro: de sítio a canteiro de obra da Ifocs.

A história das secas que ocorrem na região Nordeste traz em seus registros a do ano de 1932. Noticiada nos jornais da época, recordada, ainda, por pessoas que eram crianças ou jovens serviu de motivação para que o governo autorizasse uma obra que superou as expectativas dos objetivos iniciais.

No ano de 1932, duas foram as estratégias usadas pelos órgãos ligados ao governo para que os sertanejos não fizessem *migrações* para a capital do estado, ou mesmo, para outros destinos.

A primeira medida foi a criação dos campos de concentração localizados nos municípios de Ipu, Quixeramobim, Cariús, Crato, Senador Pompeu e Fortaleza. A historiadora Kênia Rios (2001), pesquisadora da história desses campos, descreve por que os retirantes foram para os campos e por que eles eram detidos.

Os famintos eram atraídos com a promessa de comida, assistência médica e segurança. Lá não encontravam a estrutura prometida e não podiam sair do campo, sendo mantidos presos. Tudo para evitar que Fortaleza fosse invadida por famintos.

A segunda medida tomada foi a realização de um conjunto de obras públicas que concentrasse uma parcela significativa da população, nas regiões mais distantes de estações de trem, e que poderiam tentar chegar caminhando a Fortaleza, como havia acontecido antes. Essas obras foram sendo controladas por funcionários do governo, ligados à Ifocs.

Assim, se deu a motivação de construir uma obra na região jaguari-bana, com influência determinante da família Távora que possuía, naquele momento, influência na política nacional.

Era muito comum que os investimentos, aplicados no período das ausências de chuvas, trouxessem privilégios aos mais favorecidos, e isso a partir do uso da mão de obra dos mais humildes, maiores vítimas do fenômeno das secas.

A construção do açude que, posteriormente, seria inaugurado com o nome do tenente jaguaribano, Joaquim Távora, poderia ter sido mais uma obra que não tivesse, prioritariamente, a intenção de benefícios de uma co-

letividade. Mas, como veremos, a consequência da obra não foi o benefício de poucos fazendeiros.

As terras que compreendem a bacia do açude pertenciam a mais de quarenta famílias. Alguns, apenas, eram donos das terras, mas residiam em outras regiões.

Com a seca, o Ministro da Viação, José Américo de Almeida (paraibano) e o Diretor da Ifocs, Lima Campos, representando o governo federal, à época, no poder o ditador Getúlio Vargas, visitaram o Nordeste para observar, de perto, a situação do povo, bem como, as prioridades de investimentos.

Dessa visita, como foi divulgado no jornal “O Povo”, foram passados dois telegramas do ministro José Américo, em viagem ao interior da Paraíba (no lugar de nome Acari e depois da capital João Pessoa) ao interventor do Ceará, o Capitão Carneiro de Mendonça. Neles os primeiros procedimentos:

Acari, 21:19 horas —Indique diretamente ao Diretor do Departamento os nomes dos delegados especiais no interior, a fim de que lhes seja concedida franquia conforme instruções que acabo de dar. Recomendei agora novamente ao Inspetor de Secas para admitir ao serviço todas as pessoas que se apresentarem com ferramentas devendo ser encaminhadas para os açudes <<General Sampaio>> e <<Feiticeiro>> e outras obras os trabalhadores que possam realizar serviços acessórios até a chegada de material de construção.

Volto hoje do interior da Paraíba, onde aguardarei suas informações.

Abraços, José Américo —Ministro da Viação.

João Pessoa, 26: 9 horas —Peço providenciar no sentido de serem doadas a União à bacia hidráulica e locais das barragens de <<Feiticeiro>> e << General Sampaio>> cujo ataque já ordenei.

José Américo- Ministro da Viação.

Os telegramas citados acima contribuíram para confirmar duas informações sempre mencionadas pelos que falam sobre o processo de chegada e de doação do terreno da obra. Para que o governo financiasse a construção do açude, foi necessário que muitos proprietários fizessem doações de parte das suas terras.

Que áreas, porém foram doadas? O que faziam os proprietários? E onde esses moravam?

Essas questões foram respondidas, a partir da observação de dezesseis certidões de doação assinadas no cartório do 1º Ofício, à época, sob responsabilidade do tabelião Gil Teixeira.

Um fato interessante que chamou atenção é que uma das certidões era data de 22 de março de 1932, sendo que o telegrama do Ministro ao governante cearense mandando providenciar as doações, segundo o jornal, é de 26 de março de 1932.

O estudo realizado a respeito da área, onde o açude seria construído, aconteceu desde o início do mês de março. Dessa forma, a suposição é de que o proprietário se antecedeu ao pedido do Ministro, doando suas terras antes mesmo de ser pedido oficialmente.

A seguir, um quadro que ajuda a perceber as áreas de abrangência da bacia e açude, as ocupações dos doadores dessas terras e seus lugares de residências.

Terras doadas	Ocupação dos doadores	Locais de domicílio
Sítio Feiticeiro	Criadores domésticos, lavradores, negociantes e proprietários Observação: alguns sem registro de ocupação	Barbalho; Córrego das Pedras; Feiticeiro; Fortaleza; Icó; Jaguaribe Mirim; Mandacaru; MonteFormoso; Orós e Passagem
Juá		
Barbalho		
Córrego das Pedras		
Mandacaru		
Monte Formoso		
Passagem		
Recanto		
Riacho Feiticeiro		

FONTE: Dados das Certidões de doação — Cartório de Jaguaribe. Gentilmente cedidas pelo colaborador José Miranda.

O dia a dia, na região do riacho Feiticeiro, após a doação das terras e a autorização para que começasse a receber trabalhadores foi totalmente modificada, mas infelizmente, praticamente, não há informações no acervo do órgão responsável pela obra em Feiticeiro.

A colaboração de pessoas que estiveram ligadas, direta ou indiretamente, àquele momento da história foram essenciais para que fossem registrados os acontecimentos, o cotidiano dos que fizeram parte desse contexto.

Alguns, à época jovens, realizaram depoimentos que estão gravados e arquivados desde 2001-2002 e foram fontes importantes no diálogo com as crianças, daquele ano de 1932, que hoje são idosos.

Os relatos das memórias dos primeiros descendentes que conversavam com seus parentes mais idosos, integram o conjunto de informações, com as quais foi possível a escrita da maior parte das informações que seguem.

1.3 A construção do açude.

Os estudos técnicos foram começados, em março, e finalizados em abril de 1932, tendo como profissional responsável o engenheiro José Anastácio Maia. Em 10 de maio seguinte, foram iniciados os trabalhos da construção como obra de emergência.

O controle existente por parte da Inspetoria sobre o alistamento dos trabalhadores não foi localizado, nem o ponto de frequência. Assim, não foi possível saber a quantidade de retirantes e moradores da região que participaram das atividades no canteiro de obras. Apenas na fase de desmatamento, segundo dados publicados pelo Jornal “O Povo”, fizeram a roçagem da área próxima ao açude 2.750 trabalhadores. A matéria tratava a respeito da visita do diretor geral da Inspetoria, em 1932, o senhor Luis Vieira.

A mata fechada, que no passado servira para abrigar o gado fugido da seca, naquele momento, começava a dar espaço a uma imensa quantidade de trabalhadores que, também, tentava sobreviver a dura estiagem.

O relatório técnico da Ifocs do triênio 1931 —1933, produzido pelo senhor Luis Vieira, registra os seguintes serviços executados em 1932, no que chama de área de instalações:

Construção de barracas e barracões para abrigo dos operários;
2 poços tubulares;
adaptação de casa para hospital;
casa de força;
casas para escritórios e residência de auxiliares;
abertura de 39 cacimbas em terra e quatro revestidas para abastecimento de pessoal;
preparo de estradas carroçáveis para Iguatu, Cachoeira, Orós, Floriano Peixoto —310 quilômetros;
caminhos de acesso —9 quilômetros;
redes de encanamento para abastecimento de água —3.000 quilômetros;
redes de iluminação do acampamento e locais de trabalho —2.800 quilômetros.

(VIEIRA, 1933: p.258)

A mesma fonte descreve com relação à parte da barragem, em 1932, as atividades a seguir:

Escavação para abertura das cavas de fundação (46.410,000 m ³);
escavação em empréstimo (154.200,000 m ³);
escavação para fundação da galeria (rocha) 140.000 m ³ ;
aterro umedecido e apiloado (53.910,000 m ³);
muros de alvenaria argamassada (607.000m ³);
drenos (4, de 35 metros);
sangradouro: corte em rocha 5.766.000 m ³
extração de pedra para alvenaria (1.450.000 m ³).

(VIEIRA, Luiz. Relatório do triênio 1931-1933, p. 259. DNOCS).

A perfuração de poços, também, tornou-se necessidade vital, já que nessa época não havia infraestrutura de poços instalados no sítio Feiticeiro e que fosse suficiente ao consumo daquele número de famílias, e para uso na própria obra.

Foram dois os poços perfurados, em 1932, para fins de abastecimento de operários e umedecimento da parede. Na parte dos dados das perfurações dos poços, chama a atenção o fato do tempo que levavam para escavar e outras informações a respeito das características técnicas do poço.

O primeiro poço para abastecimento dos operários foi iniciado em 29 de junho e concluído em 28 de julho. Desde abril, havia trabalhadores na região o que leva a crer que as cacimbas, antes existentes, foram usadas no consumo humano até ser construído entre junho-julho o denominado, “poço açude Feiticeiro nº1”.

Nele, as camadas atravessadas tinham as seguintes medidas: areia (2m); argila (5m) e rocha compacta (23m) e a profundidade era de 30m. Segundo o relato de Luis Vieira, nos cinco metros o lençol já apresentava água regular e doce.

O poço nº 2 foi iniciado no dia seguinte da conclusão do primeiro, ou seja, 29 de julho. O objetivo dele era para reforço do abastecimento dos operários e para levar umidade para as terras da barragem.

Segundo as informações do relator, a construção do poço foi interrompida porque um cabo que era usado na perfuração foi danificado e não mais foi possível o conserto.

Um dos poços construídos, em 1932, foi localizado em pesquisas de campo próximo à parede do açude, cerca de 300m da estação do Serviço Autônomo de Água e Estogo - SAAE. O mesmo fica dentro da área conhecida como sítio do DNOCS.

Existe uma hipótese de que o segundo poço tenha sido feito nas proximidades da casa do senhor Chico Cunha, no sítio Juá e tenha sido enviada a água, puxando a motor, com uso de encanamento até a região da obra e das barracas. Vale destacar que nos materiais citados havia uma quantidade considerável de canos, o que permitiu o encanamento do poço e da obra.

Segundo os ex-trabalhadores da obra, mesmo os que chegavam sem ferramentas, (exigência orientada pelo ministro para alistar) recebiam oportunidades de trabalho.

As turmas eram compostas de vinte homens e um feitor. O controle era feito por um ponto de frequência que ficava sobre a responsabilidade de cada feitor.

Os funcionários da Ifocs orientavam os feitores, trabalhadores que “ganhavam” a confiança dos chefes e ficavam responsáveis pelos demais trabalhadores.

Esses feitores controlavam o ponto, determinavam as tarefas, fiscalizando de perto e levavam aos chefes algum problema que estivesse ocorrendo. Deveriam dar exemplo de disciplina e respeito aos superiores para que os demais trabalhadores, também, obedecessem.

De acordo com o senhor Raimundo Pereira, conhecido como Raimundo Lúcio, trabalhador e fiscal, na obra existia dureza e forte controle disciplinar por parte dos chefes, no cotidiano. Alguns acreditam que eles tinham medo de perder o controle da grande quantidade de pessoas que estavam no canteiro de obras.

Outros acham que eles eram agressivos por estarem em condições de dar ordem e os trabalhadores tinham que obedecer, porque se perdessem essa ocupação não teriam para onde ir com sua família e faltar-lhes-iam até mesmo alimentos.

De acordo com a senhora Maria Fernandes da Silva, conhecida por Mariquinha, “o serviço daqui era um serviço arrochado, que eles trabalhavam dia e noite, nunca parou o serviço dessa parede”.

Como mencionado por dona Mariquinha, que era criança no período da obra, o trabalho foi intenso. Havia duas turmas, uma diurna outra noturna, sem jamais interromperem as atividades.

Uma lembrança presente nas memórias dos colaboradores e que chama atenção é que os trabalhadores, nominados, vulgarmente, de caçacos, “alteraram” o significado da palavra Ifocs. Ao invés de representar para eles a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, passou a ser chamada de: isso faz o caçaco sofrer.

Um ferro, de formato triangular, amarrado por um cordão na linha do telhado, colocado no lado externo do escritório do Ifocs, era batido por um funcionário com uso de outro ferro.

O barulho estrondoso servia para avisar dos horários de trabalho, e em longa distância podia ser ouvido. Assim, os trabalhadores começaram a chamar o ferro, que provocava o barulho, de cachorra.

O sacrifício da construção era percebido, também, com relação ao transporte de materiais através de jumentos e carrinhos de mão. E, muitas

vezes, distâncias consideráveis eram percorridas para que fossem carregadas pedras e areia.

Segundo relatos, as pedras foram retiradas de pedreiras da região. Foram identificados dois lugares: pedras no local onde, atualmente, é o sangradouro do açude conhecido como açude de José Cândido/Antônio Osmar, e outras vieram do sítio Córrego das Pedras.

A terra, boa parte veio do Barbalho com uso de carros de mão, artesanalmente, construídos.

Essa informação coincide com a descrição da distância percorrida nos serviços executados, divulgados no relatório do Ifocs, quando o funcionário menciona entre oitocentos e cinco mil metros o percurso feito pelos trabalhadores na obra.

Os responsáveis por trazer o material do Córrego das Pedras saíam logo cedo, às 7h, e chegavam muitas vezes com o sol já se pondo, por volta das 17h.

Os carros que tinham na obra eram apenas dois (da marca GMC) para uso dos que ocupavam cargos maiores na Inspetoria percorriam o trecho da bacia e açude, observando as atividades e para transportarem parte dos materiais.

As casas eram feitas de zinco, lona ou vegetação, e muitas famílias tinham que se juntar a outros, ainda, estranhos para somente depois providenciar seu barracão.

O canteiro de obras era uma verdadeira mistura de culturas, pois estavam ali sujeitos dos mais variados lugares, até mesmo de outros estados.

O único ponto em comum a toda aquela gente era o fato de estar ali tentando sobreviver, pensando em retornar ao local de onde elas saíram, por conta da estiagem. O trabalho regular e fiscalizado, de modo integral, era a estratégia dos que detinham o poder de dar ordem no ambiente com pessoas tão diferentes.

1.4 As epidemias.

Se a obediência aos chefes e feitores era uma constante na obra, a realidade foi interrompida, quando começaram a surgir as primeiras vítimas de doenças relacionadas às condições de vida no canteiro de obras.

Escapar da morte por fome, dos acidentes de trabalho e morrer por causa de uma febre era algo revoltante na cabeça de parte das pessoas que falam da época.

Ali, como em outros lugares, surgiram verdadeiras epidemias das quais morriam dezenas de pessoas todos os dias. Em sintonia com os relatos dos entrevistados que testemunharam essa realidade na comunidade de Feiticeiro, estão diversos trabalhos de estudiosos que abordam a situação de saúde pública.

O livro “Secca de 32: impressões sobre a crise nordestina”, de Orris Barbosa, vai classificar como coli-tífico-desintérico as doenças nas aglomerações, tanto nos campos de concentração (conhecidos, também, como currais do governo e currais da fome), como nos locais de obras.

O registro de uma das epidemias na região é feito por Cincinato Ferreira Neto, na sua obra Estudos da História Jaguaribana:

As doenças acometeram os trabalhadores da Transnordestina (na região do rio sombrio e em áreas de Limoeiro e Russas) e do Açude Joaquim Távora, em Feiticeiro (Jaguaribe), onde o paratifo atingiu 200 pessoas (FERREIRA NETO, 2003:492).

A introdução de medidas que visavam a controlar as doenças deu início ao rompimento da pacificação dos caçacos, com relação aos homens do governo.

A narração a seguir é do senhor Raimundo Lúcio, um dos colaboradores, que autorizou os registros a respeito do seu conhecimento da realidade vivida na construção do açude.

A luta que achei maior aqui foi quando o caso dessa febre apareceu. O médico trouxe um remédio para evitar. Agora o cabra tinha que tomar três vezes. Se você tomasse um dia, e depois, o segundo dia não tomasse, tinha que voltar e começar de novo, os três dias, três vezes. Tinha gente que saía de uma tenda e ia pra outra. Ai a fiscalização conhecia e dizia: o senhor vai pra sua tenda tomar a vacina pra evitar, ou vai embora? Era obrigado a tomar. Todo mundo tinha que tomar a vacina pra evitar a doença.

Segundo o entrevistado, pessoas perderam o trabalho por não tomar a vacina, outros iam atrás de tentar outro serviço para, também, não receber a medicação.

A vacina era uma água amarela que botavam pra você tomar em jejum, era de matar, uma coisa horrível de ruim. Era pra tomar de manhã cedo e ficava um embrulho no estômago. Onde tivesse um café tomava alguma coisa até que melhorava. Eu tive que tomar porque era feitor da turma, e tinha que dar o exemplo.

A revolta contra a medicação não ocorreu, somente, por reação ao gosto ruim. A orientação médica estava ligada, também, a não comer alimentos muito comuns aos trabalhadores, do tipo gorduroso, popularmente, conhecido como reimoso. Assim, além de tomar a vacina em três doses, uma por dia, existiam, ainda, os alimentos que não se deveriam ingerir.

O saber médico foi colocado à prova na reação de muitos dos trabalhadores. Os chás que eram de uso popular, na rotina dos sertanejos, ocupavam a preferência desses e o combate à epidemia, através da medicina, foi mais uma vez ameaçado.

As fugas dos barracos, trocando de local para enganar os fiscais foi prática usada pelos sertanejos para não tomar a vacina. A discordância da medicação em comparação com uso de chás e alimentos do cotidiano foi o modo de reagirem ao saber médico.

Dentro dessa realidade uma recordação do Sr. Raimundo Pedrosa (conhecido como Padre):

Tinha um doutor aqui, mais ele fazia era matar o povo. A casa dele era lá do outro lado. Muita gente morria, mais era de fome. Sabe por quê? Porque as dificuldades era grande, mas o povo trabalhava e tinha o que comer. Mas o negócio dele era dizer: não dê comer, não dê comer. Uma irmã minha adoeceu dessa febre. Ai eu fui e disse: Doutor, eu vim aqui pro senhor passar um remédio pra essa moça. Ele disse: dê caldo de mocotó! Isso, fazendo pouco. Ai eu voltei pra casa, e disse: Mamãe, ta aqui ela, e o doutor não deu nada, nem um comprimido. Ai eu disse: Dê comida a ela. Mamãe disse: Você tá doido? O doutor já disse que ninguém pode comer quando tiver com a febre. Eu disse: mamãe, ele é doutor, e eu sou

padre, dê comer. Mamãe fez um arroz, nessa época o arroz era bem alvinho, e Chiquinha comeu. No outro dia eu perguntei: Chiquinha, cê tá melhor? Ela disse: Tô. Dê mais comer a ela mamãe. Até que Deus acudiu e ela escapou daquela doença.

As mortes eram partilhadas na memória de alguns com dor e demonstrações de pesar até no momento das entrevistas. Essa parece ser uma das questões que mais mexe com a vida dos sobreviventes. Para alguns desses, escapar da fome, do risco de determinadas atividades, e morrer de uma febre era inaceitável.

Aos olhos de outros, pela quantidade de pessoas que viviam naquele espaço, foi natural a realidade das constantes mortes. Assim como em outros locais do estado do Ceará, em campos de concentração, por exemplo, a morte estava bem presente no ambiente. As doenças proliferavam de modo assustador.

Diante de depoimentos dos que participavam, de modo mais efetivo, das ações na obra, podendo ter, inclusive, um contato mais próximo com os administradores, a média de mortes, por dia, nos meses do auge das epidemias chegou a 12 pessoas, muitos idosos e crianças, mais vulneráveis.

1.5 As condições de higiene de uma verdadeira multidão.

As memórias dos que à época eram crianças, para os aspectos relacionados à higiene das pessoas parece não ser tão detalhista. Existia uma latada para as necessidades fisiológicas segundo sr. Deoclécio Rodrigues, o mesmo lembra, ainda, que alguns preferiam, mesmo, o uso do mato.

Para tomar banho a água era proveniente de cacimbas próximas dos barracos no leito do riacho.

1.6 Os retirantes: uns velam, outros sambam

O sentimento de estranhamento ao outro, até pouco tempo desconhecido, era observado apesar de que nas falas sobre a morte, alguns demonstravam tristeza pelos desconhecidos.

Eram muitos e de tantos lugares diferentes, não se pode, ao observar o passado, desconsiderar esse verdadeiro mosaico, que se tornou o sítio Feiticeiro no período da obra.

As recordações trazem as manifestações culturais que iam se tecendo ali. Os sentimentos mais variados estão presentes, tanto nos murmúrios de dor, como nas oportunidades de alegrias, de festas nas barracas.

Segundo um dos trabalhadores, o sr. Clodoaldo Bessa (conhecido Codó), era comum o velório de um estar próximo do forró de outro.

As memórias remetem alguns dos ambientes estabelecidos no entorno da obra e que para alguns estava o lazer. Um hábito que teve origem nesse período e está nas lembranças de parte dos jovens foi o forró. Tanto dos anos de 1940 até a década de 60, nos salões, quanto nos anos de 1960 e 1970 nos ambientes de latada, conhecidos, também, como samba.

1.7 A inauguração do açude Joaquim Távora.

Nos dias finais de agosto e durante o mês de setembro de 1933, o jornal “O Povo” divulgava a expectativa gerada pela excursão do governo federal que veio inaugurar várias obras no Ceará e em outros estados do Nordeste, construídas como emergência e tendo como mão de obra as vítimas da seca.

O dia da inauguração do açude foi 16 de setembro de 1933 e contou com a presença do Presidente da República, Getúlio Vargas, o interventor no Ceará, Carneiro de Mendonça, Ministros como Juarez Távora e José Américo de Almeida e muitos políticos da região jaguaribana e de outros estados.

O jornal Gazeta de Notícias, em matéria do dia 17 de setembro, publicou a manchete: “A chegada, hoje à tarde, a Fortaleza, do Presidente Getúlio Vargas e comitiva”. A seguir, divulgou um telegrama:

Orós, 16 (GAZETA) —Depois do almoço em Lima Campos, cuja barragem foi visitada, o Presidente Getúlio Vargas passou a Orós, seguindo para inaugurar o açude de Feiticeiro, o qual recebeu o nome << Joaquim Távora >>, regressando após a Orós, onde tomará trem para Fortaleza.

O comboio especial possui quarenta leitos e carros salão e restaurante.

Na inauguração do açude “Joaquim Távora” o senhor Getúlio Vargas, discursando, referiu-se a importante obra, destinada a beneficiar uma imensa zona, e disse que o nome Joaquim Távora era homenagem à memória

do soldado patriótico, que muito se esforçara para a realização desse empreendimento.

O ministro Juarez Távora, bastante comovido, agradece, em ligeiro discurso, as referências feitas à personalidade de seu irmão falecido.

A cerimônia foi assistida pelo senhor Joaquim Fernandes Távora, pai de Juarez, e que se incorporou à comitiva nas proximidades do açude.

De acordo com alguns colaboradores, houve uma influência da família Távora ao ser feita essa obra de emergência na região onde eles nasceram.

Vale destacar que segundo dados biográficos de Joaquim Távora, o mesmo desejava um dia ocupar alguma pasta ministerial na qual pudesse trabalhar no combate às secas, na região Nordeste. Por isso, Getúlio citou seu esforço para essa obra, entretanto, Joaquim Távora faleceu muitos anos antes, durante a Revolta de julho de 1924.

Capítulo II
Os primeiros anos do nascimento e
desenvolvimento da comunidade de
Feiticeiro.

2 Os anos após a construção do açude.

Se a decisão tomada por parte dos que sobreviveram à seca de continuar, nesse lugar, após a inauguração do açude pôde ser surpresa, não foi surpresa alguma o fato de que essa comunidade se desenvolveu bastante, a partir da sua formação.

Durante longos anos, com o trabalho obstinado dos seus antigos e novos filhos e apoio do órgão que administrou a obra, o Feiticeiro passou a ter características muito parecidas com o que narra a fábula da sua origem.

Nem mesmo as estiagens, que não foram poucas, fizeram esse lugar parecer diferente do seu começo promissor dos anos de fartura, após a inauguração do açude.

2.1 Os anos fabulosos.

Os relatórios produzidos durante as décadas em que o escritório do Ifocs/DNOCS, na comunidade, funcionou não foram observados em pesquisa feita para a produção do livro, porque não foi possível o acesso.

O escritório local era fechado, permanentemente, e em Fortaleza não houve êxito ao procurar na sede do órgão, nem mesmo, na biblioteca.

Da época de grande crescimento em torno do açude, a única documentação conseguida foram algumas fotografias, das décadas de 30 e 40 do acervo produzido pelo Ifocs/DNOCS que está com pessoas da comunidade e foi possível o acesso.

As memórias dos mais idosos e de colaboradores mais adultos foram buscadas como fontes de informações. A partir daí, pode-se verificar o quanto o desenvolvimento agrícola, pecuário e de pesca, apoiados pela assistência e fiscalização do DNOCS, foi significativo no decorrer de parte da história da comunidade.

A quantidade e diversidade de produtos obtidos, na agricultura, com irrigação e por meio de vazantes era algo impressionante. Muitas famílias tinham o seu sustento proveniente da lavoura, da pesca ou criação de animais.

O que se produzia tinha excedente com relação ao consumo familiar e à venda na comunidade e em feiras livres, a sede do município recebia parte dos gêneros locais para serem comercializados.

De acordo com os relatos de trabalhadores do campo, a produção principal estava nos cultivos: milho; feijão; frutas (banana; coco; goiaba; laranja; lima; limão e manga), mandioca e algodão.

A cotonicultura foi outro importante segmento na economia do setor agrícola da comunidade. Houve iniciativa, a partir do posto agrícola local de beneficiamento de algodão, onde a pluma era separada do caroço para ser comercializada.

Existiu, também, tentativa privada de investimento nesse sentido, mas por questões de saúde o empreendedor Francisco Peixoto que havia comprado a máquina de descaroçar algodão teve que desistir da iniciativa.

Fora esse processo industrial, o cultivo era feito por muitos dos pequenos agricultores, que passaram, também, a comercializar o algodão para exportação ao município de Orós. O produto era comprado por Eliseu Batista.

Os anos finais da década de 30 e início do ano de 1940 estão com diversos plantios de algodão documentados em fotografias.

A margem do riacho Feiticeiro tinha uma quantidade significativa de oiticica, árvore encontrada em todo o Nordeste, tendo como maior utilidade o fruto que é matéria-prima para óleo vegetal. A oiticica representou outro importante ciclo na economia local.

Segundo Osvaldo Carioca, da Universidade Federal do Ceará, “o Ceará já liderou a produção de óleo de oiticica, que era toda vendida para a indústria de tintas do Brasil e do exterior. Suas duas únicas fábricas beneficiadoras, a Brasil Oiticica e a Cidao, faliram”.

Outra importante negociação desse fruto, no período da segunda guerra mundial, foi como matéria-prima para a indústria bélica. Apesar de não ser considerado o óleo de melhor qualidade pela situação da guerra, os Estados Unidos obtinha o óleo da oiticica para a produção de aço, esse sendo matéria-prima na construção de navios, tanques e outros equipamentos da indústria bélica.

Em Feiticeiro, o posto da Brasil Oiticica foi instalado, mas não se sabe em que ano o prédio foi construído, de acordo com imagens antigas de maio de 1938 o mesmo já existia. Todos os comércios localizados, atualmente,

em frente à Igreja católica faziam parte de um único galpão, no qual era colocada a oiticica a ser levada para Fortaleza e comercializada na matriz da Brasil Oiticica S/A.

Por volta de 1937, o grupo empresarial da indústria Brasil Oiticica S/A construiu, na comunidade, o maior prédio até então, tratava-se do galpão com grande estrutura física para que fosse colocada a oiticica comprada no entorno da comunidade, apanhada, principalmente, nas margens do riacho.

Os primeiros compradores de oiticica foram os senhores Neo Costa e Franklin Gondim. A oiticica tinha dois destinos a Cidao em Iguatu, e, principalmente, a Brasil Oiticica em Fortaleza. Inclusive, foi Neo Costa, como agente da empresa Brasil Oiticica em Jaguaribe, que, em 1942, indicou o comerciante Francisco Peixoto para agente no posto da Brasil Oiticica, em Feiticeiro.

O sr. Francisco Peixoto, conhecido por Chico Peixoto, chegou à comunidade em 1942 e passou a ser o agente que comprava toda a oiticica para transportar. A última safra negociada pelos filhos do empreendedor foi a de 1968, pois o mesmo havia falecido em dezembro do ano anterior.

Para se ter ideia da importância da cotonicultura na economia da comunidade, muitos agricultores faziam seus plantios e começavam a comprar nas bodegas e as compras eram pagas, apenas, depois da colheita.

O comércio mais antigo da comunidade, que havia fornecido gêneros alimentícios no período da obra, era de propriedade de um comerciante, conhecido como velho Pedroca, pai de Péricles e Belchior que vieram de Iguatu.

A arquitetura desse local passou por transformações no decorrer do tempo, inclusive foi dividido, sendo recentemente duas residências. Há evidências, porém, no formato dos telhados, como nas marcas das paredes de que o prédio antigo foi construído na década de 30.

Na alimentação, à época da obra, que era comercializada nesse ambiente, basicamente, não poderia faltar farinha, arroz, feijão (inclusive conhecido como de baixa qualidade). As carnes mais comuns, quando havia, eram as de jabá e criações.

No período da obra, muitas vezes, os comerciantes vendiam para receber, apenas, depois de um tempo considerável, chegando a atrasar até três meses. É que os pagamentos feitos aos trabalhadores pela Inspetoria nem sempre eram pontuais.

Logo nos primeiros anos da formação do lugar, percebiam-se as vinculações entre a prosperidade na agricultura e os surgimentos de comércios, variados em tamanhos e nos produtos; como também, na origem dos seus proprietários.

Os prédios que faziam o contorno do mercado público, assim como os de dentro, por volta de 1945 até 1960, eram bastante movimentados. Aos domingos, a venda era aquecida com comerciantes locais e pessoas que vinham de Jaguaribe, Pereiro e até de Juazeiro havia um vendedor.

Nas recordações do senhor Isaac Azevedo e dona Idalina estão muitos dos que viviam em torno das vendas nas bodegas, com produtos variados.

Principais produtos comercializados no mercado de Feiticeiro (dentro e nos prédios particulares no entorno): as broas de Dalvina e Cota; os bolos de Júlia Jacinto e Emília Pedrosa; o comércio e açougue de Róseo Pinheiro; o açougue de Manoel Grande; o comércio de miudezas de Adelson; os comércios de tecidos de Henrique Miranda, como também, o de Raimundo Lúcio em sociedade com Neo Catingueira; o comércio variado de Chico Peixoto; as alpargatas e miçangas de Belmiro Carvalho; comércio diverso de brinquedos a azeites de Balbino (trazidos de Juazeiro); o fumo de Cícero, do Juazeiro; tamancos, chapéus e vassouras de Honório Peixoto; as carnes na parte interna do mercado, dos comércios de Antônio Caboclo e Antônio Severino.

Outro movimentado ambiente do mercado era o do jogo de caipira, organizado por Zé de Cori e Luis Canário.

As pessoas vinham das redondezas, de animal, quando tinha, mas, também, a pé. Muito comum a caminhada de longas distâncias nessa época.

Dentro do mercado, a carne mais vendida era a de criação (ovelha e carneiro), pois não havia muita oferta de carne de gado, até porque o seu valor não seria tão acessível para as condições da comunidade àquela época.

A piscicultura é outra atividade relacionada, diretamente, ao açude e que fez parte da economia, de maneira relevante. A pesca obtida no açude, em momentos de grande coleta, ficava em torno de um caminhão por semana com controle de tamanho e peso sempre acompanhado pelo DNOCS.

As espécies de peixes citadas pelos pescadores eram: branquinho; camarão de água doce; cari; corró; curimatã; tilápia; traíra; tucunaré; pescado; piaú; piranha; pirarucu e sardinha.

A tradição pesqueira fez com que trabalhadores ligados a esse tipo de atividade migrassem, em definitivo, ou apenas por épocas, para a comunidade. Inclusive, alguns vindos do Rio Grande do Norte que continuam sendo lembrados por participarem, ativamente, de um evento cultural chamado serenatas, que será relatado a seguir.

O peixe, um produto comercializado com muita frequência no período, por ser mais barato devido à grande oferta, mas a venda não era no mercado, e sim na rua.

Recordando a década de 50 com relação ao movimento da pesca, o colaborador Isaac Azevedo lembra que “vinha muita gente de fora, do Rio Grande do Norte até chegou a morar (sic) alguns aqui que se casavam. O açude na época não tinha energia, mas, com a claridade dos lampiões parecia que tinha energia”.

A agricultura desenvolvia-se nas vazantes, nas plantações com irrigação, nas comunidades rurais próximas; a pesca com muita variedade e a pecuária menos aquecida, mas, também, presente.

Por muitos anos, e mesmo enfrentando, no decorrer da sua história, vários períodos de secas, a comunidade nascida, sem grandes perspectivas, prosperava.

2.2 Os anos de declínio.

O fato de o açude secar, completamente, não era algo inédito. Na década de 50, depois de invernos irregulares e uma estiagem, o açude ficou pela primeira vez vazio.

Na década de 90, com uma comunidade bem maior do que aquela de quarenta anos anteriores, o fato se repetiu. Entre 1992 e 1993, o açude secou por motivações diversas, e não, prioritariamente, naturais.

O açude, que fora razão do nascimento da comunidade, passou a ser símbolo da decadência, migração de alguns e sofrimento dos que resolveram permanecer pelos anos seguintes e a partir daquela década e início da seguinte.

Entre 1992 e 2004, a população via-se fazendo uso de políticas públicas paliativas, como o transporte de água em carro-pipa, escavações de

poços cartesianos, a maioria sem muito êxito, e até dessalinizador para melhorar a qualidade da água.

O pior período na história da comunidade foi, sem dúvida, esse do açude que a fez pulsar, ter parado. Não se pode deixar de lembrar aos filhos da comunidade que o sofrimento não pode ser em vão, e que o sofrimento da ausência de água foi fruto de silêncios e acomodações.

Ao pensar no passado, percebe-se que os vários motivos para o açude permanecer, totalmente, seco fundamentam-se na ausência de fiscalização do órgão que deveria ter continuado como provedor de assistência técnica e fiscalização do patrimônio que, oficialmente, ainda, é dele.

O DNOCS, nos últimos vinte anos, agiu de modo extremamente antagonico, se comparado com a sua atuação do passado, entre 1932 (ainda Ifocs) até o decorrer dos anos 80.

Vale destacar, entretanto que ao mesmo tempo em que houve a inoperância do DNOCS, aconteceu, também, a falta de sensibilidade do povo em não questionar os problemas que estavam sendo motivadores da redução de água no reservatório.

Diante da oralidade de muitos colaboradores, a política de açudagem implantada por administrações municipais, às vezes, apoiadas por verbas estaduais, com obras acima da capacidade necessária, construídas dentro do leito do riacho, foi um agravante.

Outro ponto mencionado é a falta de controle rigoroso das águas que saiam pelo canal, popularmente, chamado de valeta, apontada como principal causa para a ausência de água por longos doze anos.

Ressalte-se que a comunidade pode, também, com sua acomodação nesses fatos, ter responsabilidade diante do que aconteceu. Infelizmente, a visão ambiental adequada nem sempre é sentida pela maioria e, muitas vezes, nem mesmo ocorrendo calamidades como essa, a aprendizagem dá-se de modo significativo.

O cuidar do açude e seu entorno devem ser algo de preocupação de todos que fazem a comunidade e dele se utilizam que é símbolo do suor, sangue e lágrimas derramados por muitos, quando o mesmo foi sendo construído.

Assim, uma pergunta deveria ser constante: como o povo tratou e trata o seu maior patrimônio?

A história serve, dentre outras coisas, para relembrar fatos do passado que merecem atenção. É preciso que sempre se pense no passado de Feiticeiro como algo forte, intenso, fruto de muito sacrifício, sem nenhuma perspectiva por parte de políticos, o lugar nasceu e se desenvolveu.

2.3 O renascimento da comunidade.

Os anos de declínio foram sendo superados, a partir do ano de 2004, quando o açude, novamente, recebeu água, ficando inclusive, praticamente cheio.

É bom salientar que, embora muitas eleições tenham sido pautadas na promessa da transposição de água, por canal, e trazidas do açude Orós, as águas que encheram o reservatório foram provenientes das precipitações chuvosas de inverno, logo em janeiro de 2004.

A transposição, apenas, se deu na prática, no final de 2011. E, ainda, não se pode perceber o uso efetivo da obra como impacto na agricultura local, nem mesmo no entorno do canal. Poucos parecem viver, atualmente, tendo como fonte de renda exclusiva essa atividade econômica.

A água usada no consumo humano já não era transportada por carros-pipas ou adquirida em compra pelos moradores. A quantidade de construções de novas residências, o crescimento do comércio existente e o surgimento de novos estabelecimentos comerciais são algumas das alterações que se deram nos espaços sociais e que representam sinais de renovação.

O objetivo desta obra não é explorar, longamente, a história do tempo presente, mas, não se podia perder a oportunidade de mencionar o renascimento.

Algumas características do renascer da comunidade são, também, abordadas nos estudos das ruas e avenidas, a partir do uso da antropologia que integra o quinto capítulo.

Interessante expor que, pela segunda vez, a comunidade passou por dificuldades, assim como em 1932, os sobreviventes da estiagem tinham que se reerguer, depois de longos anos. Entre 1992 e 2003, os filhos dessa comunidade, aos poucos, foram renascendo.

Plantio de Algodão



Figura 1 - Plantio de algodão de 1938

Foto: José Miranda e Sarah Lopes

Brasil Oiticica

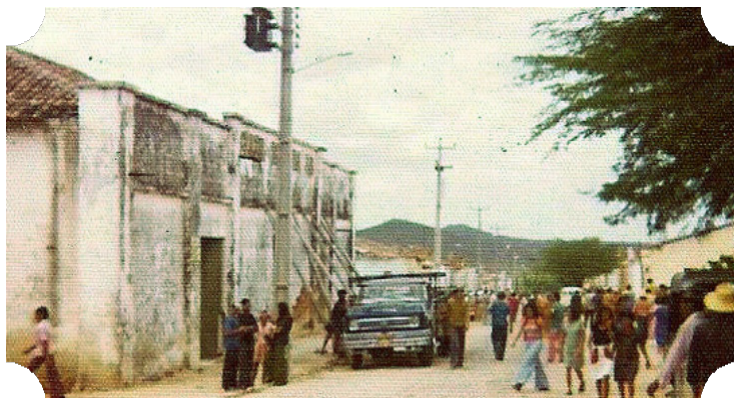


Figura 2 - Prédio da Brasil Oiticica construído na década de 1930

Acervo DNOCS

Capítulo III
Manifestações culturais.

3 Manifestações culturais

As marcas culturais do passado e presente foram focos de diálogos com muitos colaboradores. Alguns dos eventos receberam influências dos primeiros moradores, quando chegaram, e o canteiro de obras estava sendo o espaço principal dos que trabalhavam e viviam no sítio Feiticeiro.

Uma das características do povo, originado de vários lugares, foi a forte ligação com o forró. O ritmo estava presente nos barracos, mesmo quando próximo a eles estavam velando um morto para enterrar no dia seguinte.

A cultura não é algo estático no decorrer da história de um lugar, as manifestações culturais podem sofrer alterações.

As mudanças, às vezes, provocam o fim de eventos, transformações em outros casos e, até mesmo, substituições de hábitos considerados tradicionais por novas posturas frente ao moderno.

Assim, parte das manifestações aqui descritas, somente, está nas memórias dos colaboradores que relataram e outras, ainda, hoje vivenciadas passaram por alterações, ao comparar o passado com o presente.

3.1 Manifestações culturais surgidas ou ressignificadas na comunidade.

Forró de latada conhecido, também, por samba

De acordo com moradores mais idosos, esse evento recebeu influência direta dos primeiros hábitos culturais praticados durante os anos 30.

O forró de latada recebia, portanto, características do nascimento do lugar, tendo o seu auge acontecido nos anos 50 e 60.

O nome forró de latada está relacionado ao estilo arquitetônico do local da festa. Na frente da casa, um puxado com cobertura de palha e chão de barro bem batido era a estrutura necessária para a festa.

Quando o barro ia soltando e a poeira levantando, os organizadores davam uma pausa na música e os participantes afastavam-se para aguar o salão.

Geralmente, uma banca vendia cachaça e outra tinha tapioca, café, bolo e até frutas.

As residências de moradores, em diversos trechos da comunidade e sítios vizinhos, eram ambientes nos quais os forrós de latada aconteciam. Em alguns desses eventos, a motivação para a festa era casamento ou aniversário de casamento, outros, apenas, por diversão mesmo.

Os srs. Sebastião Soares de Araújo (conhecido como Bastião Vental) e Abel Albino e a sra. Verônica fizeram forrós de latada no sangradouro; Chico Leonel, no Recanto; Maria Satira, esposa de Raimundo Preto, no local que hoje é conhecido como alto do Ceru e Valderez no sítio Juá, dentre outros.

Os músicos que animavam a maioria dos forrós eram de lugares diferentes, tanto filhos da terra, como outros convidados por pessoas da comunidade.

Esteve de fora o sanfoneiro José de Manu (natural de Cedro), Leonardo (Jaguaribe), Joãozinho Cego (Riacho Seco) e como filhos da terra, os irmãos Zé Preto, Jota e Raimundo Nonato e Irineu, sobrinho desses primeiros.

No início, alguns cavalheiros chegaram a participar trajados de palitós, mas com o tempo aderiram às calças e blusas, sempre a maior parte usando chapéus; as damas com vestidos ou saias.

Durante a festa, uma linguagem muito própria era utilizada. Palavras como bis e canelou estavam comuns e às vezes poderiam significar consequências para desentendimentos.

As músicas tocadas eram repetidas, quando os participantes aplaudiam, pedindo bis e ai, novamente, pediam e repetiam-se. Mas, quando algum participante já estava embriagado e pedia outro bis, o músico reagia em voz alta: “bis de novo, ai já é burrice”. E não tocava a mesma música pela terceira vez.

O cavalheiro dançava com várias damas no decorrer de um forró. Mas, um momento de decepção poderia acontecer. Às vezes o cavalheiro chamava uma dama para dançar a próxima música, a mesma dizia que iria, e, de repente, aceitava o convite de outro cavalheiro. Neste momento, o primeiro a ter convidado dizia para a dama que ela o tinha canelado.

Na organização da festa, havia sempre uma pessoa (homem na maioria) que passava recebendo a quota (valor pago por participante), e outra pessoa, geralmente, uma mulher ia fazendo anotações de controle em um caderno. Quando um participante, sendo cobrado, não tivesse o dinheiro,

muitas vezes, gerava confusão. Vale destacar que nessas festas apenas os homens pagavam.

Os conflitos ocorriam, principalmente, por excesso de bebidas, discussões de cavalheiros por disputar damas e falta de pagamento.

Muitos homens dançavam armados, sendo que a maioria com facas, mas outros com revólver. Armamento nesse evento era quase um adereço. Muito raro um homem sem arma.

Por volta do início da década de 70, com o aumento da população e as festas organizadas na quadra escolar motivaram juntos o declínio e fim dos forrós de latada.

Forrós nos salões de festa

O salão dos Goiabeiras estava localizado à rua Bezerra de Menezes, tendo como proprietários os irmãos Raimundo e Horácio Goiabeira, migrantes da comunidade de Bebedouro, atual Cruzeiroinho, no município do Icó.

Animadas, as festas duravam toda a noite e recebiam como participantes pessoas de diferentes classes sociais e étnicas, sem discriminação.

De acordo com frequentadores, os homens já escolhiam seus pares para dançar antes mesmo da missa, evento que frequentavam para somente depois irem ao salão. Após assistirem à missa, desciam ao salão dos Goiabeiras.

A estrutura do lugar muito simples, o salão clareado à luz de lamparina, o chão de barro batido, mas que com os movimentos, a poeira soltava e as mulheres saíam com os pés e pernas cobertos de barro.

As festas aconteciam entre sexta e domingo e os forrós animados com concertina (fole), sendo o tocador mais assíduo o sr. Raimundo Preto.

O salão “Cícero Catingueira” estava localizado à rua Santa Terezinha, de propriedade do sr. Cícero Nunes de Souza, conhecido por Cícero Catingueira, como pode ser percebido pelo próprio nome dado ao salão.

O salão era frequentado por pessoas de condição financeira mais elevada e por brancos. Não se permitia a entrada de mães solteiras, pretos e pessoas humildes.

Vale ressaltar que esse costume de segregação racial, ou seja, de separar lugar de branco e lugar de negro no período em questão, foi algo bastante comum.

A exceção a essa regra do salão foi com Benedito Oliveira que, ocupando posição de liderança na comunidade, não deixava de participar dos eventos mesmo sendo negro.

Os tocadores desse salão eram os músicos da comunidade, Jota, Zé Preto, Raimundo Nonato e Zé Diana.

Alguns colaboradores imaginavam como fatores determinantes ao fim das festas nos salões a criação de novos espaços de lazer. No final da década de 50, mais, precisamente, em 1958, a construção da casa do DNOCS, conhecida como Catete, era aberta às festas organizadas por alguns jovens da comunidade.

Outro espaço mais decisivo para o declínio dos salões, por se tratar de ambientes maiores foram as quadras das escolas, Militana Paes, ainda, na década de 60 e Abrahão Lincoln na década de 70.

Serenatas

Nos anos finais da década de 50 e nos primeiros anos da década de 60, estava surgindo uma prática muito comum entre parte dos jovens do lugar, as serenatas, organizadas por namorados românticos, ou a pedido de pessoas mais adultas aconteciam em residências.

De acordo com Ari Freitas, as músicas cantadas eram de artistas como Nelson Gonçalves, Valdick Soriano, Orlando Silva, Francisco Petrônio, Silvio Caldas, Carlos Galhardo, Calbi Peixoto, Augusto Calheiros, Francisco Alves, dentre outros. Existiam, ainda, as canções populares que nem eles mesmos sabiam de quem era a autoria.

Os seresteiros eram : José do Ó, Milton (filho de José do Ó), Francisco Zacarias (conhecido por Tico), Sandoval (natural do Rio Grande Norte), Albemar (Nova Floresta) e os filhos da terra, Zé Diana e Zé Moreno e cantores como Ari Freitas, Bezerrinha Peixoto e Luis Filho. Em época de férias, outros que estudavam fora, também, vinham participar.

As memórias relatadas a respeito desse evento cultural deram-se por diálogos com Ari Freitas, José Diana e Bezerrinha Peixoto, participantes diretos, e da senhora Glucia como filha de um dos maiores seresteiros, Zé Moreno.

Em 1959, quando o seresteiro não podia comparecer ao encontro com os jovens que desejavam fazer a serenata, os mesmos colocavam uma radiola da marca philips (carregada com seis pilhas) e alto-falante na própria tampa (que era colocada na janela da casa), usando discos de cera e depois os do tipo vinil.

Eram momentos de romantismo que aconteciam até que as pilhas da radiola acabassem. Vale lembrar que alguns donos das casas escolhidas para receber as serenatas não gostavam muito. As moças, porém, sentiam-se homenageadas com aquele romantismo dos namorados ou pretendentes.

Nas lembranças de Bezerrinha Peixoto, um dos jovens cantores mais citados durante as buscas de informações, dentre as muitas músicas de que recorda da época, uma era especial. Era a que seu avô, Raimundo, amigo que era do tocador Zé Moreno, pedia-o para que fosse cantada a canção o destino desfolhou.

*O nosso amor traduzia
Felicidade e afeição
Suprema glória que um dia
Vivia ao alcance da mão
Mas veio um dia o ciúme
E o nosso amor se acabou
Deixando em tudo o perfume
Da saudade que ficou*

A música era transmitida aos mais jovens pelos mais velhos, seja nas relações de parentesco, ou mesmo, na amizade que os jovens cantores faziam com os mais experientes que tocavam violão.

Nas lembranças de alguns que vivenciaram essa época das serenatas, de modo mais efetivo, um fato interessante foi narrado. Havia por parte dos mais velhos, certa resistência aos jovens que surgiam junto com o estilo que foi consagrado na música brasileira, a jovem guarda.

A aparência física e vestimentas dos novos artistas levaram os mais idosos à desconfiança de que a música não seria de boa qualidade, o que com o passar do tempo foi, totalmente, aceito.

Segundo Ari Freitas, o auge das serenatas ocorreu no decorrer dos anos 60 e o declínio no final dos anos 70, chegando a desaparecer como prática cultural nos anos 80.

Carnavais

Não havia um local específico para os carnavais em Feiticeiro. Se, atualmente, a concentração é nos estabelecimentos das proximidades do açude, no passado era mais variado.

Um ano acontecia com mais efervescência em um bar, no outro já era em um dos salões de festa, e, assim, ocorria com grande participação de pessoas de diferentes idades.

O carnaval dos anos 50 foi um marco na cultura local, inclusive, a animação contava com a participação de muitos foliões de fora.

Os carnavais aconteciam em locais como, a Brasil Oitica, o salão dos Goiabeiras e em desfiles de ruas com foliões descendo no trecho principal.

Quanto à participação era de livre acesso a todos, mas algumas famílias não permitiam que seus filhos fossem a esse tipo de evento por considerá-lo fora dos padrões da época, principalmente, as garotas.

A animação ocorria, principalmente, por meio de marchinhas carnavalescas que eram sucesso no Brasil. Ai, ai Morena era uma das mais lembradas.

*Ai, ai, morena, será o meu maior prazer
Dançar o carnaval contigo,
Beijar a tua boca
e depois morrer!*

Outro sucesso foi Ô abre alas! de Chiquinha Gonzaga e cantada por Zé Pereira, um verdadeiro clássico dos carnavais.

Um grande enfrentante da organização nesse evento era Benedito de Oliveira, sempre orientando que os participantes usassem fantasias. Essa exigência provocou o embate com um folião que não estava fantasiado, o organizador foi ferido e abandonou a iniciativa na organização do evento.

Aconteceram, também, alguns carnavais no Colégio Abrahão Lincoln. Como o do ano de 1972, animado pelo sanfoneiro José de Aquino e que permanece na memória de jovens daquela época.

Nos últimos anos, e mais, especificamente, a partir de 2004, com o retorno das águas ao açude, a comunidade tem retomado a tradição de festejos de carnavais.

Os ambientes de acesso público, conhecidos, popularmente, como telhoças, recebem uma quantidade significativa de pessoas durante o período carnavalesco.

Os participantes não são apenas os moradores locais, mas, também, filhos da terra que residem em outros lugares, moradores das comunidades rurais, bem como de Nova Floresta e da sede de Jaguaribe.

O fim da tarde já estava virando tradição, para que parte dos participantes dos carnavais no entorno do açude, em especial, os mais jovens, se dirigissem à praça pública e promovessem o conhecido mela-mela.

A base desse mela-mela era farinha e *sprays* usados pelos participantes que seguiam dançando, ou mesmo pulando e jogando esses produtos uns nos outros.

Dança de São Gonçalo:

Originada na cultura portuguesa, teria sido inventada pelo religioso que, após passar um período de reflexão interior, criara uma maneira popular de cura dos pecados.

Essa invenção, segundo pesquisas sobre a dança, era usada por Gonçalo (que se tornaria São Gonçalo) que para reabilitar as prostitutas, vestia-se de mulher dançava e cantava com elas a noite toda.

Ele entendia que as mulheres que participassem dessas danças, aos sábados, não cairiam em tentação no domingo. Acreditava, ainda, que com o tempo se converteriam e se casariam.

A dança continuou sendo realizada por diversos grupos que, além de festejar o santo, pagavam promessas feitas a ele. No Brasil, é praticada com adaptações regionais em vários estados.

Em Feiticeiro, as danças de São Gonçalo aconteciam com frequência

em comunidades rurais, como as recordadas por informantes no sítio Cipó, Barbalho, Fortuna, Gurgueia, Juá, Malhada Doce e Timbaúba.

Geralmente, em ambientes de latadas, as danças de São Gonçalo ocorriam com uso de um canto chamado jornada. Eram 12 jornadas (cantoria com bastante repetição) que duravam cerca de vinte minutos.

A abertura da apresentação tinha o trecho a seguir cantado:

*Maria quando se viu doente para morrer,
Valeu-se de São Gonçalo para uma promessa fazer
Te ajoelha Maria, bota o joelho no chão,
Vem pagar tua promessa, de todo o coração.
Que santo é aquele diante do altar,
É São Gonçalinho que vem pra ajudar.
Que santo é aquele que vem no andor,
É São Gonçalinho de nosso senhor.
Casada ou viúva,
Solteira ou donzela,
Toda santidade seja para elas.*

A formação do grupo era iniciada por duas damas com o canto:

*Chegue, chegue minhas dançadeiras,
Fique de frente do altar pra uma jornada nós formar
Tamos com dança formada,
Nas horas de Deus amém,
Só não está bem formada,
Falta dar os parabéns.(bis)
Fique ai dançadeiras
Fique de frente o altar
Eu vou buscar uma parrelha
Para uma jornada nós formar*

O principal momento da dança de São Gonçalo era a canção em que as damas de diferentes condições civis entoavam, animadamente, dançando em coreografia. As cores que rimavam com o que cada uma delas representava passaram por alterações, no decorrer da história, entretanto, todas faziam rimas:

*São Gonçalo diz que trás maravalha nos chapéus,
Isso não é maravalha, é maravilha do céu,
São Gonçalo diz que trás(sic), laços de fita vermelhas,
Pra dar as suas dançadeiras, aquela que for solteira.
São Gonçalo diz que trás (sic), laços de fita amarelas,
Pra dar as suas dançadeiras, aquela que for donzela.
São Gonçalo diz que trás (sic), laços de fita cor de uva,
Pra dar as suas dançadeiras, aquela que for viúva.
São Gonçalo diz que trás (sic), laços de fita encarnada
Pra dar as suas dançadeiras, aquela que for casada.
São Gonçalo de Amarante, casamenteiro das moças,
Casa suas dançadeiras, para depois casar as outras.*

Depois de finalizada a jornada e cumprida, assim, a promessa era entoada a breve estrofe:

*Tua promessa está paga, do jeito que veio aqui.
Não brinque com São Gonçalo pra nada se repetir.*

A colaboradora Ednir Gomes, com bastante entusiasmo, recorda a abertura e o refrão cantado na dança de São Gonçalo. Convoca a sua irmã Edna Alves para juntas demonstrarem como se dava a coreografia no momento desse evento cultural. As demais cantigas do evento foram narradas por Lourdes Soares e Dilma Lopes.

As duas participantes da frente iniciavam com outras duas a dança. Depois, essas da frente iam buscar as demais duplas, até formar as doze participantes.

As doze damas passavam a fazer apresentação coreográfica, sendo metade próxima ao violeiro e outra metade perto do tamborzeiro. Os instrumentistas eram da beira do rio e vinham sempre que os organizadores os convidavam.

As cores possuíam uma simbologia nesse evento cultural, o que poderia ser uma ressignificação da dança no seu contexto mais original. Diante dos relatos, observa-se que as cores das fitas não são únicas no decorrer do tempo. Elas possuíam rimas na música cantada e o seu uso dava-se de acordo com o estado civil.

As danças aconteciam para pagar promessas.

Leilões da festa da padroeira

Os leilões de padroeiros faziam parte da tradição católica, tanto na sede da comunidade, como em vários sítios nos quais existiam capelas. Entre eles, o de maior tradição era justamente, o da sede da paróquia, conhecido como leilão para Santa Terezinha.

Ao observar as impressões sobre os leilões, no decorrer dos anos, percebe-se pelos depoimentos dos envolvidos e católicos, em geral, que existiam várias transformações do evento.

No geral, as prendas arrematadas sempre eram doadas por católicos, esses visitados em suas residências por uma comissão organizadora, próximo ao dia do evento social.

A grande mudança deu-se por conta da maneira de arrematar. É que durante os primeiros anos tudo tinha um valor atribuído, ou seja, qualquer objeto doado passava pelo processo de arremate, inclusive alimentos, como bolo, frango assado, dentre outros.

Nos leilões mais recentes, existia a possibilidade de se consumir esses produtos, apenas, comprando-os por preço igual ao de mercado, assim, o número de pessoas participando do evento crescia bastante.

Ao comparar os primeiros leilões, na forma antiga de aquisição das prendas com os mais recentes, percebia-se uma maior inclusão das pessoas. Essa festa social tornou-se mais popular.

O animador do leilão, que divulgava a prenda e fazia a venda, faz parte da história dessas festas. Foram eles: Raimundo Alves Peixoto (conhecido por Melado, do Gonçalo Alves, próximo a Mapuá), Carlito (sobrinho do

Raimundo Alves) e, mais recente, Geraldo Bezerra (da Bela Quina, Feiticeiro) e José Olavo (Nova Floresta)

A renda dessa festa servia, geralmente, para aquisição de bens duráveis da Igreja, ou mesmo, para reforma e melhoria de sua infraestrutura.

Festa de vaquejada

A vaquejada era um evento muito comum no Nordeste brasileiro. Na região do entorno de Feiticeiro aconteciam vaquejadas no sítio Riacho Seco, na comunidade de Nova Floresta, São José, Solonópole e na sede do município.

O ano de 1996 foi o marco inicial do empreendimento cultural Parque Santa Terezinha que ainda promove todos os anos, na terceira semana de junho, o evento de vaquejada.

A escolha do nome do parque deu-se após o seu idealizador solicitar confirmação do padre de que poderia homenagear a Santa Terezinha. A família organizadora era de tradição católica. Mas, hoje é uma área com pista de vaquejada, estrutura de bares em alvenaria, quadra para dança com palco coberto, banheiros e bar foram sendo construído paulatinamente.

Nos primeiros anos, apenas, existia a pista de vaquejada, com uma estrutura de cozinha/bar em alvenaria e barracão de palha para aglomeração do público, também a quadra onde aconteciam os forrós em um cercado com arame.

Os vaqueiros que, geralmente, se inscreviam para competir além da comunidade, eram oriundos de Jaguaretama, Nova Floresta, Iguatu, Orós, Milhã, e, também, de São Miguel - RN.

Os que assistiam ao evento eram, normalmente, das comunidades rurais e urbanas do entorno de Feiticeiro, mas era comum que alguns filhos da terra ligassem de onde residiam para confirmar detalhes da vaquejada, inclusive, conterrâneos que moravam em São Paulo, mas que desejavam passar férias em Feiticeiro.

Vale ressaltar que não existe outro ambiente fechado e adequado para festas no distrito. A partir de 2010, no período da festa da padroeira, o parque Santa Terezinha promove uma festa dançante para os que desejam mais animação após o tradicional leilão.

3.2 Nos ambientes escolares: eventos nas memórias de várias gerações.

As instituições escolares, dentre outras contribuições, além da educação formal desempenhada, tornaram-se ambientes onde as manifestações culturais são vivenciadas em sintonia com a comunidade local.

As festas juninas, as festas de rainha, os desfiles cívicos e as colações de grau eram eventos que estão muito presentes nos comentários de colaboradores, dada a relação das escolas com a comunidade.

O tempo passou e alguns desses eventos não acontecem mais com a mesma força de antes. Inclusive em atividades como festa junina e desfile de rainhas, as escolas tinham como um dos objetivos a arrecadação de renda para cobrir despesas, haja vista no começo as escolas sempre possuírem grande dificuldades na questão financeira.

Festas juninas

A introdução de festas juninas, idealizadas pela professora Imeuda com ajuda dos demais professores, é uma tradição que se fortaleceu dentro da Escola Militana Paes e faz parte do imaginário de várias gerações.

Era um momento ímpar de interação dos alunos e da comunidade local, não apenas dos mais jovens, mas de todos que gostavam desse tipo de eventos.

As primeiras festas ocorriam no galpão coberto, com barraquinha de comidas típicas, ao lado do galpão, no chão de terra batida uma grande fogueira próxima às barraquinhas e muitos fogos de artifício.

Uma colaboradora assídua foi a sra. Francisca de Maildo, que na fogueira, assava carne e milho durante os festejos. O tempo passou e uma pequena quadra foi sendo construída, a partir de rifas, promoções e doações feitas por pessoas da comunidade com efetiva participação de alunos e profissionais da educação.

A grande dificuldade para a construção era a retirada, por implosão, de grandes blocos de pedras em toda a extensão da quadra, como também, em outros trechos da escola. Um colaborador nesse processo foi o ex-chefe do DNOCS, o sr. Armando Amâncio que conseguia o material e equipamentos para explosão dos blocos de pedras.

Assim, construiu-se a primeira quadra na qual passaram a ocorrer as quadrilhas juninas com grande público expectador, numa área de 12 metros de extensão.

Alguns dos puxadores, pessoas que animavam gritando aos participantes os passes a serem realizados, foram os jovens: Cardoso, Erivando, Aldenira, Fátima Liduína, Moacir Carvalho. Nas mais recentes, a professora Aдаutina e o professor Fernando fizeram essa tarefa nas festas juninas.

Os pares participantes não eram apenas alunos da escola, mas, também, ex-alunos e outras pessoas da comunidade. No início desse evento, o sr. Joaquim Oiticica foi colaborador vindo à escola orientar os pares, ensinando-os a dançar a quadrilha.

Os tocadores foram vários, dentre eles os irmãos Zé Preto, Raimundo Nonato e Jota, Chico Neném (São José) e Zé de Aquino.

As marchinhas de São João, tradicionais, também, em outros lugares, estão nas memórias de participantes. O ritmo, geralmente, influenciado pelo rei do baião, Luis Gonzaga, como nesse verso, extremamente, comum nas festas juninas:

*Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha praquele balão multicolor*

A escola tem buscado manter essa tradição de décadas, porém o número de alunos que participam não é tão significativo e alguns professores, também, formam pares juntando-se aos alunos.

Houve, porém uma ruptura na participação da comunidade, que somente assiste ao evento e em menor quantidade do que no passado, sendo os expectadores mais jovens e adolescentes, muitas vezes ex-alunos de turmas recém-concluídas e alunos da Escola Maria Eneida.

A parte musical, antes com música ao vivo, recentemente, com uso de forró eletrônico em caixa de sons, entretanto o repertório de clássicos de festas juninas, ainda são cantados pelos mais novos.

A mudança de turno de funcionamento da escola, sem que haja atividades da maior parte dos alunos, no período noturno, pode ter contribuído para essas alterações.

O evento acontece na parte da tarde como atividade normal, sendo, provavelmente, a razão da pouquíssima presença de expectadores da comunidade.

Comemoração de 7 de setembro:

Os desfiles de celebração da Independência do Brasil, popularmente, chamados de desfile de 7 de setembro são realizados no decorrer da história das instituições escolares. O primeiro desfile cívico aconteceu na gestão de Ana Alves Miranda, início da década de 70.

As memórias revelam alterações que foram sendo vivenciadas na história desse evento.

Para os primeiros desfiles, a escola Militana Paes não tinha banda, e desfilava sempre atrás do Colégio Abrahão Lincoln. Posteriormente, mesmo sem apoio de verbas públicas, a escola foi montando a sua banda.

Um fato presente nos comentários dos que recordam e comparam essa atividade, no passado e mais recente, era a existência de uma forte rivalidade entre as duas escolas e que está na memória de profissionais da educação e de ex-alunos. O maior motivo, porém para a rivalidade entre as escolas, foi quando passaram a oferecer o mesmo nível de ensino, ou seja, o fundamental.

Ao avaliar a composição dos pelotões, a partir de fotografias, bem como nos diálogos com professores, percebe-se que o teor inicial dos desfiles era, fortemente, influenciado pelo nacionalismo.

A história do Brasil fornece influências constantes nas ilustrações exibidas no decorrer de cada desfile cívico. As temáticas como a libertação dos escravos, ou mesmo o trabalho escravo dos negros africanos são expostos constantemente, sendo os mesmos apresentados como submissos, nunca como lutadores por sua liberdade.

Nas memórias, a carroça ornamentada e com uma princesa tendo escravos ao redor era comum nas representações. O negro era exposto como liberto puramente pelo ato bondoso da princesa Isabel.

Não havia, nas representações, nada da pressão de movimentos abolicionistas, ou de eventos históricos que influenciavam negros e não negros a lutarem contra a escravidão.

É importante ressaltar que os livros didáticos e a própria formação dos professores não abordavam, naquela época, a libertação como fruto de um processo de luta.

Assim, no período inicial dos desfiles cívicos e por muitos anos, os episódios de história do Brasil eram abordados numa versão, extremamente, europeizada.

Outro tema nacionalista recorrente era o de homenagear as forças armadas. De acordo com informantes, muitos alunos desejavam participar dos pelotões que se trajavam com indumentárias de marinheiro, soldado e piloto, depois da disputa por quem tocaria na banda, ou ia à cavalaria com Dom Pedro, esses pelotões foram dos mais competitivos.

Uma das maiores tradições era o grupo de balisas, adolescentes, com saias e topes de filó com forros de failete, desenvolviam uma série de movimentos usando bastões e em outros desfiles bambolês.

A literatura infantil é uma área que, com certa frequência, se manteve pelo menos na escola de ensino fundamental.

Os organizadores dos desfiles cívicos recebiam influências, tanto de pessoas da comunidade que tinham contato com outros lugares, como de Vanda Frasão, filha do sr. Valmir Frasão, como também, ao observar desfiles em Jaguaribe, e mesmo com o passar do tempo, de eventos dessa natureza que eram televisionados.

Nos desfiles do Colégio Abrahão Lincoln e atual Maria Eneida, os colaboradores, no ensino do ritual do evento, eram cabo Valmir Frasão, Gildo Pinheiro, professor da escola e sargento, e o diretor Geraldo Bezerra, com o apoio em todos os eventos, do passado e presente, de profissionais da educação.

Na Escola Militana Paes, o cabo Valmir Frasão, Raimundo Paulino Neto, funcionário da escola, cabo Castro Pinto, militar da comunidade, professor Moacir Carvalho e Adautina Soares, coordenadora escolar, também, contando com a participação direta dos demais profissionais da instituição.

A análise do que compunha cada ano o desfile, as representações traduzidas com alunos atuando como personagens da história, ou profissionais de uma determinada área, permitia uma observação da historicidade desse evento cultural.

Se houve primeiro um teor nacionalista, padrões e valores, algumas influências de ideologias a serem repetidas, por outro lado, manifestações

culturais e aspectos menos nacionalistas fizeram surgir um teor mais regionalista. Mesmo não negando que continuou e ainda permanece a ideia de patriotismo exposto nos eventos mais recentes, houve uma queda da importância dada por parte dos que organizavam e que participavam mais ativamente do evento, puramente, comemorativo.

O 7 de Setembro deixou de ser prioridade, no instante em que o Brasil celebra sua Independência. O que se percebe é uma diminuição dessa prática como unânime e a introdução, cada vez maior, de temas sociais nos pelotões.

A partir do ano 2000, uma busca de temáticas mais próximas de contextos menos patrióticos e de forte tendência a explorar os problemas sociais foi identificada nas imagens dos desfiles da escola.

A figura do personagem que teria libertado a nação brasileira da dependência de Portugal não tem mais uma presença garantida. Houve um longo período no qual não se questionava o momento da proclamação da independência, nele, um personagem que jamais faltava era o que atuava como Dom Pedro I, mas, recentemente, ele não se encontra como personagem cativo nos desfiles cívicos.

O meio ambiente, os problemas sociais como: violência, exploração sexual de crianças, corrupção são conteúdos que aparecem, constantemente, nos últimos anos.

O 7 de Setembro comemorado pelas instituições escolares da comunidade, de fato, foi recebendo influências desde seu início e representa, com as poucas permanências e muitas modificações, as leituras e interpretações dadas por educadores e estudantes a um fato político nacional que, também, em outras regiões recebe releituras.

Muitos estudantes, entretanto, não demonstram vontade em participar dos desfiles de sete de setembro. Nessa questão há evidente declínio.

Uma mudança significativa e, possivelmente, positiva é que a antiga rivalidade deu lugar à parceria. Vale ressaltar que, faz alguns anos, desde 2004, que as instituições não são mais concorrentes quanto à oferta de ensino, justificando assim, a hipótese de que a concorrência nas disputas nos desfiles ganha força.

O encerramento de cada 7 de setembro tem sido realizado de modo conjunto, próximo à praça pública e com discursos breves de educadores e pouca presença de autoridades políticas.

O público presente às ruas da comunidade que assistia ao trajeto das escolas comentava o andamento do desfile, e era comum, no momento posterior ao desfile, dizer em suas opiniões quem teria desfilado melhor. Essa prática parece permanecer, mas de modo, cada vez, mais ameno.

Desfile das rainhas da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC

A atual Escola Maria Eneida é de responsabilidade da rede municipal, mas o prédio que abriga as instalações dessa instituição, no passado, era a sede do Colégio Abrahão Lincoln que pertencia à CNEC.

Um dos maiores eventos festivos organizados na comunidade, com participação de pessoas de outros municípios, era o desfile de rainha cenequista.

A festa, anualmente, realizada de 1968 até 2004, ocorria com maior frequência durante o mês de setembro. Mesmo sendo evento do colégio da CNEC, de 1968 a 1974, por questão de infraestrutura, acontecia nas dependências da Escola Militar Paes.

Algumas mudanças estão, fortemente, presentes nas memórias dos informantes: o material com o qual era feita a passarela, os tipos de vestimenta das candidatas, os critérios de escolha, as atrações musicais que participaram.

O relato, a seguir, mostra as mudanças nas formas de se organizarem as passarelas, segundo Edileuza Moraes:

No início era um Deus nos acuda para arrumar tanta coisa: como tambôes, tábuas, mesas, lonas, cordas, panos. Mas depois foi feita na gestão de Wilame uma passarela de tijolo e cimento. E as mais recentes da gestão de José Jorge vinham decoradores de Jaguaribe para ornamentar, inclusive a passarela.

As primeiras festas eram com trajes de noite (vestidos longos), logo depois vestidos de tamanhos mais curtos, mas, posteriormente, foi introduzido, por determinação da CNEC, o uso de trajes de banho, então os maiôs tornaram-se a vestimenta do desfile.

O ponto alto da festa era a primeira parte do evento com o desfile de belas garotas. O critério de decisão do resultado não estava atrelado sempre ao nível de beleza das candidatas. O principal objetivo da festa era angariar fundos para a escola, inclusive, em muitos anos o dinheiro do lucro tinha como destino, até mesmo, o pagamento dos professores e funcionários.

A rainha no ano de 1979, Rita Vescia Araújo Peixoto Braga, chegou a representar a CNEC Feiticeiro na regional em Iguatu e o dinheiro que foi arrecadado, segundo a rainha, serviu para a construção de banheiros femininos e masculinos, haja vista serem apenas um de cada, até então.

As candidatas tinham padrinhos e as escolhas dos mesmos tinham como intenção que esses ajudassem a custear as despesas com a afilhada, mas também, que fizessem doação em dinheiro.

Ganhava a disputa a candidata que tivesse arrecadado mais dinheiro, tanto da parte do padrinho, como em campanhas de arrecadação. E nem sempre a que mais arrecadava seria vitoriosa, se a beleza fosse essencial. Com isso, a plateia, quando insatisfeita com o resultado final, protestava, mas nunca com agressividade.

O objetivo de arrecadar fundos permaneceu, mas o critério de beleza passou a ser decisivo, de acordo com o ex-diretor, professor José Jorge. A partir da sua gestão prevaleceram os padrões estéticos e o desfile.

Na festa dançante, como segunda parte da noite, geralmente, tinha uma banda de sucesso da época. Muitas dessas festas estão na memória dos que relataram a respeito do evento. As atrações citadas foram o conjunto Monólitos, da cidade de Quixadá e o sanfoneiro José de Aquino, de Orós.

Vale destacar que, durante parte do tempo em que aconteciam essas festas, havia por conta do regimento da mesma o impedimento da presença de mães solteiras e mulheres conhecidas como “mulheres da vida”, termo de efeito pejorativo para as que praticavam prostituição.

O começo desses desfiles foi organizado por Irisma e Isamar, ambas filhas de Henrique Miranda, um dos líderes comunitários que se doou em prol desse colégio. Depois as professoras e, também, irmãs Adauneide Soares e Maria das Dores Soares, Dorinha. Os últimos desfiles contaram com a colaboração de Durguileide Lima para orientação das candidatas ao título.

Festa de término de curso:

No início da década de 70, quando teve início o oitavo ano ginásial começaram a ser realizadas as festas de colação de grau no Colégio Abrahão Lincoln, já a Escola Militana Paes teve essa tradição iniciada em 1984.

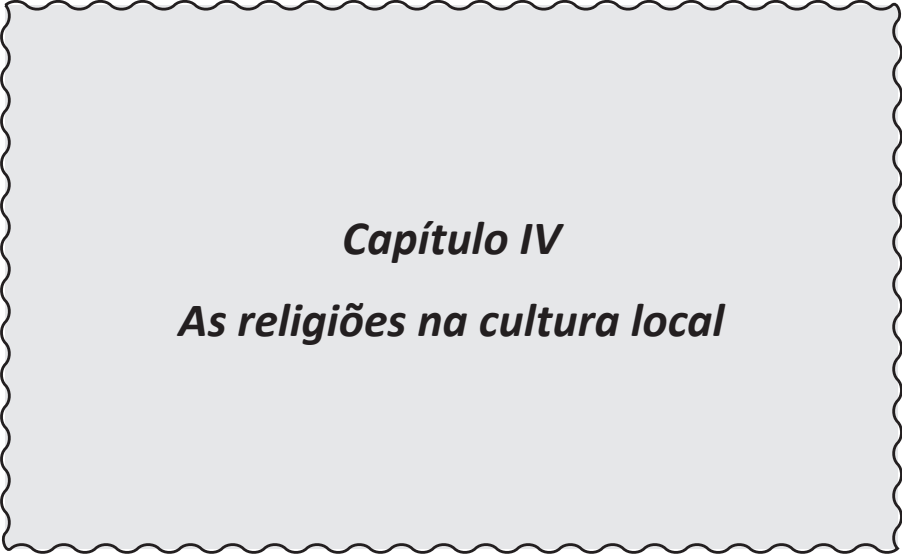
Um momento de emoção para as famílias, as escolas e a comunidade foi a conclusão do ensino fundamental dos estudantes da Escola Abrahão Lincoln e da Militana Paes.

O momento da entrega ficou sendo alternado nas sedes das escolas e na Igreja. Posteriormente, apenas nas escolas com eventos ecumênicos, devido às crenças dos alunos participantes serem de diversas religiões

Como em outras atividades, os eventos não estão mais sendo assistidos por um grande público. Muitas vezes, nem mesmo os familiares do estudante comparecem à cerimônia promovida pelas escolas.

A educação em Feiticeiro, no decorrer da história, representou um importante pilar como fomentador de uma formação de valores coerentes ao seu público. Para muitos, por se tratar de uma pequena comunidade, esse era, também, um momento de socialização, de sementeira dos sonhos, de valorização da coletividade.

Não se pretende com este livro dar conta de algumas partes da história da educação, até porque o assunto pode ser motivo de um livro inteiro. Vale salientar, contudo, que os costumes, a tradição, os valores edificantes, os eventos organizados, a partir desses ambientes, são suficientes para dar a exata noção da importância das instituições. As escolas Militana Paes, Abrahão Lincoln, Centro de Educação Rural Juarez Távora e Maria Eneida Peixoto Soares deixaram marcas em muitas gerações.



Capítulo IV
As religiões na cultura local

4 As religiões na cultura local.

O decorrer da história da comunidade é marcado, dentre outros aspectos importantes, pelas religiões. Nesta pesquisa opinamos por destacar as duas primeiras religiões surgidas em Feiticeiro.

4.1 A Igreja católica.

Parte dos habitantes da nova comunidade surgida, a partir de 1933, eram seguidores do catolicismo e viram a necessidade de erguer uma capela para se reunirem e praticarem sua fé, logo após se instalarem na nova morada.

Os padres de Jaguaribe durante os primeiros anos vinham fazer celebrações, e no ano de 1934 foi iniciada a construção da Igreja sob a responsabilidade do Padre Moacir José Fernandes.

Durante dois anos e com dificuldades, foram sendo realizadas as atividades da obra, que teve sua finalização nos últimos meses de 1936, quando o Padre em Jaguaribe era Isaac Antero Soares.

De acordo com os registros da Paróquia de Jaguaribe, em arquivo na diocese de Limoeiro, depois de ser nomeado padre na referida Paróquia, em 27 de janeiro de 1936, o Padre Isaac começou a fazer visitas à obra da então capela de Feiticeiro.

Em Joaquim Távora na construção do açude onde se constrói uma capela em honra de Santa Terezinha. Estou trabalhando para prover as referidas capelas de todo necessário. (Padre Antero, 06/05/1936).

A dedicação do pároco com relação à obra ficava evidente ao buscar, entre os próprios moradores de condições mais elevadas, o empréstimo, em dinheiro, para tocar a obra de modo mais acelerado. Cada tipo de despesa na obra e, também, as compras de objetos foram registradas pelo vigário.

Não ficou esclarecido, entretanto, se a expressão “empréstimo” teve realmente devolução, ou seria uma doação. A seguir o relato detalhado do Padre Isaac sobre os valores recebidos de cada pessoa, bem como o que foi

feito. É importante lembrar que a descrição foi mantida de acordo com a escrita da época:

Encontrei a base da futura cappela de Santa Terezinha na povoação de Joaquim Távora contractei a mão de obra por 3:400 H a madeira por 1:300 H. Troquei no sino por 215 e imagem por 430. Levantei num emprestimo ao senhor João Felix Lopes 500 (H~do), Manoel Costa Morais 500, Pedro Pinheiro 200H, Honorio Peixoto 200hons ao Cícero Nunes 200Hovo, ao Francisco Pessoa 100 Havo, Francisco Costa Rego 100, ao Americo Bezerra 100, Labando Diogenes 100, Francisco Cunha 100, José Bezerra Filho 50hoso, ao Padre Antero Soares 1:400H000 assim deixo a cappela coberta, reforçada vem o sino no dia 15 de Novembro de 1936, a imagem de santa Terezinha no dia 5 de janeiro de 1937. (Padre Antero, 08/01/1937. Paroquia de Jaguaribe, livro tomo nº 4, folhas 30-31).

A importância desse documento para a Igreja católica de Feiticeiro é o fato de se perceber que, logo na origem, muitos dos moradores colaboraram com a edificação do templo católico.

Parte desses senhores eram, inclusive, colaboradores em outras questões relativas à comunidade, o que provavelmente os levou a ser homenageados com seus nomes em ruas e avenidas.

A escolha da padroeira Santa Terezinha aparece, também, logo citada na primeira escrita do padre Antero em maio de 1936. Segundo o Bispo Dom José Haring, a escolha de um santo para padroeiro, normalmente, acontece com diálogos entre os fiéis que desejam a fundação do templo. Em muitos casos, era comum que um devoto desejasse uma capela com seu santo predileto.

4.2 A Paróquia de Feiticeiro.

O ano de 1963 foi o marco de um dos instantes mais importantes da Igreja católica de Feiticeiro, precisamente, o dia 30 de novembro de 1963, quando por decreto o Bispo Diocesano Dom Aureliano Matos foi criada a Paróquia de Feiticeiro. Entretanto, vale mencionar dois fatos anteriores que

têm relação com a nova paróquia. O primeiro trata-se de uma nota escrita no livro de tomo nº 5, da Paróquia de Jaguaribe:

Novembro —(?) —Domingo: houve uma missa na capela de Feiticeiro, onde o vigário, mais uma vez aconselhou o povo de Feiticeiro a não desanimar na campanha procreação da paróquia de Feiticeiro —prometida pelo senhor bispo diocesano. (Nota do livro de tomo nº 5, Paróquia de Jaguaribe ano de 1960 a 1970).

A nota não traz o nome do vigário, nem mesmo há assinatura do autor que pode ter sido ele mesmo ou não, mas o padre, à época, tratava-se de Pompeu Bezerra Bessa. Poucos dias depois dessa missa e do conselho ao povo, aconteceu um avanço a respeito do assunto.

O Ato Diocesano nº 25, datado de 8 de novembro de 1963, registra a formação de uma comissão que tem como função organizar os limites da futura Paróquia de Feiticeiro.

Pelo presente documento havemos por saber nomear, de fato nomeamos a comissão composta dos senhores Pedro Xavier Pinheiro, Manoel Vidal Pinheiro, Jaime Gonçalves de Lima, Joaquim Silveira que sob presidência do vigário da paróquia de Jaguaribe Padre Pompeu Bezerra Bessa, organizará os limites da futura paróquia de Feiticeiro, a ser criada brevemente, desmembrada da paróquia de Jaguaribe.

Dado e passado nesta cidade de Limoeiro do Norte em 8 de novembro de 1963.

A importância do trabalho dessa comissão foi anterior à criação da nova paróquia, tendo contribuído na delimitação que foi usada, geograficamente e religiosamente, como área da futura paróquia de Santa Terezinha.

O mês de novembro de 1963 estava cheio de atividades aos que viam do catolicismo naquele momento. Em Jaguaribe, era o ano do centenário da paróquia e na comunidade de Feiticeiro a organização para o surgimento da paróquia.

No ano de 2013, a Igreja católica, em Feiticeiro, celebrou o cinquentenário dessa história e a busca da documentação para essa pesquisa pos-

sibilitou a localização do Decreto nº 26 de autoria do Bispo Diocesano D. Aureliano Matos.

Diante da importância histórica desse evento e do documento que o legitima, abaixo, na íntegra a “Carta de Criação da Paróquia de Feiticeiro”.

Valendo nos das faculdades que nos são concedidas pelo código do direito canônico nos cânones 1414, 1426, 1427 — resolvemos criar como de fato criamos, pelo presente decreto a paróquia de Santa Terezinha de Feiticeiro. Ouvindo o conselho diocesano e, com a aprovação deste, determinamos que esta nova paróquia seja de caráter amovível (c. 454 § 3).

Considerando que a capela de Santa Terezinha da cidade de Feiticeiro oferece perfeitamente os registros para ser matriz, e levamos a referida capela à dignidade de matriz com todos os direitos peculiares às igrejas paroquiais.

O território da nova paróquia foi desmembrado da paróquia de Jaguaribe, passando a ter os seguintes limites: partindo da barra do riacho Jitubarna com o Riacho Manoel Lopes, segue-se pelo mesmo Jitubarna até a barra do riacho da Mutambeira, e por este acima até a barra do riacho Jabasinho, e daí a linha reta até encontrar o início do travessão leste de demarcação da data do povo de Fiuza, seguindo-se pelo mesmo até o riacho das almas, conservando-se os limites atuais com as paróquias de Orós, Bom Jesus, Solonopole e Jaguaretama. Sejam os fieis da nova paróquia obedientes aos vigários que para ela forem nomeados, solicito em auxiliá-los em todos os trabalhos inerentes ao seu cargo contribuindo para que na nova paróquia se intensifique cada vez mais a vida cristã. Como Padroeira da nova paróquia deve Santa Terezinha receber de todos os paroquianos o testemunho mais perfeito de respeito e amor filial.

Este decreto entrará em vigor a trinta de novembro do mês em curso. Dado e passado nessa cidade de Jaguaribe, sob o sinal de sê-los de Nossas Armas, aos 30 dias do mês de novembro, festa do apóstolo

Santo André e Primeiro Centenário desta Paróquia de Jaguaribe do ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1963.

† Aureliano Bispo Diocesano.

O documento que marca a criação da Paróquia de Santa Terezinha tem em seu teor alguns pontos destacados e que vale a pena tecer considerações. Antes, vale dizer que o documento está transcrito dentro da escrita padrão daquela época, sem alterar a grafia.

A criação da paróquia por decreto do bispo D. Aureliano Matos deu-se num período, no qual a condição política de Feiticeiro era destacada como uma cidade.

De acordo com leis estaduais, em maio, o então governador do Ceará, Virgílio Távora, emancipou os distritos de Feiticeiro, Mapuá e Nova Floresta.

A decisão religiosa foi em 30 de novembro de 1963, e somente em 14 de dezembro de 1965, a Assembleia Legislativa decreta o retorno à condição de distrito.

Voltando à questão religiosa, é interessante observar que o documento escrito pelo bispo diocesano traz, de certa forma, conselhos aos católicos: obediência aos vigários e testemunho de amor filial à padroeira.

4.3 A Igreja Protestante Assembleia de Deus.

O ano de 1973 marcou a chegada dos primeiros protestantes que se congregavam na Igreja Assembleia de Deus no distrito de Feiticeiro.

A família Facundo que desse povoado havia migrado em 1970 para Conceição dos Vicentes, no município de Orós, estava regressando a Feiticeiro. Em sua própria casa, foram iniciados os momentos de culto da primeira Igreja Evangélica.

No começo eram poucas pessoas, apenas, a própria família composta por oito membros: o casal José Facundo Filho e Maria Soares de França e seus seis filhos.

Os primeiros não pertencentes à família que aderirem a essa religião foram: a senhora Francisca conhecida como Fransquinha de Jorge, Laura de José Goes e Luis Clotilde e família.

Em 1981, como o trabalho estava bem maior e a casa do sr. José Facundo já era pequena, não cabendo mais os novos integrantes da Assembleia, perceberam a necessidade de construir um templo.

Surge o primeiro local de congregação fora da casa da família Facundo, quando foi alugado um espaço no antigo prédio do sr João Pedro, onde, atualmente, é a farmácia veterinária, na esquina da rua Francisco Pinheiro. Nessa época, o dirigente da congregação foi Gerardo Roseno.

A pedra fundamental do templo para a Igreja foi lançada em 1981, com a doação do terreno por Benedito Bezerra de Oliveira, um grande apoiador dessa obra. Os membros da Igreja se organizaram fazendo e vendendo comida para angariar fundos. As atividades no templo foram iniciadas antes da conclusão da obra.

Os recursos escassos, e, ainda, como dependentes da sede de Jaguaribe não foi fácil. No começo dos trabalhos, a assistência foi do pastor Manoel Paulino, mas a inauguração do templo aconteceu, em 1992, na gestão de João Bezerra, ambos atuando em Jaguaribe.

O trabalho continuou crescendo e sentiu-se a necessidade de tornar essa Igreja de Feiticeiro independente. Foi quando teve início a luta pelo desmembramento da sede de Jaguaribe. Como todo processo de independência esse, também, foi desgastante.

Parte dos membros da Igreja, em Jaguaribe, liderados pelo pastor Enos, discordavam do desmembramento, mas um abaixo assinado enviado à Igreja central, em Fortaleza, entregue por uma comissão de obreiros, tornou legal a independência da Igreja Assembleia de Deus em Feiticeiro.

Um momento histórico para a comunidade de Feiticeiro, em especial os membros da Assembleia de Deus, foi quando em 1998 tornou-se sede própria, sendo seu primeiro pastor, Josué Mendonça de Lima.

A gestão do pastor Josué foi de julho de 1998 a julho de 2000, e teve uma importante marca, a construção da casa pastoral. A arrecadação de recursos para essa obra deu-se com a colaboração de todos os membros da Igreja.

Uma importante iniciativa surgida a partir da irmã Neuma foi enviar aos evangélicos, que residiam fora, cartas pedindo ofertas para a construção. Outra ação foram contribuições, a partir de um jantar beneficente.

O segundo pastor foi José Osair dos Santos, que ficou apenas três meses à frente do trabalho, falecendo vítima de uma apendicite. Esse fato

surpreendeu a todos, pois o mesmo demonstrava bastante vitalidade tendo inaugurado a congregação do Córrego das Pedras. No curto espaço do seu tempo na comunidade, ele teve a oportunidade de receber o circo do evangelho, num evento que ocorria nacionalmente. O circo foi montado em uma área livre do DNOCS.

Em uma tenda, durante uma semana, com a presença de evangélicos e convidados não integrantes da Igreja realizaram-se atividades religiosas.

O terceiro pastor foi Francisco de Assis Moreira Gonçalves que prestou relevantes serviços, vindo a construir as Igrejas nas comunidades rurais, dentre elas sítio Cipó e Santa Fé. No seu período, também, foi comprado um terreno ao lado da delegacia.

Em sua gestão, o pastor Assis Moreira fez uma homenagem ao sr. José Facundo Filho, dando-lhe o título de patriarca da Igreja, pois, foi ele um dos pioneiros.

O quarto pastor, Francisco de Assis de Lima, tendo atuado a partir de novembro de 2002 a maio de 2007. Suas marcas foram: a reforma no templo da Igreja, bem como a construção do templo no sítio Curral Novo, inaugurado pelo pastor seguinte, haja vista que faltava ser colocado o piso.

O quinto pastor foi Mosivaldo Moreira Pereira que permaneceu de maio de 2007 até dezembro de 2009. Construiu uma secretaria e dois banheiros nas dependências da Igreja.

Um fato marcante, na sua gestão, foi que o pastor Calbi, de Jaguaribe, determinou que a Igreja do sítio Vieiras decidisse a quem iria se congregar, se a Feiticeiro, ou a Nova Floresta. O dirigente José Vieira optou para ficar congregado a Nova Floresta, e os membros escolheram Feiticeiro, o que ocasionou uma divisão. Assim, naquela comunidade rural, ainda existem dois templos.

Ainda na gestão do pastor Mosivaldo, ele comunicou-se com o prefeito municipal, José Sérgio, e solicitou o terreno vizinho à Igreja, por trás da delegacia local. O terreno foi murado e nele passaram a ser realizados os eventos sociais da Igreja.

O sexto pastor foi Francisco Roque da Silva, tendo ficado de dezembro de 2009 até julho de 2012, quando se deu a inauguração do templo do sítio Vieiras.

O atual pastor é Antônio Raimundo da Silva que iniciou suas atividades em julho de 2012. Uma realização em andamento é a construção do

templo no sítio Monte Lima. Foi construída também uma cozinha na parte dos fundos da Igreja. Quando for inaugurada, será feita uma homenagem ao Pastor Osair dos Santos, com seu nome nesse ambiente.

A comunidade de Feiticeiro tem vivenciado, como em outros espaços brasileiros, a criação de ambientes para cultos religiosos de diversas religiões cristãs. As Igrejas Batista e Mundial são as mais recentes, com relação as suas estreias, sendo que a Igreja Batista já possui sede própria.

Capítulo V

***Um estudo social e antropológico da
comunidade.***

5 Espaços físicos e culturais.

O trabalho apresentado, através deste livro, é produto de uma pesquisa que além de trazer aos leitores informações sobre as origens e aspectos da cultura e da sociedade local, também, buscou construir um breve estudo sobre as ruas.

Aqui, está apresentado um texto sobre cada uma das atuais ruas e avenidas que foi escrito, a partir de observações, como também, de diálogos com moradores.

No final de cada uma dessas descrições, encontra-se uma biografia sobre quem são os homenageados, com seus nomes em cada rua da comunidade.

Por fim, uma fotografia de patrimônios materiais ou imateriais; de bens, ou de pessoas que marcaram, com suas vidas, de alguma maneira, o espaço físico no qual estão vivendo.

Avenida Antônio Rosa de Sousa

Essa avenida é a entrada para os que chegam oriundos de comunidades rurais do sentido sul. O crescimento da comunidade pôde ser sentido, justamente, pela verdadeira transformação no espaço físico do referido trecho.

Antes, e durante muitos anos, a única casa que existia era a do sr. Antônio Rosa, construída nos anos 30 e que foi derrubada em 1994. O cemitério da comunidade ficava localizado no final da reta, já bem próximo ao sítio Barbalho e era, apenas, essa a instalação existente na referida avenida.

Nos últimos anos da primeira década do século XXI, principalmente, a partir do ano de 2004, com o renascimento do açude como reservatório de água, diversas casas e prédios para fins comerciais foram edificadas na atual Avenida Antônio Rosa.

As profissões das pessoas residentes nesse logradouro são: pescador, agricultor, dona de casa, vendedor, pedreiro, leiteiro, artesão, comerciante e estudante.

Na rotina desse espaço, às 5h30min percebem-se algumas pessoas dirigindo-se às atividades de trabalho, enquanto as donas de casa preparam o café da manhã.

Por volta das 6h, o movimento da avenida aumenta com a passagem dos carros de feiras vindos de diversas comunidades rurais. Já os carros que trazem estudantes dos sítios à sede passam em torno 6h45min e os poucos estudantes dirigem-se no turno da manhã, por volta das 6h50min.

O aumento do número de construções na comunidade de Feiticeiro fez surgir importantes pontos de vendas com materiais de construção, alguns dos quais estão localizados na Avenida Antônio Rosa.

Entre esses símbolos do desenvolvimento está um local de fabricação de tijolos, localizado na parte mais alta da avenida, e um depósito de materiais de construção na parte baixa, quase no limite com a Avenida João Felix, onde o movimento é constante, de 5h às 17h.

Às 9h as donas de casa, tendo concluído suas atividades do lar, iniciam seus artesanatos, enquanto isso é comum observar-se o uso de equipamentos de sons.

Por volta das 10h30min, as crianças que foram para a creche estão chegando, e os que foram para o ensino fundamental chegam em torno das 11h. Os transportes escolares passam de volta aos sítios.

Os que trabalham fora estão retornando as suas casas para almoço e pequeno momento de descanso, durante o meio dia. Os estudantes da tarde, também, em pequeno número já se organizam para ir às escolas.

Por volta das 13h30min, os trabalhadores saem para recomeçar suas atividades, as donas de casa fazem, novamente, artesanatos e assistem televisão.

Nessa avenida, pela quantidade de pessoas aposentadas, percebe-se com frequência, o costume de sentar-se na frente das residências.

No final da tarde, os estudantes voltam das escolas e, novamente, recomeça o movimento de transportes dos sítios com os estudantes de diversas comunidades.

No início da noite, as crianças dessa avenida descem para a avenida João Felix e brincam com as crianças daquele trecho. Por ter pouca iluminação, parte dos moradores dirige-se às calçadas próximas ao poste de iluminação pública e interagem em conversas.

Alguns moradores são estudantes da Escola Militana Paes no período noturno e saem de suas residências por volta das 15h para 18h e retornam cerca de 21h.

As pessoas que trabalham nos comércios estão regressando as suas casas em torno das 19h30min, depois de um dia cansativo de trabalho.



Figura 3 - Cemitério de Feiticeiro reformado, em 1995, com a liderança do Sr. Tarcisio Cardoso.

Foto Hiago Pinheiro

As crianças que se dirigiram mais cedo até a outra avenida para divertirem-se chegar, aproximadamente, às 21h, tomam banho, jantam e vão dormir.

Às 22h não há mais nenhum barulho na avenida, apenas em algumas residências, internamente, é percebido que alguns ainda estão fazendo atividades domésticas, ou mesmo assistindo televisão. Às 23h está tudo totalmente calmo, sem barulhos.

Antônio Rosa de Sousa

Nasceu em dez de outubro de 1910, no sítio Catitu, no distrito de Mapúa, Jaguaribe, filho de João Avelino de Sousa e Maria Peronia de Jesus.

Antônio Rosa foi vaqueiro no sítio Leão de Ouro e a maior parte da vida foi, também, agricultor.

Chegou à comunidade em 1933, aos vinte e três anos. Ele, como muitos outros, migraram para Feiticeiro por conta da seca e das obras que estavam acontecendo, mas após as obras, tornou-se um dos seus primeiros moradores.

Casou-se com Maria Abrailde Freitas, em 1939, tendo desse matrimônio nove filhos: Raimundo Airton, José Arli, Ari Freitas, Arleudo Freitas, Arilson Freitas, José Arneudo, Arivando Freitas e Maria Aglair.

Sua primeira residência construída, na primeira década do nascimento do lugar, ficava no alto que, com o passar do tempo, foi popularizado como alto de Antônio Rosa. Esse alto ainda faz parte da avenida, que recebeu em homenagem ao seu primeiro morador, o nome de avenida Antônio Rosa.

Antônio Rosa faleceu em Fortaleza, vítima de câncer, em 24 de novembro de 1994.

FONTE: Informações gentilmente fornecidas pelo senhor Ari Freitas.

Rua Benedito Bezerra de Oliveira

Comporta o Posto de Saúde da Comunidade.

Esse é um dos pontos periféricos da comunidade de Feiticeiro. A direção norte limita-se com os quintais da rua Eliseu Batista; o lado sul com a rua Francisco Guimarães Peixoto; lado leste com o riacho proveniente do açude de propriedade de Antônio Osmar e oeste com os fundos da rua Dr. Francisco Tomé da Frota. A rua é mais conhecida por rua do Posto.

Essa rua é das menores, quando se trata da quantidade de casas, bem como da extensão. São apenas três, uma, totalmente, de taipa que ainda não foi beneficiada pelo programa minha casa minha vida, e duas de alvenaria.

A rua é bastante calma. Apenas dois espaços físicos não residenciais fazem parte da estrutura. Existe um depósito de mercadorias pertencente a comerciantes locais, e outro de serviço público, um Posto de Atendimento Básico de Saúde. que recebeu o nome oficial Maria Kátia Campelo de Farias Freitas

A importância dessa rua é aumentada devido ao serviço de saúde oferecido no posto já citado.

A população existente na comunidade de Feiticeiro é de 5004 habitantes, segundo dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas IBGE, 2010, e de acordo com as normas do Ministério da Saúde, cada equipe de profissionais deve atender até 4000 habitantes. Dessa maneira, pode-se observar que existe uma carência na oferta de atendimento à população.

O movimento na rua Benedito de Oliveira, no decorrer dos dias úteis, é de trânsito e pessoas a pé, vindos das mais variadas ruas e comunidades rurais, para buscar atendimento básico de saúde, recebimento de medicamentos e atendimento odontológico.

Os primeiros chegam por volta das 5h, mas não existe um controle rigoroso, haja vista que o atendimento começa, a partir das 7h30min. É comum as pessoas que chegam mais tarde entrarem em conflito, com relação à ordem de espera.

O atendimento de clínico geral está sendo realizado pelos médicos e é limitado, atualmente, ocorrem vinte e oito por dia, já o dentista, a média normal seriam dezesseis atendimentos, mas, geralmente, esse número é ultrapassado. A enfermeira tem como principais funções o controle de dia-

béticos, hipertensos, pré-natal e o atendimento de prevenção, esse último realizado nas quartas-feiras.

À noite e no decorrer dos finais de semana, essa rua é praticamente sem trânsito de outras pessoas além dos moradores. E a rotina noturna é de recolhimento até as 22 horas.

Atualmente, encontra-se em construção uma academia para o público idoso.



Figura 4 - Posto Médico Kátia Maria Campelo Farias de Freitas construído em 1968 na gestão de Francisco Benício.

Foto: Hiago Pinheiro

Benedito Bezerra de Oliveira

Nasceu em 29 de abril de 1925, no sítio Riacho Seco. Filho de Manoel Luiz Bezerra e Maria Auxiliadora Bezerra de Oliveira.

Em 1933, vieram morar no sítio Barbalho, na época em terras da família Pedrosa. Seu pai comprou uma faixa de terras que pertencia ao sr. Jó (pai de Chico de Jó), mas, logo seu pai foi embora para o Amazonas, ficando Benedito arrimo de família. Trabalhou como tropeiro de jumentos carregando barro para a parede do açude de Feiticeiro.

Outras ocupações fizeram parte de sua história, foi pescador no

açude Boqueirão, comerciante de peixe para Maranhão e Campina Grande, trazendo das viagens arroz e querosene para revender, também, comercializava peixe para Fortaleza.

Em 1955, Benedito comprou o sítio Barbalho, onde havia residido quando veio do Sítio Riacho Seco.

Em 1957, casou-se com Maria Oliveira da Silva, tendo com a mesma quatro filhos: Sílvia Lúcia, Sângela Ligia, Maria José e Francisco Benedito.

Em 1958, entrou na área da política tornando-se uma das lideranças da comunidade de Feiticeiro. Foi por cinco vezes vereador. Concorreu duas vezes à Prefeitura de Jaguaribe; uma, como candidato a Prefeito, disputou com Chico Benício, em 1968; e na vice de dona Naíde, disputando com José Távora, em 1976.

No seu trabalho comunitário, suas prioridades foram a educação e a saúde. Arranjou contratos para vários professores. Por um convênio com a Legião Brasileira de Assistência —LBA, criou o Centro Comunitário, onde eram oferecidos cursos para população (artes e preparação para gestantes) e preparação para o pré-escolar (contando com a ajuda da amiga Terezinha Teixeira como orientadora dessa causa). Ajudou, financeiramente, na construção do Colégio Abrahão Lincoln.

Na saúde, trouxe recursos para o miniposto de Saúde.

No campo religioso, incentivou a vinda de Padre João Eudes Silveira para a Paróquia de Feiticeiro e doou o terreno para a construção da Igreja Assembleia de Deus.

Na parte de infraestrutura, foi incentivador de um escritório da Companhia de Desenvolvimento Agropecuário - Codagro em Feiticeiro, no qual ficou sendo seu representante. Atuou junto com outras lideranças na aquisição da energia elétrica da comunidade e do primeiro telefone público.

Morreu em 20 de outubro de 1983, vítima de problemas cardíacos depois de alguns dias hospitalizado.

FONTE: Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF.

Rua Bezerra de Menezes

Onde os primeiros comércios surgiram.

A posição geográfica é de sentido leste-oeste. Uma característica interessante é de que um trecho possui casas e prédios dos dois lados, mas em certa altura da rua, a mesma fica de frente com a rua Francisco Fernandes Távora. A parte mais baixa da rua, no lado oeste, está limitada com o sítio de propriedade do DNOCS.

A rotina de movimentação dos moradores começa muito cedo da manhã. Às 4h os pescadores, trabalhadores da limpeza pública e o funcionário que abre o mercado estão, também, saindo para suas atividades.

A profissão das pessoas dessa rua: pescador, agricultor, funcionário público, manicures, pedreiro, comerciante, artesão, estudante, diarista, sacoleira, cabeleireiro, dona de casa e professora.

Entre 5h e 5h30min, outros moradores dão sinais de despertar em suas residências, inclusive, alguns saem para fazer caminhada. Às 6h, em todas as casas já existe algum morador acordado, mesmo parte das moradias não estejam com suas portas abertas. O pessoal da limpeza pública da rua, também, já está varrendo.

Às 6h30min, as moradoras varrem as calçadas e pouco depois o movimento já fica por conta das crianças que saem para a escola.

Por volta de 7h, a mercearia e oficina mecânica, existentes nessa rua, estão abertas. Vale destacar que a única pousada existente, até o momento na comunidade, também, está localizada na Bezerra de Menezes.

A partir das 7h30min, 8h, as pessoas que ficam em casa começam suas atividades domésticas. O costume observado é que uma boa parte faz suas atividades ouvindo música com volume elevado do som.

O serviço de correios da comunidade é feito em uma agência existente nessa rua e que atende das 8h às 15h.

Entre 8h e 9h é comum que pessoas estejam sentadas em frente às residências que ficam no lado da sombra. Essas, na sua maioria são idosos.

Das 10h30min às 11h, o movimento dá-se por conta do retorno das crianças e dos adolescentes que estavam nas escolas. Almoçam e em forma

de lazer, alguns se deslocam até a *lan house* que fica próximo as suas residências.

Após o almoço, que ocorre em torno do meio dia, parte das pessoas repousa. Nesse mesmo período, adolescentes e jovens que estudam no horário da tarde já estão se deslocando para as escolas.

No período da tarde, moradores praticam artesanatos, uns inclusive fazem suas telas assistindo televisão, outros estão somente assistindo televisão, geralmente, novelas e filmes.

Difícilmente, moradores fazem conforme é observado em outras ruas, seus artesanatos nas calçadas. Provavelmente, isso ocorra porque no lado que está projetada a sombra da tarde existem poucas casas.

A partir das 17h30min, 18h começam a aparecer os moradores sentando em frente as suas casas. Às 19h, os estabelecimentos de comércio fecham, muitos dos moradores estão jantando, outros assistem televisão, e, em alguns dias da semana, deslocam-se para as Igrejas.

Entre 19h30min e 20h, os jovens saem para a praça. E por volta das 22h, o que se pode observar é que os moradores já estão entrando em suas residências, seja para dormir, ou mesmo realizar atividades dentro de casa.

As 23h não há mais nenhum sinal de pessoas acordadas.



Figura 5 - Antigo comércio na década de 30, vendas aos primeiros da Vila.
Foto: Amanda Nunes

Família Bezerra de Menezes

A família Bezerra de Menezes é homenageada com o nome de uma rua na comunidade de Feiticeiro. De acordo com informações recebidas do colaborador Jairo Peixoto, a iniciativa foi do sr. Américo, ex-vereador, que assinava sobrenome Bezerra de Menezes.

Segundo pesquisas divulgadas pelo Instituto do Ceará sobre a genealogia da família Bezerra de Menezes, os troncos mais antigos que se conhecem até hoje dessa família no Ceará são provenientes de Joana Bezerra de Menezes e seu marido João de Sousa Pereira, natural de Portugal, vindos de Pernambuco.

A sra. Joana Bezerra de Menezes foi a primeira mulher de João de Sousa Pereira, e veio para Aracati. Ela era filha do casal Bento Bezerra, natural de Portugal e fazendeiro em Pernambuco, e Petronilla Velho Menezes, de origem baiana, também, descendente de tradicionais estirpes.

Em Aracati e Russas é imensa a progênie oriunda do casal João de Sousa Pereira - Joana Bezerra de Menezes: Gurgéis, Nogueiras, Castro e Silva e Ferreira todos se encontram nesse liame comum.

A partir de 1680, mais ou menos, passaram pernambucanos e baianos a solicitar datas de sesmarias no “sertam do Siará” (sertão do Ceará), para onde desejavam mandar seus gados, acompanhados de vaqueiros e escravos.

Nessa época, muitos sertanistas, continuamente, traziam notícias das fabulosas glebas do Jaguaribe, não tanto pela excelência de suas terras, pois as sabiam sujeitas a estiagens. O campo aberto e a natureza de suas pastagens eram ótimos para a criação de bovinos e equinos, enchiam de apetite os resolutos e corajosos futuros povoadores que não dispunham de tanta terra para a acomodação de seus rebanhos.

A família Bezerra de Menezes é uma das mais antigas e notáveis

que se perpetuaram na história da Província, segundo o estudioso João Brígido.

Vale lembrar que, segundo os relatos dos mais idosos, foi a vinda de um pernambucano à busca de um local para seu rebanho que fez surgir parte da história do sítio Feiticeiro.

FONTES: Adaptação de textos das obras citadas na fonte.

LEAL, Vinicius de Barros. Os Bezerra de Menezes: As origens. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1976, p.7-18. Acesso em 25/out/2012. Disponível:<<http://www.institutodoceara.org.br/asp/imagens/revporano/1976/1976-OsBezerradeMenezesasorigens.pdf>>

SA, Murilo Bezerra de. Famílias Cearenses: estudo genealógico dos Bezerra de Menezes. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1946, p. 215.

Rua Doroteu Afonso Teixeira

A rua está localizada atrás da avenida Joaquim Távora (em área pertencente ao DNOCS). Por esse motivo, somente há casas em um dos seus lados. Ela é uma das menores ruas da comunidade.

O detalhe é que essa rua no seu lado sul não há saída com pavimentação, mas um atalho que leva à avenida Joaquim Távora. É uma rua bastante estreita.

As profissões na rua Doroteu Afonso são: agricultor, artesão, pescador, comerciante, donas de casa, estudante e funcionário público.

Às 4h, moradores já estão acordados, não apenas agricultores, mas, também outros. Aparentemente, todos os moradores acordam muito cedo, exceto crianças que ainda não estão em idade escolar.

A partir das 7h, moradoras arrumam suas casas e fazem outras atividades domésticas. A maioria dos moradores é da faixa etária de idosos ou adultos que não possuem o costume de ouvir música ou assistir rádio.

Às 12h, os trabalhadores da rua estão regressando ao almoço e estudantes, que são poucos, se preparam para ir às escolas.



Figura 6 - Francisco Augusto Silva, seis anos na obra do açude.

Foto: Ricardo Régio

Os que ficam, dormem ou assistem televisão. Durante esse período da tarde, moradores fazem telas em suas casas, a maioria faz artesanato dentro de casa, assistindo televisão.

No final da tarde, os estudantes chegam das aulas.

Por volta das 19h, parte dos moradores sentam nas calçadas para conversar. Aparentemente, todos dormem por volta das 20h.

Doroteu Afonso Teixeira

Nasceu em 06 de fevereiro de 1871, no sítio Aracaju, distrito de Feiticeiro, em Jaguaribe.

Estudou em casa com professor particular.

Como fazendeiro dedicou-se profissionalmente à agropecuária.

Casado com Joana Florinda Pequeno Teixeira, com quem teve cinco filhos. São eles: Antônio Teixeira Pequeno, Felelon Teixeira Pequeno, Maria Teixeira Pequeno, Manoel Moreira Pequeno e Ambrosina Teixeira Pequeno.

Na sua vida social inteirava-se, bastante, com a comunidade de Feiticeiro. Participava da política partidária e era avô da Professora Imeuda Pequeno Pinheiro, primeira responsável pelo grupo escolar Militana Paes.

Morreu na sua residência, no sítio Aracaju, na então vila de Feiticeiro aos 25 dias de abril de 1950. Foi declarante da sua morte junto ao cartório de registros o senhor Sampaio Teixeira. Diferente da maioria das mortes desse período, houve atestado médico da sua morte e constava cansaço. O mesmo era asmático e tinha oitenta anos.

FONTES: Informações dos seus parentes Fausto Teixeira Peixoto e Loélia Coelho Pequeno. Ambos, em contato feito por Teresa Peixoto, na cidade de Orós.

Dados do livro de registro de óbitos de referência C4, p. 052.

Rua Eliseu Batista

Composta por residências, um prédio do Sindicato dos Trabalhadores e um terreno que é subdividido para curral e roçado, essa é uma rua da periferia. Nela, a parte mais, recentemente, edificada é popularmente chamada de sem-terra.

Logo ao amanhecer, por volta das 5h30min, são muitos os moradores que estão acordados, alguns fazendo caminhada ou se preparando para trabalhar.

Pouco depois, outro movimento é de pessoas que se dirigem ao centro para pegar transporte com destino à sede do município. E pode ser observado, também, um movimento de moradores de outras ruas indo conversar com pessoas da rua Eliseu Batista.

A maioria dos que trabalham fora são homens, ficando as mulheres nos afazeres domésticos. No início da rua, lado sul, existem com mais frequência idosos já aposentados.

Durante a tarde, os moradores que estão em suas residências costumam sair para as calçadas do lado da sombra. Em poucas residências, porém eles se juntam em número maior. O hábito é de moradoras fazerem



Figura 7 - Delegacia do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaguaribe, construído em maio de 1967.

Foto: Amanda Nunes

suas telas (com artesanato denominado na região de “filé”), enquanto isso, se comenta sobre fatos da vida privada. Outros estão dentro de suas casas assistindo televisão.

Por volta das 18h30min, moradores usam as calçadas, à frente de suas residências para sentar e conversar entre vizinhos ou visitantes. Outra característica é de crianças que brincam com bola nas calçadas.

Nessa rua, poucos moradores ficam nas calçadas por volta das 21h, a maioria já se recolheu para suas casas, mesmo que não seja para repousar.

Eliseu Batista

Nasceu no sítio Recanto nas proximidades das margens do riacho Feiticeiro, em 28 de maio de 1912. Era o quarto filho do casal, Manoel Batista Rolim e Maria da Conceição Batista.

Eliseu Batista, aos 15 anos de idade, acompanhado da família, passou a morar em Orós. Começou a trabalhar como aprendiz de alfaiate.

Após tentar a vida no sul do país, retornou e instalou em Jaguaribe uma alfaiataria juntamente com os amigos, Virgílio e Gentil Nogueira Paes.

Em junho de 1933, casou-se com Isaura Costa, filha do comerciante Alfredo Antonio da Costa. O casal teve nove filhos.

Mudaram-se para Orós em 1927 e lá abriram um comércio no ramo de cereais.

Em 1941, fez curso de Contabilidade em São Paulo e depois começou a atividade industrial, fundando, em 1947, a Eliseu Batista e Cia em sociedade com o sogro.

A partir daí, ampliou as atividades, adquirindo novas indústrias de beneficiamento de algodão e óleo, e abrindo novos investimentos nas cidades de Icó, Cascavel, Fortaleza e no Maranhão em atividades que incluíam, além de beneficiamento de algodão, fabricação de sabão, óleo, margarina, arroz, castanha

de caju, criação de gado, importação e exportação.

O sr. Eliseu Batista dentre suas ligações com a terra de Feiticeiro está mais uma vez a questão econômica. Durante um tempo, agricultores eram incentivados a plantar algodão com o intuito de revender ao empresário.

No cenário político em 1956, ele foi um dos fortes líderes na luta pela emancipação de Orós à categoria de município, que se deu em 1º de setembro 1957.

Eliseu Batista foi Prefeito da cidade de Orós por duas vezes, de 1959 a 1963 e de 1967 a 1971.

Entre as obras realizadas estão: o Hospital Municipal, Colégio, Fórum de Justiça, a sede da Prefeitura, Delegacia de Polícia, o Clube Social, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a ponte sobre o Rio Jaguaribe.

Foi um dos vários cidadãos que na década de 60 incentivou a construção do colégio Abrahão Lincoln, fazendo diversas doações.

Faleceu em 18 de janeiro de 2001.

FONTES: Informações de trabalho biográfico coordenado pela Professora Raquel Silva no então Colégio Abrahão Lincoln.

Dados coletados gentilmente por Teresa Peixoto junto a Emiliana Torres.

Rua Francisco Fernandes Távora:

Uma das menores ruas da comunidade e, ainda, sem calçamento em frente às casas. Formada por sete casas, sendo uma de taipa e as outras de alvenaria, e, atualmente, o fato que chamou atenção é que três delas estão fechadas.

Está localizada em frente a um dos trechos da rua Bezerra de Menezes no lado poente, ou seja oeste do eixo central que é a rua Santa Terezinha.

As profissões dos moradores dessa rua são pescadores, varredores de rua, auxiliar de construção, agricultor, artista popular, estudante, artesãos e donas de casas. Alguns, de acordo com as atividades que desenvolvem, acordam bem cedo, por volta das 4h.

Às 5h30min, em todas as casas já existem moradores acordados. Às 6h, alguns se encontram varrendo os espaços que ficam em frente as suas residências.

E antes das 7h, os estudantes dirigem-se para a escola. As crianças vão acompanhadas por familiares, enquanto as donas de casas exercem atividades domésticas, alguns ouvem músicas, assistem televisão, fazem artesanatos.

Os estudantes retornam da escola às 11h, e por volta do meio dia as pessoas estão almoçando.



Figura 8 - José Viana, conhecido como Zé Diana, violleiro e sanfoneiro símbolo da cultura local.

Foto: Ricardo Régio

No turno da tarde, a movimentação inicial é por conta das aulas para alguns que frequentam as escolas nesse período. Os que ficam em casa fazem um repouso, ou assistem televisão. Após o repouso, parte dos adultos faz seus artesanatos.

Por volta das 17h, os moradores colocam cadeiras em frente as suas casas, que ficam do lado da sombra e protegidas por árvores, conversam e se integram, alguns, inclusive, fazendo artesanatos.

Nessa rua, com a presença do artista popular Zé Diana, algumas vezes é comum que em frente a sua residência a rotina seja alterada. O mesmo faz uso de um violão e na presença de um pequeno grupo de familiares e amigos toca e canta.

Geralmente, a partir das 19h jantam e assistem televisão. Depois, é possível perceber que poucas crianças da rua brincam em frente às casas. As brincadeiras mais comuns são de boneca, escolinha e pega-pega.

As 21h, os que, ainda, estão acordados ficam dentro de casa entretidos na televisão, mas por volta das 22h30min, não há mais sinal algum de atividades na rua, nem mesmo dentro das casas.

Francisco Fernandes da Silva Távora

Nasceu no dia 10 de junho de 1854, na fazenda Boa Altura, território de Jaguaribe, e faleceu na sede do mesmo município, em 12 de Junho de 1942. Filho de Antônio Fernandes da Silva Távora e Idalina Alves de Lima Correia Nogueira Távora.

Teve uma irmandade de dezesseis irmãos, dentre eles alguns conhecidos na História, como: Antônio Fernandes da Silva Távora (Monsenhor, secretário do Papa Leão XIII e deputado), Carloto Távora (Monsenhor), Elisiário Fernandes da Silva Távora (Desembargador), Belizário F. da S. Távora (advogado e candidato a governo do estado em 1920 contra Justiniano Serpa) e Bernardino F. S. Távora (Prefeito em Jaguaribe).

Começou seus estudos na fazenda Boa Altura com o mestre Vitorino tendo sido matriculado no Seminário, mas abandonou, posteriormente, em virtude da sua vocação para a pecuária e agricultura.

Tornou-se grande proprietário de terras, algumas com nomes

bastante pitorescos: Vai quem quer; Vai quem ama; Leão de Ouro; Passagem Limpa; Pão de Açúcar; Campos; Vai quem Pode; Gurgueia.

Casou, em primeiras núpcias, com sua prima Ana Olímpia de Cunha Távora, com quem teve quatro filhos: Antônio Olímpio Távora; Idalina Olímpia Távora; Antônia Olímpia Távora e Bernardino Fernandes Távora.

O seu segundo casamento foi com Ana Rosa Pinheiro de Almeida. Desse, foram mais seis filhos, sendo eles: Manoel Pinheiro Fernandes Távora (Dr. Mano); Peressina Pinheiro Fernandes Távora (faleceu inupta); Francisca Pinheiro Fernandes Távora (conhecida por Chiquinha); Maria Carmosina Pinheiro Távora (faleceu inupta); Liberalina Pinheiro Fernandes Távora e Florentina Pinheiro Fernandes Távora (conhecida por Mocinha).

FONTES: Informações gentilmente cedidas pelo Senhor Racine Távora, sendo ele inclusive neto do Senhor Francisco Fernandes da Silva Távora.

Francisco Guimarães Peixoto:

Os espaços de educação formal passam por aqui.

Essa rua está posicionada no sentido leste e oeste. Ao leste, limita-se com o riacho conhecido, atualmente, como de Antônio Osmar (antes denominado de açude de José Cândido, antigo proprietário, e a oeste com a rua Santa Terezinha.

A sua localização geográfica possui uma característica interessante, sendo acesso para, pelo menos, quatro outras ruas, diretamente, e também, para outros lugares rurais.

Dentre as casas dessa rua encontra-se a casa paroquial, uma loja de vestuário (que funciona na parte de uma residência) e a Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria Eneida Peixoto Soares.

As profissões dos moradores são bastante variadas: agricultores, comerciante, mecânico, funcionários públicos, aposentados, agente de saúde, pecuarista, pedreiro, donas de casa, estudantes e o Padre da comunidade.

Às 5h30min, os primeiros sinais de movimentos são os funcionários do serviço público varrendo e coletando o lixo. Para a escola, começam a dirigir-se os funcionários dos serviços gerais, mas chama a atenção o fato de que às 5h já se observam pessoas vindo e indo ao Posto de Saúde, localizado à rua Francisco Benedito de Oliveira.

Por volta das 6h, as primeiras moradoras estão varrendo as frentes de suas residências. Seguem para a creche as funcionárias que executam a limpeza do prédio.

Esse é o trecho no qual animais de pequeno porte, ovelhas, são transportados de um curral, localizado na Eliseu Batista, e que pela manhã são levados para outro espaço próximo à sangria do açude, em um terreno denominado Recanto.

Entre 5h30min e 6h30min, há um movimento de serviços ou comércios oferecidos. Como rua de acesso, vários transportes de feira vão buscar passageiros no último trecho da comunidade no sentido leste, são os moradores da rua Pedro Xavier Pinheiro, também, o padeiro vende pão em domicílio.

Próximo das 7h, o movimento fica por conta dos alunos que estudam na Escola Maria Eneida, no ensino fundamental. Já as crianças que frequen-

tam a educação infantil chegam até as 7h30min, sempre acompanhadas dos pais ou responsáveis.

A próxima alteração nesse trecho está relacionada com a saída dos alunos da escola, no turno da manhã, às 11h30min.

No turno da tarde, as aulas iniciam às 13h e a movimentação dá-se por conta dos carros com estudantes, motos, ou mesmo alguns caminhando em direção às escolas.

Nesse período, porém são as duas escolas, Maria Eneida e Militana Paes, que estão funcionando e oferecendo educação formal, em níveis fundamental e médio, respectivamente.

Entre 15h e 15h30min as duas escolas encerram os expedientes, e os estudantes e professores participam do último momento mais intenso da rua.

À noite, parte dos moradores senta-se nas calçadas em frente as suas casas. Outro movimento nesse período acontece, principalmente, por pessoas oriundas da rua principal dirigindo-se as suas residências, nas entradas das ruas que se limitam com a rua Francisco Guimarães Peixoto.

No decorrer da noite, por volta das 20h, poucos são os moradores que estão nas calçadas conversando ou, apenas, observando.



Figura 9 - Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria Eneida Peixoto Soares.

Foto: Ricardo Régio

Francisco Guimarães Peixoto

Nasceu no município de São Miguel, no Rio Grande do Norte, aos 10 de agosto de 1913. Filho de Raimundo Peixoto de Sousa e Teresa Honório Guimarães Peixoto.

Aos cinco anos de idade perde sua mãe, indo morar em Mapuá, com sua tia Maria Guimarães Peixoto, conhecida por Mariinha. Trabalhou durante sua infância e adolescência na área comercial junto com seu pai.

Em 1935, casou-se com Beatriz Bezerra Peixoto com quem teve seus dez filhos: José Edvaldo; Maria Eneida; Edson; Raimundo; Antônio; Maria Eleneida; Francisco Everardo; Maria Evaneida; Francisco Guimarães Peixoto Júnior e Pedro. Os seis últimos já nasceram na nova morada, em Feiticeiro.

A sua chegada à comunidade de Feiticeiro deu-se no ano de 1942, quando o mesmo estabeleceu um pequeno comércio. Mais tarde, esse negócio renderia a parceria de outros comerciantes com estabelecimentos em Mapuá, Ipueiras, Assunção e São José, esses dois últimos pertencentes à Solonópole.

Outras atividades relacionadas à pecuária e até mesmo ao ramo da indústria foram vivenciadas por esse verdadeiro empreendedor.

Na área política, foi uma liderança de destaque, chegando a concorrer na eleição de 1954 para prefeito do município. Essa eleição, de acordo com fontes orais, foi bastante polêmica no tocante à corrupção, tendo sido ganha no voto e tomada na corrupção do sr. Chico Peixoto.

Entre suas ações, estão: a doação de terrenos a famílias carentes, o transporte de pessoas para regularizar documentos, um dos líderes da construção do Colégio Abrahão Lincoln. Foi inclusive, o primeiro presidente do setor do colegiado que administrava o colégio.

FONTES: Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro — AFAF.

Rua Dr. Francisco Tomé da Frota

O seu posicionamento é de sentido norte-sul. Ao norte limita-se com a rua Eliseu Batista e ao sul com a rua Francisco Guimarães Peixoto.

A rua Tomé da Frota possui, apenas, quatro residências e é nesse logradouro que fica a entrada oficial da Escola Militar Paes. Essa é uma das áreas da comunidade nas quais a descrição se encontra baseada nas informações de moradores, pois, não existiam muitas percepções no decorrer da observação de campo.

Considerada uma rua bastante calma, com poucos movimentos de carros e motos e tendo, também, poucos moradores. O cotidiano, praticamente, não é alterado quando se comparam os dias da semana com o final de semana. A única diferença é que como não há atividades na escola, o silêncio é ainda mais marcante.

Quanto às profissões dos moradores são: comerciantes, funcionária pública, vaqueiro, aposentado, estudante e empregada doméstica.

No turno da manhã, estudantes saem para as escolas de ensino fundamental e todos os adultos dessa rua trabalham fora e, também, no início da manhã estão se deslocando para seus empregos.



Figura 10 - Escola de Ensino Médio Militar Paes: a escola pública mais antiga da comunidade.

Foto: Ricardo Régio

Ainda no turno da manhã, algumas pessoas usam a rua como trajeto para se dirigirem ao posto de saúde da comunidade, sendo que um antigo acesso direto para a rua do posto, recentemente, foi alterado por se tratar de um atalho por terreno particular, agora murado.

Assim, os que usam essa rua como caminho ao posto de saúde, fazem, também, o percurso de parte da Francisco Guimarães Peixoto e, pela tarde, estudantes e profissionais da educação transitam para as escolas por essa rua.

À noite, apenas, em uma residência, o morador senta-se em frente a sua casa. Os demais costumam ficar dentro de suas residências e observa-se que estão assistindo televisão ou acessando computador.

Francisco Tomé da Frota

Filho de José Tomé Carneiro da Frota e Maria Alcida de Andrade, nasceu em 30 de abril de 1889. Seus irmãos: Maria do Carmo; Ana Tomé Frota; Francisca Germelina da Frota; Isabel Honorina da Frota; Maria Adalgisa Frota e os que faleceram inuptos: Ana, Francisco, José e Iraídes. Provavelmente, de acordo com documentos sobre a genealogia de Sobral, a cidade de Sobral foi sua origem.

Era engenheiro, e foi membro da Loja Maçônica Deus é Liberdade na cidade de Iguatu. Nessa cidade, Tomé da Frota é homenageado com o nome do Aeroporto, segundo informações, por ter um gosto especial pela aviação e ter sido o primeiro a fazer voo naquela cidade.

Em Feiticeiro, foi o engenheiro responsável pela construção do açude público Joaquim Távora.

FONTES: ARRUDA, Assis. Osferreira da Ponte (Genealogia Sobralense) 1679 —2010. Vol. IV, Tomo VI. In: www.genealogiasobralense.com.br

Rua Francisco Xavier Pinheiro.

Essa rua tem como uma característica ser a única que corta a rua Santa Terezinha, justamente, sendo divisa dessa com a rua Manoel Tomaz. Por ter uma extensão considerável, consegue apresentar dois trechos de descida nas extremidades, e um mais plano no meio. A maioria dos moradores da comunidade está acostumada a chamar, apenas, pelo nome Francisco Pinheiro.

Possui, somente, uma residência no estilo taipa. Na parte de serviços e comércios, atualmente, um lava-rápido para carros e motos e um bar. Em residências, ocorre comércio de leite, ovos de galinha caipira, *dindin* e salgados.

Os primeiros moradores saem para trabalhar por volta das 4h, são: leiteiro, agricultores e pescadores. Outras profissões de moradores desse logradouro: mecânico; vendedor ambulante; padeiro; motorista; costureira; comerciante; pedreiro; professora; funcionário público; comerciário; estudante e dona de casa.

Os varredores da rua dão início à limpeza às 5h. Um hábito interessante de mulheres desse trecho é que, por volta das 5h, fazem caminhadas (se dirigindo à parede do açude) e também praticam natação.

Outros moradores, próximo às 6h, varrem as calçadas em frente as suas casas. Nesse mesmo horário, o movimento é de alguns que se dirigem



Figura 11 - Vista do sítio onde fixaram os barracões, na obra do açude em 1932.

Foto: Amanda Nunes

a rua principal para pegar transporte e viajar à sede do município, bem como os que se deslocam para empregos, ou mesmo fazerem compras para o café da manhã.

Os estudantes, adolescentes que estudam pela manhã, já se dirigem à escola, pois entram às 7h e retornam às 11h. As mães que possuem crianças em idade de creche saem para deixar os seus filhos na escola, e os buscam por volta das 10h30min.

As moradoras que não trabalham fora, fazem suas tarefas domésticas como arrumar a casa e fazer o almoço. Por volta das 11h30min, almoçam. Uns possuem o hábito de dormir após o almoço, outros assistem televisão.

Durante todo o dia, existe o costume de parte dos moradores de ligarem equipamentos de som em suas residências com variados estilos musicais e um volume elevado.

No período da tarde, os estudantes estão indo para a escola que inicia às 13h, os que ficam em casa costumam dormir por um tempo (dão o popular cochilo).

Após o momento de repouso ou descanso, os que estão em casa costumam ir para as calçadas do lado da sombra e isso possibilita uma interação de diversos moradores. Nesse instante ocorrem as práticas de artesanato, ou mesmo falam da vida privada.

Logo ao anoitecer, parte dos moradores estão nas calçadas e continuam, tradicionalmente, conversando entre si, outros estão assistindo televisão (geralmente novelas). Alguns mais adultos saem para cultos religiosos na semana, geralmente, são os evangélicos.

As crianças e adolescentes usam de uma brincadeira bastante tradicional na cultura da comunidade, que é conhecida como esconde-esconde, recebem visita de participantes de outras ruas, e às vezes, até mesmo os mais jovens entram na brincadeira.

Um movimento observável é que alguns jovens vão para a praça, localizada na parte mais central do distrito, porém alguns, de outras ruas, visitam jovens à rua Francisco Pinheiro para conversar e se divertir.

O serviço de lava-jato possui maior movimentação nos finais de semana e, também, em épocas festivas. Começa a funcionar por volta das 7h e o encerramento é de acordo com a demanda.

Quanto ao recolhimento das calçadas, a parte mais baixa da rua tem o hábito de entrar por volta das 21h. Já os que estão na parte mais central da rua, fazem a entrada para suas residências um pouco mais tarde, por volta das 23h.

Francisco Xavier Pinheiro

Casado com Cândida de Sousa Pinheiro com quem teve sete filhos. Segundo o Sr. Zezinho, seu neto, foram eles: Abdon; Zezinho; Pedro; Maria Candida; Roseo; Odilon e Diocina.

O sr. Francisco Pinheiro era proprietário de terras na região da Fortuna. De acordo com os registros do livro de tombo da paróquia de Jaguaribe, na diocese em Limoeiro, ele, também, está entre os que na época da construção da igreja participou de um empréstimo à Igreja.

FONTES: *Diálogo com senhor Zezinho Pinheiro e dona Terezinha Pinheiro ambos netos de Francisco Xavier Pinheiro.*

Dindin: conhecido em outras regiões como geladinho, é a mistura de sucos de fruta com água e açúcar em estado sólido e armazenado em saquinho plástico. Em Feiticeiro, também era comum antes chamar de cafona.

Rua Henrique Alves de Miranda

Essa rua está localizada no sentido leste-oeste. Os seus limites, no sentido leste é com a Santa Terezinha e no oeste com o sítio de propriedade do DNOCS. Posicionamento idêntico ao da Bezerra de Menezes.

Quanto aos tipos de residências são 11 de taipa e 22 de alvenaria. O calçamento, no lado oeste, não foi concluído em pequeno trecho, o que faz com que a rua tenha parte pavimentada e outro pequeno trecho ainda não.

As profissões dos moradores dessa rua são bastante diversificadas: leiteiros; pescadores; agricultores; costureiras; vendedoras; ambulantes; donas de casa; comerciários; empregados na construção civil; artesão; empregada doméstica; diarista; açougueiro; professores e estudantes.

Às 4h, os primeiros sinais de despertar são dados por leiteiros, pescadores e agricultores. Às 5h outras pessoas já estão acordadas e 5h30min saem em direção à parede do açude para fazer caminhada.

Às 6h, em todas as casas, existe morador acordado. Muitos saem para seus trabalhos e a varredora da rua, também, está em atividade. Por volta das 6h30min uns varrem as frentes de suas casas, outros já arrumam seus filhos para irem à escola.

A partir de 7h30min são feitas atividades do lar. Enquanto os adultos realizam os afazeres, os mais idosos, em sua maioria, estão assistindo televisão ou sentados nas calçadas. Um dos aspectos observados nessa rua é o número significativo de idosos.

Às 10h30min, as mães saem para buscar seus filhos na creche e as crianças e adolescentes, até as 11h, também, já estão retornando da escola de ensino fundamental.

Por volta do meio dia almoçam e, assim, como na maioria das outras ruas, muitos assistem televisão, outra parte vai repousar. Próximos das 13h, estudantes saem para as duas escolas.

Uma realidade observada nessa rua é a existência de moradoras que realizam vendas em domicílio, dentre essas, vestuário e alimentação (lanches).

A partir das 17h30min, alguns moradores sentam nas calçadas e os estudantes começam a retornar as suas residências. Conversam em pequenos grupos, o que faz parte da cultura da comunidade, em geral.

Por volta das 19h, muitos estão jantando e outros continuam nas calçadas. É comum os moradores estarem em contato com a poluição sonora vinda da rua Santa Terezinha.

Uma característica interessante é que a rua com relevo bastante alterado (altos e baixos) tem o momento de recolhimento noturno variado.

Por volta das 21h, moradores da parte mais elevada já começam a entrar para dormir, principalmente, os idosos. Na parte mais baixa, onde está localizado um bar com jogos de baralho, os moradores costumam dormir mais tarde.



Figura 12 - Vista parcial do lado oeste da Henrique Miranda.

Foto: Ricardo Régio

Henrique Alves de Miranda

Nasceu em 12 de dezembro de 1912, filho de Raimundo Cunha de Miranda e Maria Claudina de Miranda, os quais constituíram uma prole de doze filhos, sete homens e cinco mulheres. Teve como berço o sítio Palha.

Estudou apenas três meses com o professor José Lúcio, no entanto, fez da vida sua escola. No gosto pela leitura de jornais, revistas e livros de história, construiu um saber e viveu com

sabedoria.

Na profissão passou por vários ofícios: foi agricultor, pescador, vendedor ambulante e comerciante.

Casou-se com Rita Gomes de Miranda, de quem se enamorou e amou, nascendo dessa união 14 filhos (três homens e onze mulheres). Ressalte-se, ainda, que o casal foi agraciado com mais duas filhas.

Não quis só votar, mas fazer parte da política, militando na UDN, PSD e ARENA. Nessa paixão foi preso na eleição de 1954 por questões políticas. Não fez da política uma vaidade, nem espaço para jogadas de interesses pessoais. Fez da política um instrumento de ajuda aos mais carentes. Foi vereador por mais de dois mandatos.

Apesar de ser um homem de poucas letras, era de muita inteligência, primou pela educação e no seu exercício de legislador foi um dos fundadores do então Ginásio Abraão Lincoln, participando várias vezes de seu conselho administrativo.

Durante muitos anos, juntamente, com a senhora Iza Lopes o seu Henrique liderava a verdadeira luta para fechar a folha de pagamento dos servidores do colégio.

Entre os que com mais frequência doavam está o empresário e industrial Eliseu Batista. Outro doador lembrado foi o senhor Aguiar, proprietário da casa Rendas Aguiar, em Fortaleza. Esse último era fornecedor no comércio de Henrique, mas também doava quando o assunto era contribuir para manter a educação do distrito de Feiticeiro.

Faleceu aos 67 anos, vítima de enfarto, em 24 de março de 1979.

FONTE: Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF.

Avenida João Felix

A avenida João Felix, assim como outros trechos da comunidade de Feiticeiro, é mais conhecida por um termo não oficial, nesse caso a chamam de *Dez*.

Esse nome, que se popularizou para alguns dos moradores, surgiu porque logo no início eram apenas três casas do estilo taipa, pouco depois foram construídas as outras setes.

Mas, a versão atribuída ao porquê do nome foi investigada, e diante de um depoimento bastante elucidativo se descobriu o real motivo do nome Dez.

Na década de 60, nessa avenida existiam apenas três casas, todas em estilo taipa que pertenciam aos srs: Raimundo Pereira Gomes, José Edmilson Cunha e Amaro Rodrigues Vieira.

No quilômetro 10, da estrada de Solonópole, uma equipe de homens de Feiticeiro trabalhava na construção da rede de energia. Ali, existiam barracões pertencentes ao exército brasileiro, que era responsável pela obra. Nesses, cada um possuía um rádio pendurado na parte da frente e do lado de fora do barracão.

Assim como os rádios desses barracões, nas três casas do trecho da comunidade de Feiticeiro que agora é denominada de Dez, existiam, também, esses rádios. De acordo com o sr. Ari de Freitas, foi por esse fator que ao passarem e perceberem a coincidência, logo resolveram chamar o trecho da comunidade de Feiticeiro de Dez, pela aparência dos dois ambientes.

As profissões dos moradores da avenida são bastante diversificadas: pedreiro; artesão; cabeleireiro; professor; comerciante; comerciário; agricultor; leiteiro; dona de casa; costureira; vendedor; pescador; funcionário público e estudante.

Voltando-se à rotina na avenida, o primeiro movimento é praticamente, de leiteiros indo para os currais próximos buscar leite, e uma parte deles tira leite nas comunidades de Taboca e Fortuna; também, outros trabalhadores dirigindo-se ao campo e alguns deslocando-se para atividades no setor de comércio ou serviços, bem como na área educacional.

Os funcionários que varrem esse trecho da rua já estão em atividade muito cedo da manhã.

Por volta das 5h30min, parte das moradoras já têm feito tarefas internas em casa e saem para varrer as calçadas em frente às casas e seus terreiros.

Em torno das 6h, vários locais com venda de leite já estão distribuindo, às vezes, nas próprias residências dos compradores.

Os transportes oriundos de parte das comunidades rurais, que circulam com moradores da zona rural com destino à sede do município e os que chegam com estudantes que frequentam as escolas do distrito passam pela avenida João Felix, entre 6h e 6h30min, o que de certa forma altera um pouco o trânsito local.

Nesse local, um ponto que gera bastante movimento dos moradores locais é um mercantil que abre às 5h30min e fecha por volta das 19h. Vale destacar, que esse foi o primeiro comércio de gêneros alimentícios da avenida.

Uma prática interessante nas relações comerciais é a venda de pães no mercantil, trazidos pelo dono de uma padaria da rua principal.

Recentemente, foi aberto outro comércio, também, do gênero que é na parte da frente de uma residência. Nesse, que funciona na própria casa do proprietário, os horários de abrir e fechar são bem flexíveis.

Há dois serviços que são prestados por moradoras, são duas costureiras, sendo que uma delas é a única que produz os fardamentos exigidos pelas escolas locais. Outro serviço de beleza é um salão que tem um movimento bastante crescente, quando ocorrem eventos na comunidade ou locais vizinhos.

Entre as moradoras, existe o hábito de logo cedo saírem para as frentes das casas e varrerem esses espaços que são chamados, popularmente, terreiros.

A comunidade de Feiticeiro possui, entre suas atividades econômicas, o artesanato. Nesse trecho chama atenção o horário em que se percebem algumas moradoras já sentadas confeccionando peças conhecidas como telas.

Geralmente, as artesãs começam a trabalhar após certa rotina doméstica de atividades, e isso ocorre, em alguns casos, antes das 8h.

Parte das donas de casas costuma fazer suas atividades ouvindo som em volume alto, e por volta das 9h30min fazem o almoço.

Às 10h30min, as mães dirigem-se à creche para buscar as crianças, e retornam por volta das 10h50min. Já os adolescentes chegam quase 11h30min. Esse é um período de aumento da movimentação na avenida, principalmente, porque, também, passam os transportes com alunos das comunidades rurais regressando da escola.

Os estudantes do turno da tarde, dentre esses, crianças e adolescentes, iniciam a preparação para ir às escolas em torno de 11h30min.

A maioria dos moradores almoça em torno de meio dia. Um hábito muito comum é o de assistir televisão, enquanto almoçam, e geralmente, são desenhos ou jornais.

Após o almoço, as mulheres arrumam a cozinha, algumas vão descansar, mas outras vão logo trabalhar. Por volta das 12h30min, os transportes com alunos dos sítios começam a passar, movimentando novamente o trecho. Os alunos da rua seguem, em torno de 12h45min às escolas.

Às 13h, alguns ainda dormem, outros trabalham e as crianças assistem televisão ou ajudam em tarefas domésticas suas mães. Os homens que trabalham fora estão saindo.

A partir das 14h, as mulheres fazem suas telas, sendo que parte delas, enquanto trabalham assistem a televisão, dando preferência aos jornais e novelas.

Por volta de 15h, parte dos moradores tem o hábito de fazer um lanche, indo, posteriormente, às calçadas dar continuação aos seus artesanatos.

Às 16h30min, algumas mulheres encaminham o jantar e os homens, que já estão em casa, fazem um lanche e se dirigem a um trecho da rua e se reúnem com outros homens para conversar.

Os transportes com alunos dos sítios passam próximo das 17h30min, e o do turno da noite traz alunos por volta de 17h45min.

O final da tarde e início da noite são animados por crianças e adolescentes estarem brincando. As crianças brincam próximas as suas casas de diversas atividades: esconde-esconde; elástico; mata-mata; corda; boneca; sete pecados e futebol.

O trânsito é mínimo por volta das 19h e o maior movimento é nos estabelecimentos comerciais e em uma locadora que abriu, há poucos dias, também, nesse horário os jovens do trecho se dirigem ao centro da comunidade para a praça.

Alguns moradores têm o hábito de, no início da noite, armar suas redes em frente às casas, nas calçadas, às vezes usando as árvores para gancho e assistem televisão ali mesmo.

Às 21h, os alunos do turno da noite estão regressando; as crianças entram às 22h; alguns adultos passam mais um tempo fora de suas casas, mas, por volta das 23h, a avenida está, praticamente, sem movimentação.



Figura 13 - Vista da parte central da avenida.

Foto: Ricardo Régio

João Felix Lopes

Nasceu no Líbano, em 15 de fevereiro de 1905. Filho de Yussef Lubbof Ghoftine e Martha Haddad Ghoftine. Seu nome no país de origem era Hanna Fares Ghoftine.

Veio morar no Brasil, em 1923, aos dezoito anos.

Praticou diversas atividades, mas, a primeira foi de caixeiro viajante, percorrendo grandes distâncias no lombo de um cavalo.

Em 1927, aos 22 anos, casou-se com Luiza Oliveira Lopes,

natural de Nova Floresta e foram morar em Orós. O casal teve sete filhos, sendo eles: Odais (faleceu); Flávio; Marlene; Margarene; Fábio e João Vagner. Criaram três de suas netas: Sandra, Solange e Sara, como se fossem suas filhas.

Em 1932, com a construção do açude de Feiticeiro mudou-se e fixou moradia na comunidade. Na ocasião, foi um dos que organizaram estabelecimentos comerciais durante a obra com uso de um vale (espécie de moeda), o que permaneceu posteriormente.

Após a obra, o estabelecimento que empreendeu na sua residência, tinha uma variedade de gêneros, até mesmo tecidos e perfumaria.

No campo da política, tanto João Félix como a sua esposa, Luiza (conhecida carinhosamente como Iza) se destacaram. Eram filiados à ARENA, inclusive a dona Iza chegou a ser vereadora no período legislativo 1967 a 1971. Ele chegou a ser “delegado” na comunidade, por ser considerado de personalidade conciliadora para tratar os conflitos.

Morreu em 24 de maio de 1986.

FONTES: Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro — AFAF.

Rua Joaquim Adil Peixoto

Verdadeira plateia para a Escola Militana Paes.

Localizada entre as ruas Francisco Guimarães Peixoto e Eliseu Batista, seu posicionamento é de sentido norte-sul. Uma das menores da comunidade, com apenas quatro residências e a característica peculiar é que todas as casas estão do lado esquerdo e o lado direito é composto pela parte lateral da Escola Militana Paes.

As profissões dos moradores são: professora; donas de casa; técnico de informática; estudantes e prestador de serviços.

Uma das vantagens dessa rua é ser próxima do centro da comunidade e das duas escolas. O lado negativo é o fato de ser bastante estreita, o que dificulta o trânsito. A rotina não se difere quando comparados os dias de semana e fins de semana no sentido de movimentação das pessoas. Mas, o fato de ter acesso à lateral da escola, muitas das atividades culturais ou de recreação ocorridas, principalmente, no turno da tarde são assistidas por seus moradores das calçadas em frente a suas casas.

No início da noite, muitas pessoas usam esse logradouro como atalho para transitar da rua Eliseu Batista para o centro da comunidade, ou vice-versa.



Figura 14 - *Cosma Antonina: mais idosa da comunidade 103 anos*

Foto: Ricardo Régio

Joaquim Adil Peixoto

Nasceu em Jaguaretama, aos 08 dias de dezembro de 1927. Filho de José Peixoto da Silva e Ana Ricardina de Jesus.

Na sua época de infância e adolescência, os estudos se realizavam em casa, mas ele nunca se interessou pelos estudos. A falta de estudos não impediu que Adil usasse das habilidades que possuía no tocante à área de construção.

Adil era pedreiro, mas registrado como agricultor.

Casou-se três vezes, o que era bastante comum. A sua primeira esposa, Isabel Gonçalves Peixoto, morreu de tuberculose, tendo passado pouco tempo casados, não tiveram filhos.

O seu segundo casamento ocorreu com Ione Gomes e tiveram três filhas: Amélia, Fátima e Ione. A dona Ione faleceu durante o parto do seu quarto filho.

Novamente viúvo, casou-se a terceira vez com Maria Senhora de Sousa. Tiveram nove filhos: Helena; Francisco Adilberto; Eliene; Adilneide; Elenilce; Adilvar; Elineusa; Adilvan e Terezinha Elaine.

Em sua trajetória, algumas construções de destaque na comunidade, dentre elas, os dois prédios que receberam antigas creches da comunidade, sendo um deles, atualmente o clube do idoso e outro um depósito de mercantil, várias casas do DNOCS, incluindo o conhecido Catete, o Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto — SAAE.

Seus dois filhos, Adilneide e Adilvar, participaram do seu cotidiano por um tempo, e Adilneide tornou-se pedreiro, também, de reconhecimento na comunidade, e Adilvar tinha a função de pintor durante essas obras em que acompanhou o pai.

A atuação do sr. Adil não aconteceu apenas em Feiticeiro, mas na própria sede, em Jaguaribe. Participou das construções dos prédios da Prefeitura e Delegacia de Polícia Civil.

Morreu em 22 de março de 1990, em Fortaleza, após dez dias em recuperação de uma cirurgia.

FONTE: Informações cedidas gentilmente por Maria Senhora e Fátima Liduina.

Rua Joaquim Antônio

A rua Joaquim Antônio é um pequeno logradouro paralelo à rua Santa Terezinha (a principal da comunidade), cortada pela rua Francisco Pinheiro, e está no lado poente. Outro detalhe de suas características geográficas é que indo no sentido norte ela é uma rua sem saída.

Atualmente, é composta por casas do tipo taipa, de alvenaria e também mistas. Existem duas granjas, duas oficinas (mecânica e uma eletrônica e outros consertos), uma casa de jogos eletrônicos e acesso à rede de computadores (*lan house*), um bar e um salão de beleza, que em períodos de festa tem aumento considerável de pessoas.

Os primeiros movimentos observados estão relacionados aos moradores que têm como ofício ser leiteiro, pescador e agricultor, bem como a ida dos funcionários das granjas para abater parte dos frangos que são vendidos na comunidade.

Os primeiros sinais do despertar nessa rua são observados pelo uso de lâmpadas, nas áreas internas das casas, e a primeira tarefa é sempre fazer o café.

Os moradores (não importando o gênero) possuem o hábito de por volta das 6h varrerem as calçadas localizadas em frente as suas residências. Esse trecho da comunidade possui uma parte com calçamento e outra, ainda, sem nenhuma pavimentação o que, inclusive, tem sido alvo de constantes promessas em campanhas políticas.

O que, também, pode ser observado é que nenhum serviço da parte de limpeza é realizado no trecho sem calçamento. Não é limpo pelo serviço público e a coleta de lixo somente é feita, porque os moradores levam os seus resíduos até a divisa com a rua Francisco Pinheiro.

Entre 6h30min e 7h um movimento de motos dá-se por conta do transporte de frangos das granjas localizadas nos comércios. Também nesse horário os estudantes estão saindo para a escola.

Os que permanecem na rua, fazem tarefas domésticas, conversam sentados em frente as suas residências, ou ainda praticam artesanato fazendo telas debaixo das árvores. Um fato, inclusive, curioso é que, praticamente, todas as casas possuem árvore a sua frente, o que possibilita esse convívio à sombra, bem como diminui a influência do forte sol, diretamente, nas casas.

Por volta das 11h, os alunos que estudam pela manhã estão retornando, também, nesse horário é comum que nas residências estejam almoçando.

Os que estudam à tarde já começam a se arrumar para irem à escola, e sua saída, geralmente, ocorre próximo às 13h. Parte dos adultos que estão em casa costumam dormir depois do almoço.

No período da tarde, a partir das 15h, os moradores ficam nas calçadas conversando e fazendo as telas.

Já por volta das 17h, um costume bastante comum são as crianças de ruas próximas encontrarem-se entre as ruas Joaquim Antônio e Francisco Pinheiro para brincarem, em especial, de futebol, descalços, com uma bola, sem muita preocupação com o movimento dos carros e motos, divertem-se.

As meninas brincam de bonecas usando como refúgio uma árvore. Fazem uso de acessórios como fraldas e talcos para utilizar nas bonecas. É comum, também, outras crianças virem das ruas próximas participarem das brincadeiras.

À noite, a rua está bastante calma. Os moradores, geralmente, estão em suas residências tendo como costume assistir televisão, na maioria das vezes, novelas, e outros em programas jornalísticos ou até religioso.



Figura 15 - Vista lateral do Mercado Público: oponente no passado, decadente no presente.

Foto: Ricardo Régio

Por volta das 19h, alguns estão nas calçadas e a claridade dos postes, também, é usada para que artesãos continuem a fazer suas telas. Às 20h, é observado que os mais jovens costumam sair para a praça da comunidade, ou mesmo em suas calçadas namoram.

A partir das 22h, as pessoas já estão em suas casas, assistindo televisão, ou mesmo recolhendo-se para dormir.

Joaquim Antônio do Nascimento Guedes Rolim.

Nasceu na fazenda Embargo, Jaguaribe Mirim, atual Jaguaribe. Filho de Manoel do Nascimento Guedes Rolim e Isabel Alves Negreiros Correia Lima Távora.

Proprietário da fazenda Embargo era agricultor e criador.

Casou-se com Clara Fernandes da Silva Távora, irmã do Coronel Francisco Fernandes.

Do matrimônio nasceram seus dez filhos: Manoel do Nascimento Fernandes Távora; Joaquim do Nascimento Fernandes Távora (Capitão); Ademar do Nascimento Fernandes Távora (desembargador); Juarez do Nascimento Fernandes Távora (Marechal); Fernando do Nascimento Fernandes Távora (Marechal); José do Nascimento Fernandes Távora; Idalina do Nascimento Fernandes Távora; Isabel do Nascimento Fernandes Távora (Professora); Maria Benigna do Nascimento Fernandes Távora e Ana Auricaba do Nascimento Fernandes Távora.

FONTE: *Texto adaptado das informações gentilmente cedidas pelo sr. Racine Távora.*

Avenida Joaquim Távora

A história da comunidade está, diretamente, ligada ao órgão que coordenou as atividades no período de 1932-33, ou seja, a Inspetoria Federal de Obras Contra Secas — Ifocs. Essa avenida foi construída, e ainda é pertencente ao patrimônio da União.

As primeiras casas construídas depois da casa dos Bertos (na rua Santa Terezinha) foram, justamente, as que abrigaram as equipes de profissionais que coordenaram os trabalhos: engenheiros, técnicos, funcionários da então Ifocs, atual Departamento Nacional de Obras Contra Secas - DNOCS.

Apesar de ser uma das três avenidas do distrito, a maior caracterização desse logradouro para receber denominação de avenida é o fato de ter duas vias, como também, receber os veículos que adentram à localidade em direção à parte central, vindos do lado sul.

A tranquilidade é sentida nas diversas residências. O único prédio oficial é o escritório do DNOCS que, praticamente, está fechado, inclusive, pode simbolizar a atuação do órgão, desde o início dos anos 90 até os dias atuais.



Figura 16 - Casa de encarregados do DNOCS construída em 1958 - conhecido como Catete.

Foto: Nilvaneide Teixeira

A arquitetura singular de parte das residências chama atenção por um estilo incomum na região e é, sem dúvida, bastante divergente dos modelos residenciais utilizados em casas da década de 30, em outros locais da comunidade.

São três conjuntos de casas (cada um com duas residências) que possuem até mesmo o telhado conjugado numa única cumeeira. Existem residências mais afastadas e com características na arquitetura e mais parecidas com as típicas do lugar, sendo, inclusive, uma delas de taipa (paredes de barro e pequenos pedaços de paus).

Durante os estudos, foi descoberto que a casa do chefe, conhecida por parte da população como “Catete” teria sido construída em 1958, juntamente, com essas construções mais simples. E esse fato deu-se, no decorrer da seca de 1958, com trabalhadores tendo a mão de obra vinculada às emergências.

Às 6h, apenas numa parte das casas já existem moradores acordados. Com pouco tempo, carros e motos transitam com bastante frequência, sendo alguns da comunidade, e outros de sítios que se destinam à sede do município.

Joaquim do Nascimento Fernandes Távora

A alma da Revolução de 1924.

Nasceu na propriedade Embargo, três léguas acima da cidade de Jaguaribe, no dia 3 de junho de 1881. Quarto filho do casal Joaquim Antônio Alves do Nascimento e Clara Alves do Nascimento Negreiros Fernandes Távora.

Fez seus estudos primários em sua terra. Entrou para o Seminário de Fortaleza, mas logo em seguida deixava os estudos eclesiais, matriculando-se na Escola Preparatória do Realengo.

De Realengo se transferiu para a Escola Militar de Porto Alegre onde fez o curso das três armas e iniciou o curso de engenharia civil, sendo esse concluído na Escola Politécnica da Bahia.

Em 1922, comandava o 17º Batalhão de Caçadores, sediado

em Corumbá, quando liderou a rebelião nesse estado, em solidariedade ao levante deflagrado no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, contra o governo de Artur Bernardes, dando início ao ciclo de levantes tenentistas daquela década. Preso nessa ocasião, foi libertado em fevereiro do ano seguinte, através de “habeas-corpus” concedido pelo Supremo Tribunal Militar - STM a todos os implicados no movimento de 1922.

Em fins de 1923, após desertar do exército, aderiu a uma nova conspiração contra o governo federal, articulada sob o comando do general Isidoro Dias Lopes. Viajou, então, pelos estados de Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais em busca de apoio ao movimento.

Na capital paulista, estabeleceu contato com o major Miguel Costa, da Força Pública Estadual. Após sucessivos adiamentos, o levante foi iniciado na cidade de São Paulo, em 5 de julho de 1924, data escolhida em homenagem ao levante do Forte de Copacabana.

Joaquim Távora, ocupando posição de destaque na rebelião, foi o responsável pela prisão do general Abílio de Noronha, comandante da 2ª Região Militar.

A capital paulista caiu sob o controle dos rebeldes por três semanas e o presidente do Estado, Carlos de Campos, abandonou a cidade. Em seguida, Joaquim Távora foi ferido quando comandava um ataque ao 5º Batalhão de Polícia.

Vale ressaltar que de acordo com informações do livro sobre sua biografia, intitulado “Joaquim Távora: a alma da revolução”, entre seus interesses de estudos no campo da engenharia estava a problemática das secas na região Nordeste. E havia o desejo dele, caso um dia ocupasse alguma função pública, fosse a pasta de Obras Públicas.

Surpreendentemente, justamente num período de poucas

chuvas, mas quando Joaquim Távora já era o herói morto, em 1932 seu irmão Juarez ocupava a pasta de Ministro da Agricultura. Assim, com a colaboração do paraibano José Américo de Almeida, então Ministro de Obras Públicas, conseguiram a verba necessária para uma das obras no período da seca, o açude público no sítio Feiticeiro.

O açude inaugurado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas foi inaugurado com o nome de Joaquim Távora.

Morreu em 19 de Julho de 1924, em consequência dos ferimentos do tiro que levara na espinha, em São Paulo.

FONTES: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/biografias/joaquim_tavora

Biblioteca escolar: pasta da família Távora. Acervo gentilmente cedido pelo sr. Racine Távora.

Rua José Bezerra Filho

A rua José Bezerra Filho, em se pensando o sentido de entrada da sede do município, é a primeira rua, porém, como em outras, não é feito referência ao seu nome, mas é conhecido pelo nome de um prédio público que nela existe, o CERU.

A parte geográfica que chama atenção é que apesar de ser uma rua de entrada, por passar a rodovia em frente, pela distância das casas para essa, o movimento não interfere na rotina. Até o momento, apenas, existem casas em um dos lados.

As profissões identificadas nesse trecho: comerciante, comerciário, pescador; agricultor; artesão; marchante; professor; funcionário público; pedreiro; costureira e estudantes.

Aproximadamente às 4h, dependendo das profissões, já há moradores acordados, 5h30min, mais moradores já despertam e às 6h já há casas abertas e alunos se preparam para ir à escola. Alguns moradores varrem seus terreiros, outros que possuem calçadas, também, varrem.

Por volta das 7h, parte dos moradores que trabalham fora já saem, outros em casa fazem tarefas do lar. Um fato relevante é que, segundo informações, todos os homens saem para trabalhar, e os que ficam são aposentados.



Figura 17 - Centro de Educação Rural Juarez Távora - CERU.

Foto: Nilvaneide Teixeira

Os alunos retornam por volta de 11h30min, os trabalhadores cerca de meio dia. Esses últimos almoçam, retornam aos seus serviços, e os alunos do turno da tarde começam a preparar-se para ir à escola.

Em parte das residências, às 14h iniciam-se os artesanatos dentro das suas casas e às 16h observam-se moradores nas calçadas ou nos terreiros, usando das sombras de árvores para ficarem sentados, alguns fazendo telas.

Por volta das 18h, os estudantes regressam as suas casas e alguns trabalhadores, também, já estão em casa.

A rua é bastante ventilada o que proporciona a ida de uma quantidade grande de seus moradores para os terreiros. Alguns assistem televisão, mas, por volta das 22h, não há sinais de pessoas acordadas nessa rua.

José Bezerra Filho

Nasceu no sítio Jacu, em 02 de março de 1893. Filho de José Antunes Bezerra.

Seus pais incentivaram os estudos no próprio sítio onde nasceu. Era aluno do Professor Noberto. Aprendeu a ler e escrever, mas sua maior habilidade era com números, inclusive, por muitas vezes perguntar coisas que o professor não tinha conhecimento, acabou sendo mais autodidata.

Na vida profissional, foi agricultor e dono de armazém. Para o armazém trazia mantimentos da região do Cariri para revender.

Genro de Manuel Tomás, pois casou-se com sua filha Filomena Gonçalves Bezerra. Com a sra. Filomena teve onze filhos nascidos vivos, de quatorze gravidez. Mas, muitos deles morreram ainda crianças, como era muito comum.

Os filhos que sobreviveram são: Isabel Gonçalves Beserra (morreu com 19 anos), José Gonçalves Beserra (conhecido como Zé Cazusa), Francisca das Chagas Beserra, Antônia Gonçalves Bezerra Barbosa e Maria Nazareté Beserra.

O senhor José Bezerra Filho faleceu aos três de novembro de 1948. No cartório, o declarante de sua morte foi o sr. Joaquim

Adil Peixoto. De acordo com o registro de óbito o mesmo faleceu, aproximadamente, às 14h, em sua residência e não houve atestado médico.

Apesar de ter sido declarada “morte natural”, segundo a sua filha, a senhora Antônia Gonçalves, o mesmo faleceu tuberculoso, inclusive, da mesma maneira morreu sua esposa dois anos depois.

FONTES: Entrevista concedida gentilmente pela filha do senhor José Bezerra Filho, Antônia Gonçalves Barbosa, em 31/03/2013.

Dados do livro de registro de óbitos de referência C4, p. 47.

Rua José Vidal

A rua José Vidal é bem mais conhecida como sangradouro do que pelo nome oficial. O fato desse nome está relacionado com a localização geográfica de proximidade com a sangria do açude Joaquim Távora.

É uma rua grande, com a maioria das casas no estilo taipa. A justificativa para essa realidade de não serem de alvenaria é que um lado é de propriedade do DNOCS.

Outro aspecto interessante é que com a restauração da rodovia que passava no centro da comunidade, com o novo desvio, essa rua foi cortada pela nova rota

Além de residências, encontra-se a indústria de queijo da comunidade, o matadouro e um bar (que funciona agregado à residência).

Vale ressaltar que a marca de queijo coalho, Grande Rio recebeu três vezes prêmios por sua qualidade: o primeiro lugar local em 2007; 1º lugar regional em 2009 e 3º lugar local em 2010.

O matadouro funciona da sexta para o sábado. O bar nos finais de semana usa de um som que, em alguns momentos, de acordo com moradores, fica em volume alto.

As profissões identificadas nesse trecho: agricultores; pescadores; ajudante de queijeiro; artesão; carpinteiro; domésticas; donas de casa; estudantes e vendedora.

Quanto ao movimento da rua, entre 3h e 4h funcionários da fábrica de queijo iniciam suas atividades com o recebimento de leite.

A partir das 5h, agricultores e pescadores vão para seus trabalhos e 5h30min outros moradores dão sinais de despertar.

Por volta das 6h, os estudantes já estão começando a se preparar para escola. Alguns deles utilizam o transporte escolar devido à distância de suas casas para a escola. Esse transporte está disponível às 6h45min.

A partir das 7h, alguns fazem atividades do lar, percebe-se o uso de rádios, idosos assistindo televisão, mas em poucas residências. No decorrer do dia, em algumas residências e no bar escuta-se música.

Por volta das 11h20min, os estudantes voltam das escolas e parte dos trabalhadores, também, retornam a seus lares. O almoço sempre acontece até o meio dia.

Após o almoço, os que estudam no período da tarde usam, também, o transporte escolar. O horário é por volta das 12h30min.

A partir das 15h, registram-se artesãos fazendo telas, alguns, dentro de suas casas e outros no *terreiro*.

A queijeira recebe leite de alguns fornecedores por volta das 16h e esse leite vem transportado por motos.

Às 18h, parte dos moradores fica na frente das suas casas, diferente da maioria das outras ruas, nessa, poucas casas possuem calçadas.

As crianças brincam nos terreiros, os meninos preferem o futebol e as meninas sentam e ficam conversando. Alguns jovens têm o hábito de ir ao centro da comunidade.

A rua está, praticamente, sem movimentação às 21h.



Figura 18 - Casa de taipa da década de 40.

Foto: Aline Teixeira

José Vidal Pinheiro

Nasceu no município de Jaguaribe, aos 07 de junho de 1908.

Nos seus estudos, frequentou Escola Isolada e Polivalente, conseguindo concluir o que hoje consideramos as primeiras séries da educação básica do ensino fundamental.

Casou-se três vezes. A primeira vez com Raimunda Oliveira Vidal; a segunda com Maria Nerita Nogueira e a terceira com Clotildes Coelho.

No casamento teve duas filhas, Raimunda Laudiceia Vidal e Regina Lúcia Nogueira Vidal.

José Vidal foi agropecuarista. Como era uma pessoa bastante comunicativa e solidária tornou-se vereador pelo município de Jaguaribe.

Faleceu em 09 de fevereiro de 1985, vítima de parada cardiorrespiratória.

FONTE: Informações cedidas gentilmente por Maria Luzaneide de Lima e Maria Luiza Teixeira Vidal em contato realizado por Tereza Peixoto.

Terreiro —uma expressão de duplo sentido se pensado o termo usado na questão da religião, e no espaço cultural local. Na comunidade o terreiro é a área, imediatamente, externa a casa, que não tem calçada de alvenaria, mas simplesmente, é de terra.

Rua Juarez Távora

Homenagem ao líder que trouxe o açude público.

Essa é uma rua que se limita no lado leste com a rua Santa Terezinha e no oeste com o açude Joaquim Távora. Sua importância está relacionada a ser um trecho que liga a comunidade ao distrito de Nova Floresta e algumas áreas rurais, como também, um caminho usado para ir ao açude.

A estrutura física desse logradouro é interessante, pois somente há residências em um lado, do outro lado a área é de propriedade do DNOCS.

As profissões dos moradores dessa rua são: pedreiro; mecânico; agricultor; donas de casa; estudantes; comerciantes; cozinheira e professora.

Uma das menores ruas em quantidade de casas, mas com bastante movimento de acesso na semana e no final de semana por existirem três estabelecimentos comerciais (bar com serviço de refeições) que recebem moradores da comunidade, dos sítios e de outros lugares.

Atualmente, são nove casas todas de alvenaria, sendo que duas estão fechadas e outra é residência e bar. Muitos visitam a comunidade, justamente, para frequentar o açude e seu entorno como importante ambiente de lazer.

Na semana, em torno das 5h, os moradores estão acordados e outras pessoas passam para a caminhada na parede do açude. Um dos movimentos observados, logo cedo, trata-se dos carros de leite que seguem para a fábrica de queijo localizada à rua José Vidal.

A rotina nesse trecho, no decorrer da semana, não diferencia da maioria das outras ruas. Crianças e adolescentes vão às escolas, alguns moradores que trabalham fora vão aos seus postos de trabalho e donas de casa fazem suas tarefas domésticas.

No final de semana, alguns costumam acordar mais tarde. Já os proprietários dos bares acordam cedo, porque os mesmos são organizados antes das 7h para que o funcionamento se dê nesse horário.

Às 7h, pessoas fazem caminhadas e tomam banho no açude. Essas atividades são realizadas por um número maior de pessoas no decorrer da manhã.

A partir de 10h, os bares recebem um público cada vez maior e, próximo ao meio dia, são famílias que chegam para almoçar e visitantes que, também, passam boa parte do domingo.

Às 13h, os que foram, apenas, para almoço já começam a sair e outros chegam formando grupos, são os jovens e adultos que bebem e se divertem, geralmente, usando sons de paredões de carros com músicas em alto volume. O ritmo mais tocado é o forró, seja na modalidade eletrônico, ou, de característica mais tradicional.

Por volta das 16h, os que vieram de fora já começam a retornar, o movimento vai diminuindo e às 19h não há mais quase cliente.

Quanto aos moradores, uns se dirigem às Igrejas para os rituais religiosos. Ao retornar das Igrejas, existe o costume de alguns sentarem-se em frente as suas casas. Por volta das 21h, já começam a se recolher para dormir.



Figura 19- Pôr do sol próximo ao açude Joaquim Távora.

Foto: Nilvaneide Teixeira

Juarez do Nascimento Fernandes Távora

Da infância no Embargo a Marechal do Exército Brasileiro.

Nasceu em 14 de janeiro de 1898, na fazenda Embargo, município de Jaguaribe-Mirim, atual Jaguaribe. Filho do Coronel Joaquim Alves do Nascimento e Clara Alves do Nascimento Negreiros Fernandes Távora.

A sua vida escolar teve início em casa e duas escolas particulares, de 1906 a 1910.

Fez o então curso Ginásial no Externato Pedro II, no Rio de Janeiro; no Internato do Patrocínio, em Minas Gerais e no Ginásio Julio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1911 e 1914.

Em 1915, matriculou-se na Escola Politécnica do Rio, que deixou em 1916, para sentar praça no Exército e matricular-se na Escola Militar de Realengo. Concluiu o curso para a Arma de Engenharia em 1919, tornando-se aspirante a oficial em 30 de dezembro do mesmo ano.

Participou de movimentos revolucionários que marcaram a História do Brasil: em julho de 1922, participou do levante armado então deflagrado contra o governo federal, tendo sido preso nessa ocasião.

Permaneceu na prisão até fevereiro do ano seguinte, quando foi solto para aguardar seu julgamento em liberdade; em 1924, no movimento contra o governo de Artur Bernardes no Rio Grande do Sul; em 1924 integra a Coluna Prestes.

Juarez desempenhou papel de destaque no comando dessa Coluna, até ser preso nos arredores de Teresina-PI, no início de 1926; em outubro de 1930, no Norte do país, durante a Revolução que levou Getúlio Vargas ao poder; em 1932 na repressão à revolução constitucionalista.

Em dezembro de 1932, foi nomeado para o Ministério da Agricultura. Como ministro, participou dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, reunida entre novembro de 1933 e julho de 1934, na condição de membro nato. Logo após a promulgação da nova Carta, exonerou-se do Ministério.

Retomou, em seguida, sua carreira militar. No início de 1936, ingressou na Escola de Estado-Maior do Exército, concluindo seu curso em fins de 1938. Durante a Segunda Guerra Mundial, tomou parte na organização da Força Expedicionária Brasileira - FEB.

Em 1945, voltou às atividades políticas, filiando-se à União Democrática Nacional - UDN, partido que reunia elementos que tinham se oposto à ditadura do Estado Novo. Em 1946, atingiu a patente de general.

A partir do ano seguinte, envolveu-se no debate em torno do petróleo brasileiro, defendendo a participação do capital estrangeiro em sua exploração e travando acirrada polêmica com os setores nacionalistas das Forças Armadas.

Em setembro de 1952, assumiu a direção da Escola Superior de Guerra. Em janeiro de 1954, foi eleito vice-presidente do Clube Militar, ao mesmo tempo em que apoiava o movimento que exigia a renúncia de Vargas.

Após o suicídio do Presidente Vargas, assumiu a chefia do Gabinete Militar do Governo de Café Filho. Permaneceu nesse posto até abril do ano seguinte, quando foi lançado candidato a presidente da República pela UDN. As eleições realizadas no mês de outubro deram a vitória, no entanto, a Juscelino Kubitschek, lançado pelo Partido Social Democrático - PSD e pelo Partido Trabalhista Brasileiro - PTB.

Em 1962, elegeu-se deputado federal pelo estado da Guanabara na legenda do Partido Democrata Cristão - PDC. Atuou na oposição ao governo do presidente João Goulart, e apoiou o golpe militar que o afastou da presidência, em março de 1964, embora não

tenha participado, diretamente, das articulações. Com o início do regime militar dirigiu, até março de 1967, o Ministério da Viação e Obras Públicas.

Em sua vida pessoal, casou-se com sua prima Nair de Holanda Fernandes Távora com quem teve quatro filhos: Juarez, Otávio, Carlos e Flávio.

Morreu em 18 de julho de 1975, no Rio de Janeiro, com pneumonia virótica com insuficiência cardíaco-renal.

FONTES: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/juarez_tavora

Biblioteca escolar: pasta da família Távora. Acervo gentilmente cedido pelo sr. Racine Távora.

Rua Manoel Tomás de Sousa Peixoto

Essa rua fica localizada no eixo central da comunidade. Limita-se ao norte com a ponte molhada que fica entre ela e a rua José Bezerra Filho; no lado sul com a rua Santa Terezinha. A sua localização faz com que o movimento de carros, motos e pessoas seja bastante frequente.

As profissões encontradas nesse trecho são: comerciantes; pedreiros; padeiro; agricultores; artesãos; professores; eletricitas; marchantes; sapa-teiro; pastor; funcionários públicos; donas de casa e estudantes.

Os agricultores e trabalhadores da indústria de queijos acordam por volta das 4h indo, em seguida, aos seus ambientes de trabalho.

A panificadora existente na rua está com atendimento disponível a partir das 4h. O estabelecimento é um local de movimento para compra de produtos, e também, ponto de encontro para alguns homens dialogarem logo cedo.

Às 5h, alguns moradores acordam; e às 5h30min as profissionais da limpeza da rua já estão em pleno trabalho.

O comércio abre por volta das 6h; os serviços de oficinas às 7h; a papelaria e loja de vestuário abrem por volta das 8h.

Por volta das 6h40min, alunos da educação infantil e ensino fundamental vão para a escola. Funcionários públicos deslocam-se para os estabelecimentos de serviço.

Durante o período da manhã, pessoas que estão em casa ficam cuidando das tarefas domésticas; alguns mais jovens ouvem música; parte dos aposentados assiste televisão, ou sentam nas calçadas em frente as suas casas.

Observa-se que nessa rua uma área reta da entrada do sentido norte é, prioritariamente, residencial e uma parte, geograficamente, de leve desvio até o final, no sentido sul, estão os estabelecimentos comerciais.

Com essa chamada divisão característica, a parte mais movimentada é, justamente, a mais comercial, inclusive, alguns carros de cargas chegam a estacionar em frente aos estabelecimentos o que, em algumas ocasiões, provoca problemas no trânsito, por não ter espaço suficiente para dois carros estacionarem, em paralelo, e o fluxo das duas vias ocorrer normalmente.

A cadeia pública da comunidade, também, está localizada nesse trecho. Vale ressaltar que, raramente, ocorriam prisões e a maior causa das de-

tenções, quando aconteciam, era provocada por embriaguez e desordem. Atualmente, em alguma ocorrência de detenção, o caso é levado à sede do município, pois as instalações da cadeia não estão nada adequadas.

Infelizmente, mesmo existindo um aumento no índice de violência na região (sede e alguns sítios) o policiamento é irregular, nem sempre a comunidade possui efetivo policial, muitas vezes dependendo da vinda de polícia da sede, cerca de trinta quilômetros de distância.

A primeira Igreja Evangélica da comunidade é da congregação Assembleia de Deus localizada na rua Manoel Tomás.

Por volta das 11h30min, os que saíram às escolas ou trabalho regres- sam e almoçam. Parte dos moradores dorme nas primeiras horas da tarde, outros retornam aos seus serviços ou vão às escolas e alguns apenas assis- tem televisão.

Mais tarde, moradores trabalham em casa fazendo artesanatos, ou- tros jogam cartas, ou mesmo, conversam nas calçadas em pequenos grupos no lado da sombra.

No final da tarde, os alunos e trabalhadores, em geral, chegam das escolas e de seus ambientes de trabalho.



Figura 20 - Primeira Igreja Protestante da Comunidade, Assembleia de Deus.

Foto: Ricardo Régio

A partir das 19h, aumenta o número de pessoas nas calçadas. Alguns chegavam a ficar até as 23h, porém com o surgimento de furtos e outros crimes, o comportamento tem sido alterado no sentido do horário de recolhimento para as residências, não apenas nesse trecho como em diversos outros.

Esses moradores ficam dentro de casa assistindo televisão, ou mesmo conversando. É interessante perceber que, durante o horário de verão, apesar de não se ter a rotina oficial alterada, a influência da televisão e sua programação, também, se fazem sentir.

Manoel Tomás de Sousa Perreira

Nasceu em Pacatuba. Era analfabeto.

Na região foi dono de muitas terras, inclusive, a área onde está o açude, bem como a que fica localizada na rua com seu nome.

Trabalhava nas terras que possuía e criava gado.

Casou-se duas vezes. Com a primeira esposa teve uma filha de nome Maria da Glória Pereira.

O seu segundo casamento foi com Antônia Golçalves Peixoto (falecida aos 80 anos). Deste matrimônio, nasceram: Ana Gonçalves Cunha, Francisca das Chagas Pereira, Filomena Gonçalves Peixoto, e Manuel que faleceu ainda bem jovem.

De acordo com informações, era uma pessoa calma e trabalhador. Envolvia-se, também, com política, além de votar era colaborador levando eleitores para votarem em Jaguaribe.

Faleceu em 1929, no sítio Juá, e provavelmente motivado pela idade, sem problemas de saúde.

FONTE: Informações gentilmente cedidas pela sra. Antônia Gonçalves Barbosa.

Rua Pedro Xavier Pinheiro

A localização geográfica dessa rua tem como peculiaridade ser o limite leste do território urbano do distrito e, também, servir de acesso a vários sítios, como Bela Quina, Fortuna e Novo Destino. No outro sentido da rua, o riacho conhecido como riacho de Antônio Osmar separa essa da rua Francisco Guimarães Peixoto.

As casas, em sua maioria, são feitas de alvenaria, mas ainda existem algumas no estilo taipa. É interessante lembrar que as casas de taipa são destinos preferidos dos insetos que transmitem a doença de Chagas, conhecidos popularmente como barbeiros.

Outra característica da sua geografia é que uma boa parte do trecho que a compõe é um alto, de solo bastante irregular e no final fica totalmente plana.

Nessa rua, como tem ocorrido em outras, os primeiros a saírem de suas residências são pessoas que fazem alguma atividade no campo, assim, um trabalhador foi buscar capim para dar aos animais que são criadas próximo de casa em um curral.

Quanto às pessoas que exercem outras tarefas, ainda não há sinais de movimentos, quando se começa a observar às 5h, porém, em poucas residências há sinais que no horário já houve despertar.

Por volta das 5h20min, moradores começam a descer em direção ao centro para comprar pães e um morador está chegando com leite a ser comercializado num carro de leite. Moradores de residências diferentes conversam entre si, num diálogo que não demora muito.

Uma característica que chama atenção é o número de animais de pequeno porte e, também, domésticos, como cachorros e galinhas que nesse momento transitam no meio da rua.

Por volta das 6h, moradores que trabalham no comércio e nas escolas se dirigem aos seus postos de trabalho. Próximo às 7h, adolescentes dirigem-se à escola de ensino fundamental e depois crianças são levadas por suas mães à creche. São tantas que um morador chega a comentar que daria para abrir uma escola na própria rua.

A rotina da tarde, quanto aos estudantes, pode ser considerada bem menor a quantidade que frequenta as escolas neste período. Esses saem por volta das 12h40min.

Um costume muito comum é que alguns moradores se dirigem a residências de vizinhos e dialogam sobre os assuntos mais variados do cotidiano.

Nesse período, o artesanato é produzido por alguns, na parte dos fundos de suas casas, mas a quantidade de artesãos é bastante diminuída com relação a um passado recente. Uma das motivações para essa redução é o valor pago pelas produções e o esforço que é necessário para sua confecção.

Outro fato citado por colaboradores é a busca de alguns por créditos em programas como o Credeamigo, vinculado ao Banco do Nordeste. Alguns investem em artesanato, conseguindo financiar o próprio material a ser usado nas peças.

Não há nenhum comércio de grande porte, alguns, iniciaram com pequenos estabelecimentos, mas não prosperaram. As vendas são de produtos mais simples, como: cocadas, dindin, leite, galinha caipira e ovos, e mais recente pães que são trazidos de uma panificadora do centro.

Das 18h30min às 22h, muitos dos moradores ficam em calçadas, mas, devido à rua vir sendo rota de fuga para assaltantes que praticam delitos no centro, um comportamento bastante frequente é entrarem, apressadamente, quando qualquer movimento estranho ocorre.

A televisão influencia na rotina de boa parte da rua. A constatação ocorre porque, quando a programação é simultânea com relação ao horário



Figura 21- Sangria do açude conhecido como açude de Zé Cândido
Foto: Grazielly Nascimento

nacional, os que assistem televisão dormem bem mais tarde. Quando ela funciona no horário de verão, mesmo seguindo o tempo mais tradicional, os telespectadores dormem mais cedo.

Vale destacar, entretanto, que esse é um dos trechos da comunidade onde parte dos moradores dorme mais tarde, principalmente, os que residem na parte inicial da rua e até o meio, vindo do sentido centro.

Dois problemas relacionados ao meio ambiente, citados por moradores são: o lixo acondicionado nos fundos das casas, e no trecho do riacho, inclusive, nesse sendo depositado por pessoas vindas de outras ruas; e o fato de não terem varredores e coletores para o lixo que está no meio da rua.

Pedro Xavier Pinheiro

Nasceu em 19 de julho de 1897, no sítio Fortuna Velha. Filho de Francisco Xavier Pinheiro e Cândida de Sousa Pinheiro.

Casou-se em 1925, pela primeira vez com Cosma Alexandrino, que faleceu no primeiro parto, junto com a criança.

Em 1930, casou-se com Francisca Alves de Lima, no distrito de Nova Floresta. Foram morar na Fortuna, e logo depois, na cidade de Jaguaribe. Pedro Xavier trabalhava com um pequeno comércio.

Em Jaguaribe, nasceram os dois primeiros filhos: Maria Cidineide, em 1931 e Edilson, em 1932, os quais morreram quando crianças.

Em 1932, época da construção do açude Joaquim Távora, passou a residir no distrito de Feiticeiro. Com o comércio fornecia aos trabalhadores da obra.

No período em que residiu em Feiticeiro, nasceram seus filhos Terezinha e Edmilson.

Pedro Xavier foi líder político, sendo inclusive vereador por três mandatos: 1947 a 1950, 1951 a 1954 (militante da União Democrática Nacional), e 1955 a 1958 (no Partido Social Democrático)

Em 1947, quando o prefeito de Jaguaribe era o senhor Celso Barreira Filho, Pedro Xavier liderou algumas construções no distrito:

a cadeia, o mercado e a primeira escola municipal que estava localizada na entrada da comunidade, na rua José Bezerra Filho.

Em 1959, foi subprefeito nomeado na gestão do Prefeito Francisco Queiroz.

Além das atividades políticas, outra função realizada por Pedro Xavier, juntamente, com sua esposa refere-se à Igreja Católica, pois os mesmos foram por mais de trinta anos procuradores dessa religião na comunidade.

Faleceu em 22 de junho de 1985, e foi sepultado no cemitério Parque da Paz, em Fortaleza.

FONTE: Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF.

Rua Rosa Amélia Ivo (Prof.^a Rosinha Cunha)

A rua denominada Rosinha Cunha é de pequena extensão e tem direcionamento sentido leste-oeste. Na parte leste, não há saída para outra rua, pois limita-se com os fundos de residências da rua Santa Terezinha. O lado oeste limita-se com uma área em que está sendo projetado um novo logradouro.

As profissões das pessoas residentes nesse trecho são as seguintes: pescadores; agricultores; donas de casa; cabeleireira; comerciantes; motorista; vendedor ambulante; leiteiro; pedreiro; artesão e estudantes.

Às 4h, os primeiros a saírem de suas casas são pescadores, agricultores e leiteiros dirigindo-se aos seus ambientes de trabalho.

5h já existem alguns moradores acordados, mas dentro de casa, os sinais do despertar dão-se, externamente, porque existem barulhos de diálogos entre familiares e algumas donas de casa já estão fazendo café. Nesse horário pode-se observar, também, a presença dos funcionários da limpeza pública varrendo a rua.

Às 6h, parte de moradores varrem as frentes de suas casas. Logo depois, a partir das 6h30min os estudantes já se preparam para ir à escola, os do ensino fundamental saem antes das 7h, os da creche as mães levam um pouco mais tarde. As casas que ainda não estavam abertas, a partir desse horário, passam a abrir suas portas.

Aproximadamente, às 8h, as donas de casa estão fazendo suas tarefas domésticas e o leiteiro passa vendendo leite em domicílio. Nessa rua, poucos são os moradores que escutam músicas, a maioria tem filhos que estudam no período da tarde, e esses, quando acordam, assistem televisão.

Por volta das 10h30min, as mães buscam seus filhos menores de idade na creche, e até as 11h os demais chegam.

A partir das 12h, começam a almoçar. Depois do almoço são várias as ações: alguns repousam, uns assistem televisão e algumas crianças brincam dentro de casa.

Pouco antes das 13h, os estudantes do turno da tarde dirigem-se às escolas. Os moradores que estão acordados fazem artesanatos e alguns assistem televisão.

À tardinha, parte dos moradores vai sentar-se nas calçadas e os estudantes chegam das escolas. Por volta das 18h, o movimento de pessoas nas calçadas aumenta, e às 19h alguns entram para suas residências.

Os jovens, que são, atualmente, em pequeno número, saem para a praça local, já as crianças, em maior número, brincam com outras da rua Juarez Távora e de outras ruas, num trecho da rua, na lateral, que ainda não possui nenhuma residência, mas serve de acesso. As principais brincadeiras são com bola, bila (bolinha de gude), esconde-esconde, pega-pega.

Às 22h, não há mais sinal de moradores na rua.



Figura 22 - Vista parcial do sítio e parque de vaquejada

Foto: Ricardo Régio

Rosa Amélia Ivo (Rosinha Cunha)

Nasceu em 1905, no sítio Taboca, distrito de Feiticeiro. Filha de Miguel Ivo Cunha e Rosa Maria de Jesus. Era apenas alfabetizada, aprendeu a escrever e ler em um curto tempo (menos de um mês).

Foi a primeira professora da comunidade e, também, a ser nomeada pelo estado. Segundo informações verbais, um fato interessante é que a professora Rosinha Cunha se dirigia à fazenda Embargo, de propriedade do senhor Joaquim Antônio (pai de Juarez Távora), para escrever as cartas que seriam enviadas ao seu filho Juarez.

A promessa feita por Joaquim Antônio é de que se o filho chegasse a ocupar alguma posição, ia solicitar uma cadeira (hoje contrato) do estado para ela ser professora. Essa promessa foi cumprida, pois Juarez chegou a ser Ministro de Agricultura.

Tinha gosto pela leitura. Quando estava em casa não tinha o hábito de fazer outra coisa a não ser ler. Outra característica que está presente nas memórias de fontes verbais foi à liderança política exercida pela professora, inclusive, tendo sido engajada na União Democrática Nacional - UDN, e posteriormente no Partido Social Democrático - PSD, e sendo lembrada em marchinhas musicais produzidas em épocas de campanhas.

Nessa mudança, Rosinha deixa o lado dos Távoras e junto com outras lideranças locais passa a apoiar Doutor Nogueira Diógenes.

Casada com o senhor Joaquim Batista Cunha com quem teve uma filha de nome Rocilda Batista Cunha.

Morreu por consequência de problemas asmáticos às 18h30min do dia 18 de março de 1963, tendo sido sepultada no cemitério da comunidade.

FONTES: Entrevista com familiares D. Rosa e D. Idalina, José Miranda, diálogos informais com outros colaboradores.

Registro de óbito nº 1867, do ano de 1963 no Cartório de Feiticeiro.

Rua Santa Terezinha

Um dos mais importantes logradouros do distrito.

A rua denominada Santa Terezinha está localizada na parte mais central da comunidade de Feiticeiro, e representa o espaço físico de maior movimentação no setor de comércio e serviços.

As profissões dos moradores do trecho são bastante variadas: comerciante; cozinheira; artesãos; donas de casa; mecânico; professor; funcionário público; motorista e estudantes. A rotina da rua é intensa por ser a principal, não apenas pelo cotidiano profissional dos seus moradores.

Logo ao amanhecer, costumeiramente, a parte mais residencial dessa rua ainda não dá sinais de despertar. Amanhecendo o dia, ainda, se sente tranquilidade. Os primeiros moradores acordados são varredores de rua (mulheres) e coletores do lixo (homens). Outros profissionais que cedo já saem para trabalhar são padeiros, agricultores e leiteiros.

Um costume comum, para alguns senhores da comunidade é dirigir-se à panificadora ou aos bares, os quais cedo estão abertos, onde conversam sobre assuntos diversos, como política, violência social, dentre outros.

Aproximadamente, às 5h30min existe um movimento de moradores de outras ruas para a praça local, com objetivo de pegar transporte para a sede do município, Jaguaribe. Ao mesmo tempo, também, surgem moradores em motos que passam para seus trabalhos, alguns, pelas vestimentas e instrumentos que portam, são agricultores ou criadores de animais.

Na praça, senhores, com certa idade, fazem companhia aos que estão aguardando transporte. Juntos conversam sobre temas polêmicos, notícias veiculadas na mídia, ou mesmo assuntos locais.

Algo que chama a atenção durante a observação dos transportes, que passam para a sede de Jaguaribe, é que reduziu bastante o número das pessoas que usam desses transportes, bem como o tipo de veículos.

Antes, a maior parte dos carros que levava passageiros era do estilo pau de arara. Agora são micro-ônibus ou carros, totalmente, fechados e seguros do tipo conhecido como *topic*, mesmo ainda existindo os paus de arara.

Os estabelecimentos comerciais abrem suas portas por volta das 6h, com exceção das lojas de vestuários e calçados que, geralmente, estão com atendimento disponível a partir das 8h.

Uma das novidades no que se refere ao setor de serviços e que tem acrescentado movimento no comércio local é um caixa eletrônico no qual podem ser feitos saques, pagamentos e transferências.

Alguns comerciantes têm o hábito de fechar seus estabelecimentos para o horário de almoço, enquanto outros continuam abertos, inclusive, possibilitando atender aos que passam pela comunidade.

Costumeiramente, os transportes rurais, bem como os do distrito de Nova Floresta, com passageiros que pela manhã se dirigem à sede do município, estão regressando por volta de 12h30min.

Os motoristas, em geral, param e esperam que os passageiros façam compras, efetuem pagamentos em estabelecimentos locais, ou mesmo, façam lanches rápidos. Dessa forma, é nesse período um dos instantes de maior movimento no comércio local. Vale destacar que existem dois estabelecimentos de frutas e verduras.

Até o início da década de 90, a comunidade possuía agricultores com o costume de plantar legumes, frutas e verduras e eram esses produtos comercializados na comunidade, também, exportados para feiras da região. Essas culturas não foram mais desenvolvidas, após o açude encher em 2004.

Uma mudança considerável no cotidiano da comunidade é a chegada e saída dos estudantes que são oriundos das comunidades rurais e os transportes que usam ficam estacionados, também, na rua Santa Terezinha.

Dois questões chamam a atenção ao observar-se a chegada dos alunos. A primeira é que os mesmos são transportados, em sua maioria, em carros pau de arara, e a segunda é o fato de transitarem, antes de se dirigirem às escolas, para vários comércios locais. Compram desde materiais escolares até lanches, balas e outras guloseimas, e em certos momentos fazendo tarefas a pedidos dos pais, como pagamentos ou pequenas compras, de remédios, por exemplo.

Ao terminarem as aulas, no final da tarde, os alunos saem e logo sobem nos carros. Os carros de transporte escolar ficam estacionados entre a Igreja católica e a praça. Pode ser observado que entre o final da aula e o início da noite, a parte mais central fica sem grandes movimentações.

À noite, por volta das 18h30min, é possível observar que é constante o movimento de carros e motos nessa que é a rua mais central da comunidade.

Proprietários de algumas motos agem de modo bastante inadequado com velocidade excessiva, inclusive, fazendo dos redutores de velocidade (conhecidos popularmente como quebra-molas) verdadeiras rampas para impulsionarem seus transportes. Além disso, alteram a buzina ou canos aumentando o barulho.

Essas posturas vêm se tornando hábito e incomodam os moradores que começam a sentar-se nas calçadas, já que é uma tradição o fato do uso das calçadas por parte de quem reside próximo para passar algum tempo em conversas.

Os contatos dos moradores em famílias ou em pequenos grupos de vizinhos, geralmente, acontecem com diálogos a respeito do cotidiano, de assuntos polêmicos, ou inclusive da vida privada de outros.

Por volta das 19h20min, parte dos moradores retorna aos seus lares para o jantar. Nesse período, no trecho mais comercial, os mercantis e outros comércios fecham suas portas. Os bares, lanchonetes e restaurantes estão em pleno funcionamento e possuem uma movimentação variada.

Um hábito quase diário é o uso de som em estabelecimentos ou carros que, às vezes, promovem uma verdadeira poluição sonora.

Aos domingos, a rotina da semana é alterada, pois ocorre a celebração da missa e cultos em Igrejas localizadas nessa rua. Os bares próximos às Igrejas não utilizam som nos momentos desses eventos religiosos.

Em parte dos bares, existe a prática de jogos de mesa (realizados geralmente com apostas). Esse hábito, que para maioria é um vício, muitas vezes é praticado por toda a noite. Vale destacar que são práticas relacionadas ao gênero masculino.

Nas lanchonetes é comum famílias e amigos chegarem para fazer lanches. Em um trecho de diversos comércios já fechados, as mesas de um desses locais ocupam as calçadas dos estabelecimentos que já encerraram seus serviços. As pessoas interagem, as crianças consomem guloseimas e parte dos adultos bebidas alcoólicas.

Outro espaço, também, ocupado por pessoas de diferentes idades, oriundas de várias ruas, dentre esses, casais de namorados e grupos de amigos, é o patamar e a escadaria da Igreja católica, bem como a lateral direita da mesma e a pequena praça, localizada entre a rua Santa Terezinha e Francisco Guimarães Peixoto, também, denominada de Praça Francisco Guimarães Peixoto.

No trecho mais residencial, em torno das 20h, novamente, são formados grupos. Segundo os moradores, a maior motivação é a espera de um fenômeno natural denominado “Aracati”.

As crianças brincam de correr e esconder-se, pulam elásticos e conversam em um local da rua, com frequência, o que mais parece uma tradição. Esse espaço no qual as crianças se divertem é um pequeno trecho localizado entre duas das mais antigas residências da rua. São elas, a antiga casa dos Bertos (hoje de propriedade do senhor José Rubens) e a casa amarela (propriedade de Pedro Pinheiro).

Aproximadamente, às 21h está chegando ao distrito e percorrendo a rua Santa Terezinha um ônibus vindo de Fortaleza. Por volta desse horário, os moradores da rua começam a entrar em suas residências e a rua mais movimentada da comunidade começa a vivenciar sinais de tranquilidade para o repouso noturno.



Figura 23- Igreja Católica de Feiticeiro Construída no período de 1934 a 1936. (reformada).

Foto: Ricardo Régio

Aracati: é um vento que surge no mar, próximo das praias localizadas no município de Aracati. Esse vento chega para parte do sertão através das águas do rio Jaguaribe. Na comunidade de Feiticeiro, o ar fresco é sentido por volta das 20h

Maria Francisca Teresa Martin (Santa Terezinha).

Nasceu em Aliçon, na França, no dia dois de janeiro de 1873. Filha de Zélia Martin e Louis Martin. Seu batismo ocorreu na Igreja de Nossa Senhora, pelo Padre Lucien Dumaine. Os padrinhos foram a sua irmã mais velha, Marie (13 anos) e Paul Albert Boul (13 anos).

Teresa consegue do pai licença para ingressar no Carmelo aos quinze anos de idade. Em 20/11/1887, numa audiência com o papa Leão XIII, Teresa apresenta seu pedido ao Papa. Em 09/04/1888 ocorreu a festa da anunciação da entrada de Teresa no Carmelo de Lisieux.

No final de outubro de 1888, Teresa é admitida pelo Capítulo Conventual à tomada de hábito, mas, em razão do estado de saúde do Senhor Martin, a tomada de hábito é adiada. Em 10/01/1889 acrescenta "da Santa Face" ao seu nome religioso.

Seu noviciado ocorreu de 10/01/1889 a 24/09/1890. Em Julho de 1889, outro acontecimento importante na vida espiritual de Teresa, ela recebe uma graça marial no eremitério de Santa Madalena e "semana do silêncio".

Possuía habilidade para a escrita e em 02/02/1893, ela compõe sua primeira poesia, intitulada, "O orvalho Divino".

Em dois de janeiro de 1894, atinge a maioridade. Compõe "A Missão de Joana d'Arc".

Na primavera de 1894 ela começa a sofrer da garganta.

Teresa recebe em dezembro de 1894 da Madre Inês de Jesus a ordem de escrever suas memórias. No ano seguinte, produz a redação do Manuscrito A. No mês de abril de 1895 confia a Irmã Teresa de Santo Agostinho: "morrerei em breve".

Início de abril 1897, está gravemente enferma e em 06 de abril, dá início às últimas palavras.

Aos vinte e nove de setembro de 1897 agonia e confissão ao Padre Faucon. Morre no dia seguinte diante da comunidade reunida, por volta das 19h 20min. Foi sepultada no Cemitério de Lisieux, aos 04 de outubro de 1897. Proclamada principal padroeira das missões em 1927, padroeira secundária da França em 1944, e Doutora da Igreja, que nos ensina o caminho da santidade pela humildade em 1997, na data do seu centenário.

Santa Terezinha é para o povo católico de Feiticeiro a sua padroeira desde o período de capela, na década de 30.

FONTE: Texto adaptado de Obras Completas, Ed. Loyola, 1997, p. 1285-1304). dos Links: história e cronologia. http://www.cancaonova.com/portal/canais/especial/santa_terezinha

Capítulo IV

Feiticeiro em poesias.

6 Feiticeiro em poesias.

A comunidade de Feiticeiro possui muitos artistas, inúmeros talentos, às vezes não valorizados, ou até mesmo, não identificados. Entre muitas artes encontra-se a de expressar os sentimentos a respeito desse lugar, a partir das palavras, de poesias.

Palavras que publicam o amor pela terra, traços dos anos da sua história, traços da sua cultura, ou mesmo resquícios de memórias que insistem em relacionar o passado e o momento presente. Palavras que neste projeto de escrevermos sobre a comunidade não poderiam deixar de ser, também, transcritas.

Assim, convidamos alguns irmãos desse lugar que, através de suas poesias, expressam sentimentos, conhecimentos, expõem rabiscos feitos à flor da pele, quando muitas vezes descarregam fortes emoções.

O João, o metalúrgico poeta, e os professores Iramar, Narcisa, Sarah e Geraldo e a líder no grupo do idoso, a D. Lourdes, semearam memórias, sentimentos e conhecimentos a respeito da comunidade de Feiticeiro.

Deleitem-se, leitores, nas linhas e entrelinhas das poesias que se seguem.

A nossa falta de fé e os desígnios de Deus.

Geraldo Bezerra de Menezes.

Quem conhece o evangelho
Quem lê a santa escritura
Sabe da falta de fé
Que provém da criatura
Porém o mesmo Jesus
Que caiu levando a cruz
Ainda hoje perdura.

Não vamos falar de longe
De países ou cidades
Que ficam muito distantes
Da nossa realidade
Mas vou narrar um relato
Que aconteceu de fato
Na nossa comunidade

No distrito de Feiticeiro
Lugar de gente bem forte
Se possui um grande açude
Foi feito pelo DNOCS
Um dia veio a secar
O que chegou a levar
Quase esse distrito à morte.

Se passava na parede
Se observava o vazio
O enorme paredão
Só nos causava arrepio
Não tinha uma gota d'água
Para aliviar a mágoa
Dessa terra, no estio

Muita gente blasfemava
Dizia: é maldição
Muita gente foi embora
Por causa do sequidão
E Deus no céu vendo tudo
Dizia: esse quadro eu mudo
Quando for ocasião.

Muito político influente
Visitou nosso local
Mentiu e carregou voto
Na campanha eleitoral
Prometeu transposição
Enganou nossos irmãos
Fazendo um papel banal.

No ano dois mil e quatro
Logo no mês de janeiro
A Funceme anunciava
É seca no Nordeste inteiro
A alegria tardava
E ai como isso pesava
Nas costas de Feiticeiro

Porém lá no céu chegou
O clamor da oração
Feita por quem possui fé
Com os joelhos no chão
Deus disse eu resolvo agora
Nesse instante sem demora
Aquela situação.

O céu ficou meio pardo
Choveu de noite e de dia
Nem relâmpago nem trovão
No espaço se ouvia
Era só água descendo
Todo momento correndo
Para dentro da bacia.

O açudão foi enchendo
Era só água, somente
Não sangrou ficou pertinho
Só faltou mais uma enchente
Com certeza Deus olhou
E desse jeito deixou
Por achar conveniente.

Não sou contra o cientista
Nem também contra a ciência
Mas a matéria de chuva
É coisa da providência
Por que Deus faz e desmancha
E a sua mão alcança
Aonde o homem nem pensa.

Ai está nossa história
Da forma que aconteceu
Todos somos testemunhas
Do tanto que se sofreu
Era só falta de fé
Analise como é
Quem manda no mundo é Deus.

Poesia.

Iramar Miranda.

Poesia,
é igual
ao ninho
de passarinho!
Ah!...
É!...
O ninho que aconchega
Três ovinhos...
Ou quatro...
Ou mais de dez
e os filhotes nascem
crescem
voam
e...
A poesia
Fica,
Em Feiticeiro!

Iramar Miranda.

A água corre depressa
riacho abaixo
e fica presa na represa
e se desafronta...
Não foi até lá em baixo
Ficou em cima
no açude,
Távora!

O vento que sopra
sopra rápido
sopra forte
sopra depressa
e leva a nuvem
a chuva não cai...
Tomás!

O sol que ilumina
é forte
é quente,
e seca o solo
e seca a planta
e seca nosso juízo,
Berto!

E a panela queima
e o almoço não sai...
Zezinha!

A terra seca
e solta poeira
e os olhos secam
e as lembranças fluem
no tempo da ira...

Feiticeiro em versos.

João Batista Nunes.

Há muito tempo o povo
Tenta entender o motivo
Vou revelar o segredo
Vou arrancar do arquivo
Conto um fato verdadeiro
A história de Feiticeiro
Contada toda em um livro

Não vou deixar no arquivo
Pra o povo vou contar tudo
Abram as páginas do livro
E leiam seu conteúdo

Li a história com calma
E revelei o que pude
A vila surgiu após
A construção do açude

A origem do nome deve-se
Ao riacho do mesmo nome
Tinha foragem à vontade
Pra o gado matar a fome

O gado chegava magro
Saia gordo e roliço
Os fazendeiros diziam
Só pode ser é um feitiço

Com a construção do açude
Fundou-se esta vila bela
No ano de 36
Inauguraram a capela

O primeiro comerciante
Naturalizado brasileiro
Conhecido como João Felix
Na vila de Feiticeiro

Ai surgiu Zé Cazuza
Pra aumentar a demanda
Chico Peixoto e Róseo
Jairo e Henrique Miranda

E no cenário político
Representando o distrito
Henrique Miranda e Jairo
Américo Bezerra e Benedito.

Um pouquinho de nós.

Maria de Fátima de Almeida

(Narciza).

A começar pelo nome
Que o nosso lugar tem
Ele é muito intrigante
E curioso também
“Feiticeiro” o que é isso?
Alguém que bota feitiço?
Porém não enfeitiça ninguém!

Sei que isso é uma lenda
Tenho certeza, não acho
Porém, a sua origem
Vem do leito de um riacho
Que na época de uma grande seca
Ele foi útil demais
Matando a fome e a sede
De diversos animais

Neste lugar tem de tudo
Do artista ao roceiro
Pois eu vou falar agora
De um famoso cancionista
Francisco de Assis Maia
Homem simples e franco
Conhecido em todo o Nordeste
Como vulgo “louro branco”.

Muita gente contribuiu
Participando dessa história
Deixo aqui uma homenagem
Se preferirem memória,
Ao sanfoneiro Raimundo de Zé Pretinho
Que muita gente animou
Ao rezador Adauto Soares
Que muita criança curou

Dando continuidade
Uma parteira vem ressaltar
A conhecida Julia de Bebê
Que veio para ajudar
Por as crianças no mundo
E a Feiticeiro povoar

Existiu uma pessoa
Muito cheia de mistérios
Estou falando de João Pedro
Homem sisudo e sério
Que também contribuiu
Com a cultura desse lugar
Introduzindo aqui a medicina popular

Tem agora a nossa escola
Que não posso esquecer também
Começando pelo terreno
Que foi doado por alguém
Um senhor chamado João Felix
Homem de muito valor
Que aqui no Feiticeiro
Como delegado atuou

Em 1952 iniciou-se a construção
No governo municipal Dr. Aparício de Figueiredo
No estadual o senhor Raul Barbosa
Na qual cada um teve sua participação
E no governo dos dois veio a construção

Seu nome é importante
E de forma pioneira
Sendo em homenagem à sogra
Parece até brincadeira
Porém engraçada demais
O nome Militana Paes
É em homenagem à sogra
Do senhor doutor Nogueira

Depois da escola prontinha
Com nome e tudo mais
Precisam-se seguir as normas
Como todo mundo faz

Professor, secretário, zelador e vigia
A escola já tinha e para dirigir
Foi nomeada nossa querida Dona Terezinha
Quanto aos alunos que por aqui passaram
Muitos fizeram por merecer
Poderia citar vários
Dos quais puderam vencer
Tem um espetacular apelidado por: Obalalá
Que lutou pelo que quis
Hoje é um homem famoso
E um conceituado juiz.

Fiz alguns desses versinhos
Em forma de brincadeira
Tentando homenagear
De uma forma maneira
Viva! Viva! Minha gente
A cultura popular brasileira.

No vai e vem das águas.

Sarah Lopes Miranda.

Tanto tempo esperando
Ver a água chegar
E sempre pensando
Será que esse ano vai dar?

Observando o céu
Admirando relampejar
E a cabeça girando
Será que esse ano vai dar?

A chuva brotando
As nuvens a gotejar
As notícias chegando
Será que esse ano vai dar?

O açude crescendo
Numa beleza sem par
A esperança aumentando
Acho que esse ano vai dar.

Cheiro de sono roubando
O sono ao se deitar
A espreita do amanhecer
Será que ele vai sangrar?

Pois hoje lhe digo, amigo
O grande dia chegou
Pode sorrir comigo
O nosso açude sangrou

Mesmo estando distante
Você pode festejar
E se tiver um instante
Venha nos visitar

Se lambuzar no feitiço
Das águas desse lugar
Pense um pouquinho nisso
Que de certo vai voltar.

Grupo do Idoso de Feiticeiro.

Lourdes Soares.

Vou falar só um pouquinho
da nossa terceira idade
Pra mim é tempo bonito
Eu digo com vaidade,
É vida bem vivida,
Vivendo a felicidade.

Eu me sinto bem feliz,
Nesse grupo do idoso,
Danço, brinco, faço música,
Acho tudo bem gostoso,
É assim que nós fazemos,
Pra mim é maravilhoso.
Nosso grupo é animado,
Tem boa apresentação,
Todos brincam com respeito,
Temos bem educação,
É tudo que nós queremos,
Gente de reputação.

Capítulo VII

Considerações Finais

7 Considerações finais

O cotidiano das pesquisas de campo oportunizou observar, também, na comunidade espaços nos quais a cultura local tenha sido algo valorizado.

O Grupo do Idoso de Feiticeiro é um ambiente com objetivo de congregar os idosos da comunidade com atividades voltadas ao corpo e à mente, bem como integrá-los promovendo a inclusão social.

Fundado em dezembro de 2008, e oficializado junto à Secretaria de Assistência Social, em 26 de março de 2009, são diversas as atividades que ocorrem, principalmente, aos domingos, no final da tarde. O Grupo do idoso da comunidade foi idealizado pelo senhor José Gomes de Miranda e tem, atualmente, três importantes líderes: Dilma Lopes, Lourdes Soares e Liduino (seu primeiro presidente).

As comemorações de São João, Dia das Mães, Dia dos Pais, Carnaval, com desfile com caracterização em cada mês e teatro: O drama da baiana, desfile cívico, apresentações natalinas, bazar, judas, festival de comidas, retiro na prainha (área de lazer no açude), e encontros de confraternizações com outros grupos de idosos da região.

Esse é o espaço coletivo no qual encontramos muitos dos filhos primogênitos dessa terra. Alguns dos que, à época do nascimento da comunidade, eram as pequenas crianças, mais hoje privilegiam os que desejam saber um pouquinho sobre o passado, a partir das suas lembranças.

A seguir o registro de acontecimentos que estão documentados em diversas fontes escritas, também, nas memórias de idosos e colaboradores mais jovens que sempre tiveram gosto por fazer anotações da história local.

A decisão tomada pela equipe de criar as partes datas e fatos e algumas curiosidades teve como motivação a insistência de alguns conterrâneos em narrar sobre os assuntos que se seguem, inclusive, às vezes questionando se iria mesmo estar no livro.

7.1 Datas e fatos nas lembranças observados:

- 1932 —21 de março a 13 de setembro: consta em documento de cartório as doações de terras para a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.
- 1932 —28 de abril: o interventor do Ceará recebe telegramas do Ministro. Solicitações da doação de terras para construção do açude.
- 1932 —09 de maio: início da construção do açude de Feiticeiro.
- 1932 —08 de julho: visita do Inspetor Luiz Vieira na obra (a roçagem do acompanhamento da bacia hidráulica está concluída).
- 1933 —16 de setembro: inauguração do açude Joaquim Távora, em Feiticeiro.
- 1933 —04 de dezembro: feiticeiro passou a ser distrito pelo Decreto Estadual nº 1156.
- 1934 —Início da construção da Igreja Católica quando o Padre em Jaguaribe era Moacir José Fernandes.
- 1934 —Criação do cartório civil de Feiticeiro de propriedade do sr. Delermano de Brito Filho.
- 1936 —Término da obra da Igreja, quando o padre em Jaguaribe era Isaac Antero Soares. A capela em honra a Santa Terezinha.
- 1938 —31 de março: a Lei nº169, estabelecida pelo interventor federal Francisco de Menezes Pimentel, modifica o nome do distrito de Feiticeiro para Joaquim Távora.
- 1944 —24 de dezembro: inaugurada a energia a motor, que era dado um sinal através da própria transmissão. O prefeito de Jaguaribe Altamiro Carvalho foi quem veio inaugurar.
- 1946 —Chegada do primeiro fotógrafo que residiria na comunidade, Raimundo Mixarias.
- 1948 —A Lei nº 213 de 9 de junho de 1948 altera a denominação de Joaquim Távora para Feiticeiro.
- 1951 —Outro motor para energia foi instalado onde atualmente é o prédio dos correios. A inauguração foi realizada pelo Dr. Aparício, prefeito de Jaguaribe.

- 1951 a 1953 —Grande seca atinge o Nordeste brasileiro.
- 1952 —Início da construção da primeira escola —Grupo Escola Isolada. O governador do estado era Raul Barbosa e o prefeito de Jaguaribe Dr. Aparício Bezerra. O construtor da escola foi Altamiro Carvalho.
- 1954 —Inauguração de uma Escola Isolada.
- 1955 —Após vários anos com chuva abaixo da média (desde a seca de 1951) o açude secou totalmente.
- 1958 —É construída uma nova casa na área do DNOCS que serviria para festas, recepções e o chefe do órgão residente na comunidade transfere-se para essa casa. Alguns a conhecem como Catete.
- 1958 —Durante a seca —as casas feitas abaixo da antiga caixa de água do DNOCS foram feitas no período conhecido como emergência”, para servir de mão de obra aos assistidos pelo governo.
- 1962 —O Grupo Escola Isolada passa a ser Grupo Escolar Militana Paes. O nome é uma homenagem à sogra do então deputado Francisco Nogueira Diógenes.
- 1963 —21 de maio: a Lei nº 6307 publicada no governo de Virgílio Távora emancipa o distrito de Feiticeiro à categoria de município.
- 1963 —29 de novembro: a capela de Feiticeiro passa a ser Paróquia.
- 1965 —14 de dezembro: a Lei nº 8339 altera a condição de município e Feiticeiro volta a ser distrito. Aprovada pela Assembleia Legislativa.
- 1965/1966: construção da casa paroquial de Feiticeiro.
- 1966 —13 de fevereiro: chegada do primeiro vigário na Paróquia de Santa Terezinha, Padre João Eudes.
- 1966 — 24 de julho: reunião liderada pelo Professor Oscar para dar início às organizações da construção do Colégio Abraão Lincoln (atualmente Escola Maria Eneida). Enquanto estava em construção o mesmo funcionou na Escola Militana Paes.
- 1966 — O médico Dr. Campello atendia uma vez por semana (sexta-feira) num quarto lateral da Casa Paroquial.
- 1967 — maio: fundação da Delegacia do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaguaribe no distrito de Feiticeiro.

- 1968 — Início da construção do posto médico Kátia Maria de Freitas, finalizado em 1969. A planta desse prédio foi feita por Edson Peixoto e a obra coordenada por Bezerrinha Peixoto.
- 1970 — 15 de fevereiro: saída de Padre João Eudes da comunidade de Feiticeiro.
- 1972 — Missões na Igreja Católica com a visita de Frei Damião, no prédio da Brasil Oiticica.
- 1973 — A família Facundo retorna a Feiticeiro vinda da região de Conceição dos Vicentes, em Orós. Esse é o momento que marca a fundação da Igreja Assembleia de Deus.
- 1975 — Início da energia elétrica, inaugurada pelo governador Coronel Aduino Bezerra, em evento realizado na sacada da casa paroquial.
- 1981 — Pedra fundamental da Igreja Assembleia de Deus.
- 1985 — 14 de maio: estabeleceu a zona urbana para o distrito de Feiticeiro na administração do Prefeito Franklin Gondim.
- 1985 — Construção da estação de água, administrada pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto — SAAE.
- 1985 — Inauguração do Sistema de Tratamento de Água da Fundação Nacional de Saúde — FNS, tendo funcionado até 1990.
- 1993 — O açude estava, completamente, seco pela segunda vez.
- 1993 — Construção do poço próximo ao SAAE quando o açude estava seco.
- 1995 — Início da construção da capela São João Batista, no cemitério local, idealizado e coordenado pelo sr. Tarcísio Cardoso, com rifas, bingos e solicitações de doação.
- 1997 — Inauguração da capela de São João no cemitério.
- 1997 — Independência da Igreja Assembleia de Deus da sede em Jaguaribe.
- 1997 — Implantação de um dessalinizador como alternativa para melhorar a água de consumo.
- 1998 — 27 de maio: novo perímetro urbano da Vila de Feiticeiro na administração do prefeito José Sérgio Diógenes.

- 1998 — Reforma na Igreja Católica levantadas duas torres no seu frontispício.
- 2003 — Chegada do Padre Alighiero, segundo pároco a residir na comunidade.
- 2004 — janeiro: o açude estava novamente cheio após quase doze anos, totalmente, seco. Alguns moradores solicitaram registrar os momentos de orações coordenadas pelo pároco na parede do açude antes das primeiras chuvas. Há pessoas que acreditam ser um milagre o retorno das águas.
- 2005 — 10 de novembro: reinauguração da igreja Assembleia de Deus, após reforma.
- 2008 — 04 de março: fundação da Igreja Batista Regular de Feiticeiro por iniciativa de José Eudes de Castro.
- 2008 — 30 de maio: o açude sangrou.
- 2009 — 04 de março: mudança de sede da Igreja Batista (prédio próprio).
- 2009 — 19 de dezembro: chegada do missionário Antônio Alves Ferreira de Araújo que toma posse como pastor na Igreja Batista, em 17 de junho de 2010.
- 2011 — 17 de janeiro: momento de saída de Padre Alighiero, um exemplo de homem solidário e de apego aos mais humildes.
- 2011 — 08 de abril: chegada do Padre Airton da Silva, terceiro pároco a residir na comunidade.
- 2011 — 02 de outubro: inauguração do canal de integração das águas Orós para Feiticeiro. Obra das mais prometidas em campanhas, desde a década de 90 e que chega após o açude está cheio.

FONTES: Registros de diálogos informais com colaboradores da pesquisa e consulta em acervos diversos.

7.2 Algumas curiosidades:

Primeiras famílias do sítio Feiticeiro: Andresa, Berto, Cunha, Gonçalves e Pedrosa;

Os dois funcionários do Ifocs que fizeram, em cartório, doações de terras de proprietários ao órgão foram: José Anastácio de Souza Aguiar e Luis Augusto da Silva Vieira.

O inspetor da Ifocs, engenheiro Luis Augusto da Silva Vieira, visitou a obra na roçagem da mata e declarou existirem 2.750 trabalhadores em campo.

O engenheiro responsável pela construção do açude foi o Dr. Francisco Tomé da Frota.

O médico responsável pela assistência à saúde dos trabalhadores foi o Dr. Manoel Carlos de Gouveia.

O primeiro registro de nascimento no cartório de Feiticeiro foi o de Pedro de Sousa, filho de Pedro de Sousa Rolim e Anna Madalena do Amor Divino, ocorrido em 25 de agosto de 1934.

O primeiro casamento foi em 06 de outubro de 1934, às 10 horas. Os noivos eram Orotildes Biserra de Sousa e Maria do Nascimento Biserra.

Em 1936, o irmão de José Benjamim Cunha veio fotografar as mulheres para que as mesmas fizessem documentos de votação.

A primeira sangria do açude foi no ano de 1937.

A comunidade, por cerca de cinco anos, 1938 a 1943, foi denominada de Joaquim Távora, mas voltou a ser Feiticeiro.

Nos finais dos anos 30, Feiticeiro estava exportando algodão e oitica. A economia era impulsionada por atividades agrícolas;

Por volta de 1941, o senhor Henrique Miranda em sociedade com Neo Costa de Jaguaribe possuíam um jogo de bilhar que era sucesso. Inclusive muitas pessoas da sede vinham para jogar no fim de semana;

Em 28 de dezembro de 1945, o Decreto Lei nº 8.486 transforma a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas Ifocs, em Departamento Nacional de Obras Contra as Secas —DNOCS;

Na parte de comunicações.

Radiadora de propriedade do sr. Israel teve início no começo de 50 e durou até 1959. Nela havia muito envio de recadinhos apaixonados, inclusive alguns apenas com as iniciais do remetente. Sempre às 18h acontecia a hora do anjo. A locução feita por Heleomar Maia, filho do sr. Raimundo Lúcio.

A segunda radiadora da comunidade era na residência do seu Cícero Nunes, sua filha Djandira fazia as atividades da mesma. Divulgação de eventos, avisos do DNOCS, notícias de sepultamento, avisos da chegada do médico e Ave Maria foram essas utilidades públicas e de fé, também, uma série que divertia os mais jovens: recadinhos, músicas românticas. Essa radiadora funcionava no início da década de 70, porém, não houve informação de quando terminou.

A terceira radiadora da comunidade, diferentemente, das duas anteriores não tinha cunho de entretenimento, apenas focava em informações importantes, pois a mesma estava instalada na Igreja católica. Assim: avisos de atividades da Igreja, da chegada da água no carro-pipa (no período do açude seco) e do carro da verdura. Quem fazia a locução nessa radiadora era a sra. Idalina. O período era da década de 90 e início dos anos 2000.

7.3 Telefones

Nos anos de 1950: o primeiro telefone foi instalado no DNOCS, e funcionava com um sistema conhecido como chamada breve e chamada longa;

Nos anos de 1960: um telefone da prefeitura, primeiro funcionou na residência do sr. Raimundo Lúcio, depois foi instalado na casa de Dona Anausa. Fazia ligações para Nova Floresta e Jaguaribe.

No começo, o telefone era um poste de madeira com fio de cobre, houve furtos e passou a ser usado arame farpado.

Nos anos de 1980, havia o posto telefônico, com telefonistas de plantão, cabines, como também, telefone com ramais em residências.

A chegada da televisão na comunidade foi um verdadeiro evento. Na calçada da Igreja era colocada a TV e protegida do sol com uma lona. Os jogos da copa de 1970 foram assistidos nesse local.

Ainda na década de 70, a televisão pública passou a ser instalada numa coluna de alvenaria, dentro de uma caixa de madeira, na praça.

As primeiras televisões em residências, segundo informações foram de José Soares, dona Imeuda e João Felix.

Nos anos de 1980, essa televisão foi levada para ser assistida na calçada da casa do sr. Adão.

Os jovens dos anos de 1960 vivenciaram momentos interessantes no Grêmio Recreativo Estudantil Santa Terezinha —GREST. Espaço no qual os jovens que estudavam fora e vinham nas férias traziam toda uma influência para a cultura local e interagiam, bastante, com os que estavam na comunidade.

Músicas, acesso aos livros doados ao grupo e emprestados aos seus membros para ampliarem conhecimentos através da leitura, festas denominadas de tertúlias, luaradas, piqueniques, jornais, prática de vôlei, dentre outras atividades.

Por muito tempo, houve o controle das produções através do DNOCS, na época com 513 vazantes, 408 rendeiros e 1674 pessoas beneficiadas, diretamente, de renda do açude e seu entorno;

O açude ficou, totalmente, seco no período de 1992 a 2003. Mesmo existindo invernos dentro da média do Nordeste ele não recebia água

A educação local passou por dois momentos negativos na sua história recente: o fim do Colégio Abraão Lincoln, pertencente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC e a anexação, por medida de governo do estado da Escola Militana Paes a Escola Gustavo Barroso, em Nova Floresta

A área territorial é de 387, 28km²

População de 5.004 habitantes, de acordo com o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas —IBGE.

FONTE: Relatadas por colaboradores ou em acesso aos documentos consultados no decorrer da pesquisa.

7.4 Colaboradores do livro:

A produção da escrita deste livro não seria possível sem os documentos consultados nas instituições que listamos a seguir, nem muito menos,

sem a colaboração das pessoas listadas que cederam entrevistas, dialogaram, informalmente, disponibilizaram documentos escritos ou fotografias, ou mesmo, foram elos entre a nossa equipe e as fontes.

A eles nosso profundo agradecimento.

7.5 Colaboradores (fontes):

Ademir Malaquias (Sítio Cipó)

Clodoaldo Bessa (Codó in memoriam);

Deoclecio Rodrigues Maciel

Francisco Augusto Silva (senhor Chicão);

Francisco Vieira Cunha (Chico Ivo - Sítio Córrego do Saco)

Geraldo Alves de Miranda (in memoriam);

Isaquiel Rodrigues (Isaque - Sítio Córrego das Pedras)

João de Deus (João Cambota);

João Batista da Silva (João Malaquias);

Maria Fernandes da Silva (dona Mariquinha);

Raimundo Pereira Maia (Raimundo Lúcio —in memoriam);

Raimundo Nonato da Silva (Padre —in memoriam);

7.6 Instituições/Arquivos

Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF;

Biblioteca Menezes Pimentel em Fortaleza (Setor microfilmes);

Cartório de Feiticeiro (Elane Batista);

Casa Paroquial de Feiticeiro;

Casa Paroquial de Jaguaribe;

Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação —11ª CREDE;

Cúria Diocesana em Limoeiro do Norte;

Escola de Ensino Médio Militana Paes;

Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Maria Eneida Peixoto Soares;

Grupo do Idoso de Feiticeiro;

Secretaria da Assembleia de Deus em Feiticeiro;

7.7 Informações (fontes primárias ou secundárias):

Ana Abraíldes Vieira (Ana Sousa — sítio Vieiras);

Ana Felix da Silva (Ana Malaquias);

Ana Verbênia Peixoto Gomes de Miranda

Antônia Gonçalves Barbosa;

Antônio Jucenildo do Nascimento;

Ari Freitas;

Belisário Belo;

Bispo Dom José Haring;

Carlos Rogério da Silva;

Cícero Oliveira de Souza (Cícero do sindicato);

Dilma Lopes;

Durguileide Lima;

Fabrcio Criart (arte/diagramação);

Fátima Liduina;

Fausto Teixeira Peixoto (Orós);

Francisca Erineide Oliveira;

Francisco Arioston Bezerra Barbosa;

Francisco Bezerra Peixoto (Bezerrinha);

Francisco César Cândido Queirós;

Francisco de Souza Lima;

Francisco Erivando Abraão Maia;
Francisco Everardo Peixoto;
Francisco Gomes (Ademir Formiga);
Francisco Itamaré Barreto;
Francisco Jairo Peixoto Soares;
Francisco Jairo Peixoto Soares Filho;
Francisco Nogueira Nunes (in memoriam);
Gleidimar Alves de Oliveira;
Grazielle Nascimento;
Isaac Azevedo;
Jorge Rodrigues (in memoriam);
José Elanio de Souza (Caiano do SAAE);
José Gomes de Miranda (Zé Miranda);
José Pinheiro Peixoto (Zé Colega);
Júlia Gonçalves de Lima;
Loélia Coelho Pequeno (Orós);
Luis Evandi Abraão Maia;
Márcia Andrea Alves de Oliveira;
Maria Brígida Gomes;
Maria das Dores Nunes (Dorita);
Maria de Lourdes Soares;
Maria Djandira Nunes Sampaio;
Maria do Socorro da Silva
Maria Ednir Gomes;
Maria Edva Alves;
Maria Ivanete da Silva de Sousa
Maria José Gomes Peixoto (Mana, in memoriam);
Maria Luiza Teixeira Vidal (Orós);

Maria Luzaneide de Lima (Orós);
Maria Oliveira da Silva;
Maria Senhora Sousa;
Nilvaneide Teixeira (fotografias);
Padre Airton da Silva;
Professor Francisco Moacir de Carvalho;
Professor Geraldo Bezerra;
Professor José Jorge Rodrigues;
Professor José Luis Nascimento;
Professor José Maildo Nunes;
Professora Ana Miranda;
Professora Idalina Cunha;
Professora Francisca Edileusa Moraes;
Professora Iramar Miranda;
Professora Kátia Rodrigues;
Professora Lidiane Pinheiro
Professora Luisa Danielly Nunes Lima;
Professora Maria Adauneide Soares;
Professora Maria Adautina Soares de Sousa;
Professora Maria Alda Cunha;
Professora Maria das Dores Soares (Dorinha);
Professora Maria de Fátima Almeida (Narcisa);
Professora Maria Ester;
Professora Maria Gláucia Almeida de Oliveira;
Professora Maria Neuma de Oliveira;
Professor Pinheiro
Professora Raquel Antonieta da Silva;
Professora Rita de Cássia Barbosa;

Professora Sarah Lopes;
Professora Socorro Morais;
Professora Terezinha Alves Teixeira Peixoto;
Racine Távora;
Ricardo Régio Vieira (fotografias);
Rita Vescia Peixoto;
Rosa Rodrigues (dona Rosa de Saul);
Rosânia Ferreira Peixoto;
Salette Gomes Cândido
Socorro Barbosa
Teresa Peixoto (Orós);
Terezinha Cunha da Silva;
Terezinha Pinheiro;
Vicente Miranda Filho;
Vicente Miranda Neto;
Virleine Peixoto Soares Mourão;
Zezinho Pinheiro (Zezinho da Fortuna);

7.8 Alunos com participações especiais:

Caio Rafael Gonçalves;
Carla Milene da Silva;
Fernanda Bezerra Pereira;
Francisco Silderlânio;
Maria Marly da Silva;
Nayara Sousa (integrante da primeira fase do projeto);
Rafaela Lima Vasconcelos;
Raquel Vieira Fialho;

Tamares Cunha (integrante da primeira fase do projeto);

Tânia de Souza Silva.

7.9 Fontes orais:

Entrevista com Deoclécio Rodrigues no sítio Curral Novo, na sua residência em 27 de maio de 2012. Gravação concedida a Hiago Pinheiro Maciel. Acervo digital do Projeto de Pesquisa, 2012.

Entrevista com Maria Fernandes da Silva na sua residência a rua José Vidal, em 02 de fevereiro de 2012. Gravação concedida às pesquisadoras: Érica Amanda Nunes, Marina Peixoto e Aline Teixeira. Acervo digital do Projeto de Pesquisa, 2012.

Entrevista com José Miranda, à rua Santa Terezinha, na sua residência em 01 de junho de 2011. Gravação concedida às pesquisadoras: Érica Amanda, Kártila Mirele, Marina Peixoto e Aline Teixeira. Acervo digital do Projeto de Pesquisa, 2011.

Entrevista com Clodoaldo Bessa, à rua Eliseu Batista, nº 114, na sua residência, em 25 de março de 2001.

Entrevista com Raimundo Pereira Maia, à rua Santa Terezinha, nº 1.225. Gravação concedida em 20 de janeiro de 2001 a Aline Teixeira Peixoto. Acervo da pesquisadora.

Diálogos informais com os srs. Francisco Erivando Abraão Maia e Luis Evandi Abraão Maia, em conversa, no dia 17 de agosto de 2013, com Aline Teixeira Peixoto.

Entrevista com Isaac Azevedo e Idalina Cunha, concedida em sua residência à rua Santa Terezinha, a partir de um diálogo com Aline Teixeira Peixoto, em 14 de agosto de 2013.

Entrevista com Francisco Jairo Peixoto Soares, concedida no seu estabelecimento comercial, à rua Santa Terezinha, a partir de um diálogo com Aline Teixeira Peixoto, em 14 de agosto de 2013.

Entrevista com Francisco Everardo Peixoto, concedida por telefone a partir de diálogo com Aline Teixeira, em 31 de julho de 2013. Dados no acervo escrito do projeto, 2013.

Entrevista com José Miranda, à rua Santa Terezinha, na sua residência em 01 de junho de 2011. Gravação concedida às pesquisadoras: Érica

Amanda, Kártila Mirele, Marina Peixoto e Aline Teixeira. Acervo digital do projeto de pesquisa, 2011.

Entrevista com Francisco Nogueira Nunes, na sua residência, à rua Joaquim Távora, nº 903. Gravação concedida em 10 de junho de 2001 a Aline Teixeira Peixoto. Acervo da pesquisadora.

Diálogos informais com os srs. Francisco Erivando Abraão Maia e Luis Evandi Abraão Maia, em conversa, no dia 17 de agosto de 2013, com Aline Teixeira Peixoto.

Diálogo com Ana Alves Miranda, em 15 de agosto de 2013, por telefone.

Diálogos informais com Ari Freitas, em 14 de agosto de 2013, na sua residência.

Entrevista escrita com José Jorge Rodrigues, recebida em 07 de julho de 2013.

Diálogo por telefone com Francisco Bezerra Peixoto, em 31 de julho de 2013.

Diálogo com José Luis do Nascimento, na sua residência, em 1º de julho de 2013.

Entrevista com Ari Freitas, na sua residência, à rua Santa Terezinha. Gravação concedida em 09 de janeiro de 2013 aos pesquisadores: Hiago Pinheiro Maciel e Aline Teixeira.

Diálogos com Terezinha Alves Teixeira Peixoto, por telefone, em diversos momentos no período 2012-2013 com a pesquisadora Aline Teixeira.

Entrevistas com José Gomes de Miranda, na sua residência, à rua Santa Terezinha, concedidas em diversos momentos, no período 2012 a 2013 às pesquisadoras: Érica Amanda, Marina Peixoto, Kártila Mirele e Aline Teixeira.

Bispo Dom José Haring

Padre Airton da Silva

Francisco Moacir de Carvalho.

Idalina Cunha.

José Gomes de Miranda.

José Luis Nascimento

Maria Neuma de Oliveira.

Socorro Moraes.

Antônio Rosa:

Informações, gentilmente, fornecidas pelo senhor Ari Freitas.

Benedito Bezerra de Oliveira:

Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF.

Bezerra de Menezes (Família):

Adaptação de textos das obras citadas: LEAL, Vinicius de Barros. Os Bezerra de Menezes: As origens. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1976, p.7-18. Acesso em 25/out/2012.Disponível:<: <http://www.instituto-doceara.org.br/OsBezerradeMenezesAsOrigens.pdf> >

SÁ, Murilo Bezerra de. Famílias Cearenses: estudo genealógico dos Bezerra de Menezes. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1946, p. 215.

Doroteu Afonso Teixeira:

Informações dos seus parentes Fausto Teixeira Peixoto e Loélia Coelho Pequeno. Contatos realizados por Teresa Peixoto, na cidade de Orós.

CARTÓRIO 1º OFÍCIO. Doroteu Afonso Teixeira. Feiticeiro: livro de registro de óbitos de referência C4, p. 052.

Eliseu Batista:

Informações de trabalho biográfico coordenado pela Professora Raquel Silva, no então Colégio Abrahão Lincoln.

Dados coletados, gentilmente, por Teresa Peixoto junto a Emiliana Torres.

Francisco Fernandes Távora:

Informações, gentilmente, cedidas pelo sr. Racine Távora, sendo ele inclusive neto de Francisco Fernandes da Silva Távora.

Francisco Guimarães Peixoto:

Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF.

Francisco Tomé da Frota:

Dados obtidos nas informações com colaboradores participando na construção do açude Joaquim Távora.

Francisco Xavier Pinheiro:

Diálogo com sr. Zezinho Pinheiro e dona Terezinha Pinheiro ambos os netos de Francisco Xavier Pinheiro.

O contato com dona Terezinha foi realizado, gentilmente, por Terezinha Cunha da Silva.

Henrique Alves de Miranda:

Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF.

João Felix Lopes:

Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF.

Joaquim Adil Peixoto:

Informações cedidas, gentilmente, por Maria Senhora e Fátima Liduina.

Joaquim Antônio:

Texto adaptado das informações, gentilmente, cedidas por Racine Távora.

Joaquim Távora:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/biografias/joaquim_tavora

Biblioteca escolar: pasta da família Távora. Acervo, gentilmente, cedido por Racine Távora.

José Bezerra Filho:

Entrevista concedida, gentilmente, pela filha do senhor José Bezerra Filho, Antônia Gonçalves Barbosa, em 31/03/2013.

CARTÓRIO 1º OFÍCIO. José Bezerra Filho. Feiticeiro: livro de registro de óbitos de referência dados do livro de registro de óbitos de referência C4, p. 47.

José Vidal:

Informações cedidas, gentilmente, por Maria Luzaneide de Lima e Maria Luiza Teixeira Vidal em contato realizado com Tereza Peixoto.

Juarez Távora:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/biografias/juarez_tavora

Biblioteca escolar: pasta da família Távora. Acervo, gentilmente, cedido por Racine Távora.

Manoel Tomás Peixoto:

Informações, gentilmente, cedidas por Antônia Gonçalves Barbosa.

Pedro Xavier Pinheiro:

Adaptado da biografia produzida por familiares e que é parte do acervo da Associação dos Filhos e Amigos de Feiticeiro —AFAF.

Rosa Ivo Cunha:

Entrevista com familiares, D. Rosa e D. Idalina, José Miranda, diálogos informais com outros colaboradores.

Registro de óbito nº 1867, do ano de 1963 no cartório de Feiticeiro.

Santa Terezinha:

Texto adaptado de *Obras Completas, Ed. Loyola, 1997, p. 1285-1304*.
dos

Links: história e cronologia. http://www.cancaonova.com/portal/canais/especial/santa_terezinha

Geraldo Bezerra de Menezes.

Iramar Miranda.

João Batista Nunes.

Lourdes Soares.

Maria de Fátima Almeida (Narcisa).

Sarah Lopes.

8 Referências Bibliográficas

ARRUDA, Assis. Os Ferreira da Ponte (Genealogia Sobralense) 1679 —2010. vol. IV, tomo VI. In: www.genealogiasobralense.com.br

AURELIANO MATOS. Carta de criação da Paróquia de Feiticeiro, Decreto nº 06. Jaguaribe: livro tomo nº 5, 30 de novembro de 1963.

CARIOCA, Osvaldo. Oiticica, rica em óleo, precisa de um investidor. Diário do Nordeste, Fortaleza, 05 de Nov. 2009. Disponível em: <[http:// blogsdiariodonordeste.com.br](http://blogsdiariodonordeste.com.br)>. Acesso em 13 ago. 2013.

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO - JAGUARIBE. *Certidões de doação de terras: locais diversos. Cópias gentilmente cedidas pelo colaborador José Miranda para consulta.*

CAVALCANTE, Reginaldo. *Telegrama: a chegada em Fortaleza do Presidente Getúlio Vargas.* Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza, 17/09/1933.

DNOCS. *Relatório do Triênio 1931-1933. Fortaleza: DNOCS, 1934.*

FERREIRA NETO, C. Estudos de História Jaguaribana. Fortaleza: Premium, 2003.

PARÓQUIA DE JAGUARIBE. Nota. Jaguaribe: livro tomo nº 5 da Paróquia de Jaguaribe (1960-1970).

PARÓQUIA DE JAGUARIBE. Anotação de Padre Isaac Antero, em 08 de janeiro de 1937. Limoeiro do Norte: Cúria Diocesana, livro tomo nº 4, p. 30-31

RIOS, K. S. *Campos de Concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932.* Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

SARASATE, P. *Discurso do senhor Demócrito Rocha.* O POVO, Fortaleza, 18/05/1933, p. 01.

Equipe e autoria do Livro:

Aline Teixeira Peixoto —Historiadora, professora e orientadora da pesquisa; participou, parcialmente, das pesquisas em campo e arquivos; produtora de parte dos textos.

Érica Amanda Nunes Oliveira —Estudante de Pedagogia, coautora do livro; participou, parcialmente, das pesquisas em campo e arquivos; apresentadora da experiência em feiras científicas; produtora de parte dos textos.

Kártila Mirele da Silva —Estudante e coautora do livro; participou, parcialmente, das pesquisas em campo e arquivos; apresentadora da experiência em feiras científicas; produtora de parte dos textos.

Marina Bezerra Peixoto - coautora do livro; participou, parcialmente, das pesquisas em campo e arquivos; produtora de parte dos textos.

Helen Lannay de Carvalho - Estudante e coautora do livro; participou, parcialmente, das pesquisas em campo e arquivos; produtora de parte dos textos.

Hiago Pinheiro Maciel —Coautor do livro; participou, parcialmente, das pesquisas em campo e arquivos; apresentador da experiência em feiras científicas; produtor de parte dos textos.

Elineide Barbosa - Coautora do livro; participou, parcialmente, das pesquisas em campo e arquivos.

Mesa Diretora 2013-2014

Deputado José Albuquerque
Presidente

Deputado Tin Gomes
1º Vice-Presidente

Deputado Lucílvio Girão
2º Vice-Presidente

Deputado Sérgio Aguiar
1º Secretário

Deputado Manoel Duca
2º Secretário

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dedé Teixeira
4º Secretário



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

Inesp

José Ilário Gonçalves Marques
Presidente

Gráfica do Inesp

Ernandes do Carmo
Coordenador

Francisco de Moura, Hadson Barros e João Alfredo
Equipe Gráfica

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção Braille

Carol Molfese e Mário Giffoni
Equipe de Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

Lúcia Jacó e Vânia Soares
Equipe de Revisão

Email: inesp@al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-3701
Fax: (85) 3277-3707



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará
Fone: (85) 3277-2500